



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 406, DE 26 DE ABRIL DE 2023

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Ciências da Sociedade, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

A VICE-REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ, no exercício da Reitoria e no uso de suas atribuições conferidas pela Portaria nº 97-Reitoria, de 28 de abril 2022, publicada no Diário Oficial da União em 29 de abril de 2022, Seção 2, pág. 47, das atribuições que lhe conferem o Estatuto e o Regimento Geral da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa; em conformidade aos autos do Processo nº 23204.014216/2022-85, proveniente do Instituto de Ciências da Sociedade – ICS; em cumprimento à decisão do egrégio Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – Consepe, tomada na 2ª reunião ordinária, realizada em 26 de abril de 2023, em formato virtual, promulga esta resolução.

Art. 1º Fica aprovado o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia do ICS, da Ufopa, de acordo com o Anexo que é parte integrante da presente Resolução.

Art. 2º Ficam revogadas a Resolução Consepe nº 93, de 24 de fevereiro de 2015, e a Resolução Consepe nº 263, de 20 de agosto de 2018.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com publicação na página dos Conselhos Superiores no [Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos – SIGRH](#).

SOLANGE
HELENA XIMENES
ROCHA:35747579
215

Assinado de forma digital
por SOLANGE HELENA
XIMENES
ROCHA:35747579215
Dados: 2023.05.03
15:04:44 -03'00'

SOLANGE HELENA XIMENES ROCHA
Presidente em exercício do Consepe



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ANEXO

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ANTROPOLOGIA

Santarém

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

SUMÁRIO

PARTE I: INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS	7
1 A MANTENEDORA.....	7
1.1 Dados da mantenedora.....	7
2 A MANTIDA.....	7
2.1 Identificação	7
2.2 Atos legais de constituição	7
2.3 Dirigente principal da mantida	8
2.4 Dirigentes atuais	8
2.5 Breve histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará.....	8
2.6 Missão institucional	12
2.7 Visão institucional	12
2.8 Princípios norteadores	12
PARTE II: INFORMAÇÕES DO CURSO	15
1 DADOS GERAIS DO CURSO	15
2 JUSTIFICATIVA	15
3 CONCEPÇÃO DO CURSO	17
3.1 Número de vagas	18
4 OBJETIVOS DO CURSO	18
4.1 Objetivo geral	18
4.2 Objetivos específicos	19
5 FORMAS DE INGRESSO NO CURSO	19
6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO	21
6.1 Competências e habilidades.....	22



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

7 METODOLOGIA DO CURSO.....	23
7.1 Atividades de sala de aula.....	23
7.2 Atividades de trabalho de campo.....	23
8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	24
8.1 Estrutura curricular	24
8.2 Conteúdos curriculares	30
8.3 Representação gráfica do perfil de formação	37
8.4 Ementário e bibliografias.....	38
8.5 Atividades complementares.....	38
8.6 Atividades de extensão	41
8.7 Estágio curricular supervisionado.....	41
8.8 Trabalho de Conclusão de Curso.....	42
9 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	44
10 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	44
10.1 Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino-aprendizagem.....	45
11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	49
12 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO	51
12.1 Políticas de ensino	51
12.2 Políticas de pesquisa	52
12.3 Políticas de extensão.....	53
12.4 Políticas integradas	55
13. POLÍTICA DE ACESSIBILIDADE	55



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

14. POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS	57
15 APOIO AO DISCENTE	59
PARTE III: RECURSOS HUMANOS.....	62
1 APOIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO	62
1.1 Direção do instituto.....	62
1.2 Coordenação do curso.....	62
1.3 Coordenação acadêmica	65
1.4 Coordenação técnica.....	65
2 ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO–ADMINISTRATIVA	66
2.1 Coordenação administrativa	66
2.2 Secretaria Executiva	66
2.3 Acompanhamento de egressos.....	66
2.4 Órgãos colegiados.....	67
3 CORPO DOCENTE	68
3.1 Titulação dos docentes do curso	68
3.2 Titulação dos docentes convidados	69
3.3 Quadro de professor por disciplina.....	69
3.4 Percentual de doutores e mestres	74
3.5 Política e plano de carreira.....	74
3.6 Critérios de admissão.....	75
3.7 Plano de qualificação e formação continuada e apoio a participação em eventos.....	75
3.8 Incentivo à formação/atualização pedagógica dos docentes	75
3.9 Experiência profissional do docente	75



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

3.10 Experiência no exercício da docência superior	76
3.11 Produção científica, cultural, artística ou tecnológica (2019-2022)	77
4. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE - NDE.....	77
PARTE IV: INFRAESTRUTURA.....	79
1 INSTALAÇÕES GERAIS.....	79
2 SALAS DE AULA	80
3 ESPAÇO DE TRABALHO PARA DOCENTES EM TEMPO INTEGRAL.....	80
4 SALA COLETIVA DE PROFESSORES	80
5 ESPAÇO DE TRABALHO PARA COORDENAÇÃO DO CURSO	81
6 AUDITÓRIOS.....	81
7 BIBLIOTECA.....	81
7.1 Bibliografia básica e complementar por unidade curricular.....	83
8 LABORATÓRIOS	84
8.1 Co-Laboratório de Antropologia Rural e da Resistência- CO-LA-RR	85
8.2 Laboratório de Antropologia Sonora e Etnomusicologia - LAnSE.....	86
8.3 Laboratório de Antropologia Visual e Arqueologia da Imagem - LAVAI.....	87
8.4 Laboratório de Etnologia - LABORe	88
8.5 Laboratório TEPAHÍ - Terras, Paisagens, Histórias e Imagens na Amazônia.....	88
8.6 Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca).....	90
8.7 Núcleo de Pesquisa e Documentação de Expressões Afro-Religiosas no oeste do Pará e Caribe - NPDAFRO	91
9 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP).....	92
10 ACESSO DOS ALUNOS A EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA.....	93



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

11 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS	95
12 INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA	95
ANEXOS	98
Anexo 1 - Ementário e bibliografia	98
Anexo 2 - Portaria de criação do curso.....	145
Anexo 3 - Portaria de criação do NDE	147
Anexo 4- Ata de aprovação do PPC pelo NDE/Colegiado.....	148
Anexo 5 - Ata de Aprovação do PPC pelo Conselho	157
Anexo 6 – Portaria de nomeação da coordenadora do curso.....	160
Anexo 7 – Regulamento de Atividades Complementares	161
Anexo 8 – Regulamento para Trabalho de Conclusão de Curso	165



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PARTE I: INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

1 A MANTENEDORA

1.1 Dados da mantenedora

Mantenedora:	Ministério da Educação							
CNPJ:	00.394.445/0003-65							
End.:	Esplanada dos Ministérios, Bloco L					n°	s/n°	
Bairro:	Zona Cívico Administrativa	Cidade:	Brasília	CEP:	70.047-900	UF:	DF	
Fone:	(61) 2022-7828 / 7822 / 7823 / 7830							
E-mail:	gabinetedoministro@mec.gov.br							

2 A MANTIDA

2.1 Identificação

Mantida:	Universidade Federal do Oeste do Pará						
CNPJ:	11.118.393/0001-59						
End.:	Rua Vera Paz				n°	s/n°	
Bairro:	Salé	Cidade:	Santarém	CEP:	68.040-255	UF:	PA
E-mail:	reitoria@ufopa.edu.br		gabinete@ufopa.edu.br				
Site:	www.ufopa.edu.br						

2.2 Atos legais de constituição

Dados de Credenciamento:	
Documento/N°:	Lei nº 12.085, de 06 de novembro de 2009
Data do Documento:	05 de novembro de 2009
Data de Publicação:	06 de novembro de 2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

2.3 Dirigente principal da mantida

Cargo:	Reitora						
Nome:	Aldenize Ruela Xavier						
CPF:						
End.:	Rua Vera Paz				n°	s/n°	
Bairro:	Salé	Cidade:	Santarém	CEP:	68.040-255	UF:	PA
E-mail:	aldenize.xavier@ufopa.edu.br						

2.4 Dirigentes atuais

Reitora: Profa. Dra. Aldenize Ruela Xavier

Vice-Reitora: Profa. Dra. Solange Helena Ximenes Rocha

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Profa. Dra. Honorary Kátia Mestre Correa

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica: Profa. Dra. Kelly Christina Ferreira Castro

Pró-Reitora de Comunidade, Cultura e Extensão: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. Dr. Cauan Ferreira Araújo

Pró-Reitor de Administração: Warlivan Salvador Leite

Pró-Reitor de Gestão Estudantil: Prof. Me. Luamim Sales Tapajós

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Profa. Ma. Fabriciana Vieira Guimaraes

Diretora do Instituto de Ciências da Sociedade: Profa. Dra. Ana Maria Silva Sarmiento

Coordenadora do Bacharelado em Antropologia: Profa. Dra. Luciana Barroso Costa França

2.5 Breve histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará

A Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) foi criada pela Lei nº 12.085, de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

5 de novembro de 2009, sancionada pelo Presidente da República em Exercício José Gomes Alencar da Silva e publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 6 de novembro de 2009. É uma instituição de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede no interior da Amazônia brasileira, especificamente na cidade de Santarém, que tem a terceira maior população do estado do Pará.

A Ufopa é uma universidade multicampi: além de Santarém, tem campi nos municípios de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Em Santarém, existem a Unidade Rondon, antigo campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), e a Unidade Tapajós, antigo Núcleo Interinstitucional de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (NDSA), onde funcionava a Unidade Descentralizada da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA Tapajós).

A história da Ufopa iniciou com o processo de interiorização dos cursos de graduação da UFPA em Santarém, efetivamente em 1971, pelo Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, criado em 14 de outubro de 1970 (Resolução nº 39/1970-CONSEP-UFPA). Inicialmente, foram ofertados cursos de licenciaturas de curta duração, no período de 1971 a 1973, cujas atividades de ensino foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Médio Álvaro Adolfo da Silveira.

O Núcleo de Educação foi reativado em 1980, proporcionando que, no período de 1980 a 1983, fossem realizados novos cursos de licenciatura de curta duração e cursos de complementação de estudos para os professores da rede básica de ensino que já possuíam a licenciatura de curta duração. Posteriormente, um convênio realizado entre a UFPA e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), em 1983, possibilitou o início do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. As atividades referentes a este curso foram desenvolvidas na Escola Municipal Everaldo de Souza Martins, cedida à UFPA pela Prefeitura Municipal de Santarém, onde hoje funciona a Unidade Rondon da Ufopa.

Em janeiro de 1987 a UFPA começou o processo de interiorização por meio de 8



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

(oito) campi universitários em municípios considerados polos de desenvolvimento do Pará: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure. Em cada um deles foram implantados cinco cursos de Licenciatura Plena – Matemática, Letras, Geografia, História e Pedagogia –, todos iniciados em janeiro de 1987. Estabeleceu-se também que os campi teriam como abrangência os 143 (cento e quarenta e três) municípios paraenses. Todos os campi da UFPA foram criados com a expectativa de, no futuro, serem transformados em Universidades. Além disso, os cursos lá disponíveis inicialmente funcionavam no período intercalar, com os professores sendo deslocados do campus de Belém.

Com a finalidade de dar um caráter permanente às ações da UFPA no município de Santarém, no princípio da década de 1990, deu-se início à implantação de cursos em caráter permanente, com corpo docente próprio.

Em 2000, foi elaborado um projeto de transformação do Campus Universitário da UFPA em Santarém no Centro Universitário Federal do Tapajós, como estratégia para criação da Universidade Federal do Tapajós.

Em 2003 começou o processo de interiorização da UFPA com a criação da Unidade Descentralizada do Tapajós (UFPA Tapajós). O Campus da UFPA Tapajós começou a funcionar nas instalações do Centro de Tecnologia Madeireira (CTM) da Sudam, que em 20/12/2005 passou a ser denominado de NDSA.

Em 2006, foi apresentado um Projeto Legislativo no Senado Federal, com o objetivo de criar duas Universidades Federais no Estado do Pará, sendo uma com sede em Santarém e outra com sede em Marabá.

Em solenidade comemorativa aos 50 anos da Universidade Federal do Pará, ocorrida no Teatro da Paz em Belém (PA), em 2 de julho de 2007, o então Reitor Alex Fiúza de Melo entregou ao Ministro da Educação Fernando Haddad o projeto de criação e implantação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Posteriormente, os Ministros da Educação, Fernando Haddad, e do Planejamento, Paulo Bernardo da Silva, encaminharam a Exposição de Motivos Interministerial nº 332/2007/MP/MEC ao Exmo. Senhor Presidente da República em 11 de dezembro de 2007. Isso possibilitou que, em fevereiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de 2008, o Projeto de Lei – PL 2879/2008, propondo a criação da Ufopa, fosse enviado ao Congresso Nacional.

A Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC) instituiu a Comissão de Implantação da Ufopa pela Portaria nº 410, de 3 de junho de 2008, com a finalidade de realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular, administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando a atender aos objetivos previstos no Projeto de Lei nº 2879/2008. O Ministro da Educação instalou a comissão e empossou o seu presidente, Prof. Dr. José Seixas Lourenço, no dia 4 de julho de 2008.

Nesta mesma data foi instituído um Conselho Consultivo integrado pelo Governo do Estado do Pará (Vice-Governador, Sedect, Fapespa, Seduc, Sepaq, SIDS e Ideflor), a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – Sudam, o Banco da Amazônia, a UFPA, a UFRA e a Prefeitura Municipal de Santarém, que prestou primoroso apoio à Comissão de Implantação.

Durante todo o processo de implantação da Ufopa, foi realizada uma ampla discussão com a comunidade acadêmica local e regional. Destacamos os seminários realizados em Santarém nos dias 14 e 15 de agosto de 2008, denominados “Pensando em uma Nova Universidade, modelos inovadores de formação de recursos humanos” e “Santarém: Polo de Conhecimento, catalisador do desenvolvimento regional”. Participaram desses seminários reitores e dirigentes das mais destacadas instituições de ensino e pesquisa do país, dirigentes da SESU/MEC, Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (Capes/MEC), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Governo do Estado do Pará, Prefeitura Municipal de Santarém, docentes, técnicos administrativos e discentes.

Os resultados dessas discussões foram sintetizados no Projeto de Implantação (1ª Edição) da Universidade Federal da Integração Amazônica (Uniam), entregue ao Ministro da Educação Fernando Haddad em dezembro de 2008, em Belém (PA). Esse projeto, além de propor a mudança de nome da Universidade, apresentou uma arquitetura administrativa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

e acadêmica inovadora, flexível, interdisciplinar, empreendedora, eficiente, integrando sociedade, natureza e desenvolvimento.

Em 5 de dezembro de 2009, sob a presidência do Reitor da Universidade Federal do Pará, instituição tutora da nova universidade, foi instalado o Conselho Consultivo da Ufopa com finalidade de manter um canal de comunicação com a sociedade.

2.6 Missão institucional

Socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

2.7 Visão institucional

Ser referência na produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e interdisciplinar para contribuir com o desenvolvimento regional sustentável por meio da formação de cidadãos.

2.8 Princípios norteadores

São princípios da formação na Ufopa:

a) Responsabilidade social e pública. Orientada por valores alicerçados na democracia, justiça social, solidariedade e respeito à diversidade, a Ufopa deve formar e empreender esforços para desenvolver processos de atuação inclusivos que favoreçam o acesso de pessoas e grupos historicamente excluídos do ensino superior; pautar suas ações no respeito aos valores humanos e na preservação ambiental; defender a garantia da universidade pública e gratuita; e, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento das populações amazônicas.

b) Pertinência e desenvolvimento humano sustentável. A Ufopa deve contribuir para a redução das desigualdades e o desenvolvimento integral da sociedade, buscando atender às necessidades da população em associação com as demais instâncias públicas e privadas nos projetos de maior interesse da sociedade, no que diz respeito a propiciar o desenvolvimento humano sustentável. Deve adotar critérios e práticas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

sustentáveis, visando à renovação e ao uso racional de recursos naturais, fortalecer capacidades para inovações que propiciem o uso sustentável da geodiversidade e da biodiversidade amazônicas, em consonância com o aprimoramento continuado dos serviços ofertados e da melhoria da qualidade de vida da sociedade.

c) Interculturalidade e inclusão. A Ufopa deve primar por uma política de ações afirmativas e inclusiva, objetivando a defesa dos direitos humanos e da igualdade étnico-racial, de promoção do direito à diversidade cultural, de busca da igualdade de gênero, de garantia dos direitos das pessoas com deficiência (PcDs), bem como de diminuição da desigualdade social e do combate a todo tipo de discriminação e preconceito. A valorização de qualquer ato ou expressão que configure respeito à diversidade deve ser um compromisso institucional que norteará todas as ações e práticas no ambiente acadêmico.

d) Relevância científica, artística e sociocultural. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão deve ser objeto de produção e socialização do conhecimento, na perspectiva de sua integração para valorização das manifestações científicas, artísticas e culturais, resguardada a pluralidade e a universalidade do conhecimento. A Ufopa deve desenvolver a capacidade de inovação contínua diante das transformações da sociedade e da ciência, exercitando a reflexão em face das novas demandas econômicas e sociais.

e) Interdisciplinaridade. A promoção do diálogo entre os diversos campos do saber que compõem a dinâmica da universidade, bem com a articulação na relação entre universidade e sociedade, constitui-se, assim, na superação da visão fragmentada do conhecimento e na constante troca de saberes científicos e tradicionais. Para isso, a Ufopa desenvolverá suas atividades de ensino, pesquisa e extensão com base em práticas pedagógicas integradoras, além da flexibilização curricular e da valorização e intercâmbio entre as diversas culturas, crenças e saberes.

f) Inovação. A inovação, presente em todas as áreas e segmentos da sociedade, é a mola propulsora que se situa na interface da relação entre a ciência, a tecnologia e o desenvolvimento. Na Ufopa, a inovação deve transversalizar todos os processos formativos, porque é complexa, interativa e compreendida como um dos importantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

vetores do desenvolvimento humano sustentável.

g) Interatividade. A dimensão do desenvolvimento humano é integral e global. Assim, a Ufopa deve manter-se em contínuo intercâmbio de conhecimento com a comunidade científica internacional, visando posicionar-se como protagonista na fronteira do conhecimento, como meio de aperfeiçoar a plena formação acadêmica. Neste particular, é crucial a criação de programas que potencializem a interatividade institucional, no sentido de priorizar a inserção de seus estudantes e servidores no cenário de excelência acadêmica, inclusive internacional. A Ufopa deve garantir a formação linguística equivalente à necessidade de consolidação do acervo de experiências permutadas com estudantes de outras nações, ao se traduzirem em valorização de sua prática profissional futura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PARTE II: INFORMAÇÕES DO CURSO

1 DADOS GERAIS DO CURSO

ENDEREÇO DE OFERTA DO CURSO:	Rua Vera Paz, s/n, Salé, Santarém, PA, CEP: 68.040-255 – Unidade Tapajós				
NOMINAÇÃO DO CURSO:	Bacharelado em Antropologia				
MODALIDADE:	Presencial				
TURNO DE FUNCIONAMENTO:	Integral	Matutino	Vespertino	Noturno	Totais
NÚMERO DE VAGAS ANUAIS:	30	0	0	0	30
REGIME DE MATRÍCULA:	Semestral				
DURAÇÃO DO CURSO:	Carga Horária	Tempo Mínimo	Tempo Máximo		
	2.560	8 semestres	12 semestres		
CARGA HORÁRIA MÁXIMA POR SEMESTRE	420h				

2 JUSTIFICATIVA

Dada a especificidade dos processos de constituição sociocultural da região Oeste do Pará, que possibilitaram e ainda possibilitam a convergência para a região de grupos sociais específicos organizados sob critérios variados de existência coletiva, tais como populações indígenas, comunidades remanescentes de quilombo, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores tradicionais, extrativistas; grupos com interesses econômicos atrelados aos mercados nacional e estrangeiro (agronegócio, mineradoras, por exemplo); agentes e agências governamentais, que atuaram e atuam nas mais diversas esferas e temáticas das políticas públicas e governamentais; organizações não governamentais, com os mais diversos perfis de atuação; missões religiosas; entre outros, o curso de Bacharelado em Antropologia se apresenta como oportunidade interessante para que seus alunos desenvolvam aptidões para compreensão tanto das especificidades das formas de vida que aqui se delineiam, como dos conflitos gerados pela convergência, para uma mesma região, de agentes, agências e grupos sociais com interesses e projetos tão diversos e/ou



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

divergentes.

Além do caráter específico das relações sociais estabelecidas no meio rural no oeste do Pará, as áreas urbanas ou sedes municipais da região também se apresentam como espaços sociais interessantes aos estudos antropológicos. Assim, estudos sobre sexualidades, gênero, religiosidades, sociabilidades, juventude, cultura popular, relações interétnicas etc., se apresentam como algumas das possíveis temáticas de pesquisa que podem colaborar com uma melhor compreensão dos processos e das configurações sociais na região.

Vale ressaltar que na região Oeste do Pará, os estudos antropológicos vêm sendo realizados por profissionais vinculados a instituições das capitais do Norte e de outras regiões do país, assim como de instituições internacionais. Um dado importante que deve ser posto em relevo é a constituição recente de cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia na região Norte do país. Além do curso ofertado na Ufopa, existem atualmente mais dois cursos de Bacharelado em Antropologia na referida região: um sediado na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Benjamin Constant, cidade da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, e outro sediado na Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista-RR. Em nível de pós-graduação, no Norte do país existem dois programas em Antropologia: o Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Ufam, e o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, com o perfil da Antropologia dos Quatro Campos (Antropologia Sociocultural, Bioantropologia e Arqueologia) conferem titulação em nível de Mestrado e Doutorado. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR) oferece o curso de mestrado.

É neste ambiente, ainda em construção, de constituição de instituições que visam a colaborar para a formação de antropólogos dedicados à produção de conhecimento e à atuação no campo da extensão no e sobre o contexto amazônico, mas não só, assim como para atuar junto a movimentos sociais, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais etc., que se insere o curso de Bacharelado em Antropologia da Ufopa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

3 CONCEPÇÃO DO CURSO

A Antropologia é um campo disciplinar fortemente caracterizado pelo estudo do homem como ser biológico, social e cultural. Nessas três dimensões estudam-se fenômenos extremamente variados e complexos, que interceptam outras áreas disciplinares, por exemplo: desde a biologia e a genética de grupos humanos até as condições de existência dos grupos humanos desaparecidos, passando por questões relativas a gênero, raça, classe, organização social e política, parentesco, instituições sociais, sistemas simbólicos, religião, comportamento etc.

Desde fins do século XIX, o interesse crescente pelo estudo das sociedades humanas na Amazônia levou à criação da Associação que deu origem ao Museu Paraense, atual Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). A atuação dessa instituição foi pioneira, e possibilitou a consolidação de estudos e a formação de acervos antropológicos e arqueológicos no Brasil. No entanto, o processo de institucionalização do ensino de antropologia iniciou-se na década de 1930, com a criação dos primeiros cursos superiores de ciências sociais, e com eles as primeiras cátedras em Antropologia.

Figura na história da Antropologia Brasileira a atuação marcante da missão francesa integrada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), que fundou Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP) em 1933. No ano seguinte a Universidade do então Distrito Federal, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro também criou o curso de Ciências Sociais.

Fomentado inicialmente por ideias de autores estrangeiros, o campo da Antropologia desenvolveu-se no Brasil fortemente estimulado por estudos relativos a questões indígenas, religiões afro-brasileiras, identidade nacional e outros, de tal modo que, em 1953, foi criada a Associação Brasileira de Antropologia. No início da década de 1960, o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, criou um curso de especialização em Antropologia Social, que, em mais tarde se tornou um curso de Mestrado. Com o avanço da pós-graduação no Brasil, nas décadas seguintes, os estudos de Antropologia se difundiram em cursos de mestrado e doutorado. Mais recentemente, com a especialização



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

dos estudos na área, surgiram os cursos de graduação no país.

O Bacharelado em Antropologia foi concebido para atender a diretrizes gerais da Ufopa, considerando que: a) esta universidade foi criada com o propósito de ampliar a missão de interiorização e de integração do ensino superior na região amazônica; b) esta ser a primeira universidade implantada no interior da Amazônia, nascendo já estruturada em sete campi em municípios adjacentes a Santarém; e c) que a proposta acadêmica da Ufopa caracteriza-se, de forma geral, pela inovação, pela flexibilidade curricular e pela interdisciplinaridade.

Dessa maneira, assentado em perspectivas teóricas variadas e voltado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de preparação para um mercado de trabalho que exige sólida capacidade reflexiva e prática, sobretudo para intervenção em realidades específicas das sociedades amazônicas, o Bacharelado em Antropologia foi concebido como um espaço para formar cidadãos e profissionais sensíveis e habilitados para atuar nos contextos local, regional, nacional e transnacional, tendo sempre em vista o princípio do respeito e da valorização da diversidade das populações humanas. Nesse sentido, o curso assume uma missão inovadora na Ufopa e faz um grande investimento na capacitação dos alunos para a pesquisa teórica e aplicada, através de diferentes disciplinas metodológicas, da iniciação em pesquisas científicas e da realização de trabalhos de campo.

3.1 Número de vagas

O curso oferta, anualmente, 30 vagas em turno integral.

Este número de vagas considera a adequação do curso à dimensão do corpo docente e às condições de infraestrutura física para o ensino e a pesquisa.

Eventual alteração na quantidade de vagas dependerá de estudos quantitativos e qualitativos, bem como de oitivas da comunidade acadêmica, que comprovem a necessidade e a viabilidade de tal propósito.

4 OBJETIVOS DO CURSO

4.1 Objetivo geral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

O objetivo do Bacharelado em Antropologia é preparar o discente para as diversas frentes de atuação profissional como antropólogo, conferindo-lhe competências e habilidades gerais e específicas de caráter teórico-conceitual e de caráter metodológico-instrumental, bem como preceitos éticos para o exercício da profissão. Dessa maneira, visa não só a desenvolver habilidades de raciocínio analítico, sintético, interpretativo, especulativo e sistemático, mas também a articulá-las com questões de interesse político, social e cultural no exercício prático do ofício de antropólogo.

4.2 Objetivos específicos

O Bacharelado em Antropologia tem o objetivo de estimular no formando o desenvolvimento da capacidade de reflexão e a aquisição de conhecimentos em diversas disciplinas, focando aspectos teóricos e metodológicos da Antropologia. A formação em áreas de domínio específico abrange teorias antropológicas clássicas e contemporâneas, bem como as contribuições mais relevantes da produção brasileira nessa área de conhecimento. A formação metodológica envolve o aprendizado de métodos e técnicas de pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, bem como experiências de treinamento em campo.

Numa perspectiva interdisciplinar, o curso objetiva ainda propiciar uma formação humanística mais ampla, em que o aluno entra em contato com áreas afins, tais quais História, Economia e Arqueologia, e tem a oportunidade de interlocução com subáreas conexas das Ciências Sociais, além de transitar por outras áreas de conhecimento dentro e fora do Instituto de Ciências da Sociedade.

5 FORMAS DE INGRESSO NO CURSO

O acesso ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará ocorre de formas regulares e especiais de ingresso. Consideram-se formas regulares de ingresso as que estabelecem vínculo com o curso de graduação. Consideram-se formas especiais de ingresso as que não estabelecem vínculo com curso de graduação, permitindo unicamente a matrícula em componentes curriculares isolados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

São formas regulares de ingresso:

a) Processo Seletivo Regular (PSR), via Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): o discente classificado no PSR poderá matricular-se em uma das vagas disponibilizadas pelo curso de Bacharelado em Antropologia, ingressando desde o 1º semestre nas disciplinas obrigatórias e específicas do curso. Cabe destacar que no PSR a Ufopa reserva 50% das vagas para candidatos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, conforme a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Há, também, reserva de vagas para pessoas com deficiência em todos os cursos de graduação, desde antes da alteração da Lei nº 12.711/2012.

b) Processo Seletivo Especial (PSE): trata-se de uma seleção diferenciada para pessoas pertencentes a povos indígenas e quilombolas, às quais se destina um percentual de vagas reservadas na Ufopa e em suas unidades e subunidades acadêmicas. No caso da Antropologia, esse percentual é de, no mínimo, 10% para o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) e 10%, no mínimo, para o Processo Especial Quilombola (PSEQ). O PSEI é realizado em duas fases: uma prova de língua portuguesa, na primeira, e uma entrevista, na segunda. Já o PSEQ é realizado em uma fase, com uma prova de leitura e interpretação de textos.

c) Mobilidade Acadêmica Interna (Mobin): através deste processo, graduandos da própria universidade que queiram mudar de curso podem solicitar transferência. O deferimento está condicionado à existência de vagas e à análise do histórico escolar do candidato.

d) Mobilidade Acadêmica Externa (Mobex): este processo destina-se a candidatos portadores de diploma de curso superior de graduação de outra Instituição de Ensino Superior e reconhecido pelo Ministério da Educação, mediante existência de vagas remanescentes no processo seletivo principal e prova dissertativa.

e) Programas governamentais específicos que porventura sejam desenvolvidos pelo governo (federal, estadual, distrital ou municipal), objetivando a melhoria das condições de vida da população.

f) Transferência ex officio: ato decorrente da transferência para a Ufopa do vínculo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

que o discente de curso de graduação mantém com a instituição de origem, nacional ou estrangeira, independentemente da existência de vaga e de prazo para solicitação. A transferência ex officio tem caráter compulsório e destina-se a servidor público federal ou militar das Forças Armadas e a seus dependentes. Com exceção desta, as demais modalidades de ingresso são regulamentadas por editais específicos.

Outras formas de ingresso, desde que aprovadas pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) mediante justificativa e motivação que indique claramente os instrumentos de seleção dos candidatos e a origem das vagas.

6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O egresso do Bacharelado em Antropologia deverá ser intelectualmente capaz de articular a reflexão teórica e conceitual sobre os processos socioculturais com a análise empírica de seus desdobramentos em diferentes conjunturas. Estará capacitado para o exercício do ofício de antropólogo em todas as suas dimensões, em qualquer contexto sociocultural e trabalhando com qualquer temática, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento antropológico e das práticas essenciais de sua produção e difusão.

Como cidadão, o egresso deverá ser capaz de compreender a complexidade da realidade na sociedade em que vive, fazendo reflexão crítica sobre os processos sociais que envolvem interesses em disputa, considerando sempre as instituições, os grupos e os atores/agentes sociais diferentemente posicionados, como tem sido uma tradição na história da Antropologia.

Como profissional, o egresso deverá estar apto a desempenhar funções no âmbito da academia, do Estado, do setor privado, assim como do chamado Terceiro Setor e dos movimentos sociais, que requeiram capacidade crítica e reflexiva, de observação, pesquisa, extensão e análise de tendências sociais, de formulação de diagnósticos, diretrizes, propostas e cenários prospectivos, bem como estratégias de planejamento e gestão relacionadas a políticas públicas ou demandas sociais em variadas áreas (cultura, saúde, gênero, patrimônio, meio ambiente, memória, identidade, etc.), e que envolvam problemas de interesse político, social, científico e cultural.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

6.1 Competências e habilidades

As competências teórico-conceituais do egresso devem abranger capacidades analíticas, interpretativas, argumentativas e discursivas, cujo desenvolvimento se dá basicamente por meio da formação teórica nas disciplinas clássicas e contemporâneas de conteúdo específico da área de formação, às quais se soma a contribuição de disciplinas de outras áreas de domínio conexo ou complementar.

Tais competências envolvem:

- a) O domínio da bibliografia teórica e metodológica básica;
- b) O desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica própria ao seu desempenho profissional para analisar, expor e debater, inclusive publicamente, dados e ideias sobre problemas científicos, políticos, sociais e culturais envolvendo aspectos diversos, históricos ou contemporâneos, da vida social amazônica, brasileira e internacional;
- c) A capacidade de articulação entre teoria, pesquisa e prática social, por meio do compromisso ético com os dados e informações de pesquisa coletados referentes a problemas de natureza sociológica, política ou cultural que afetam pessoas, populações ou grupos populacionais definidos;
- d) A habilidade de transitar pelas fronteiras entre o saber científico e o saber local, e a Antropologia e outras áreas do conhecimento, incluindo a capacidade de demarcação dos campos específicos e da qualificação do que lhes é próprio.

As competências e habilidades de caráter metodológico e instrumental em Antropologia do egresso devem abranger a capacidade de:

- a) Formular e desenvolver pesquisas pertinentes e relevantes ao campo de investigação da Antropologia, inclusive na interface com outras áreas de conhecimento; conhecer os diversos métodos de análise produzidos no âmbito das Ciências Sociais em geral e na Antropologia em particular, e saber articulá-los de acordo com a sua pertinência ao objeto de pesquisa;
- b) Desenvolver competência técnica para coleta, processamento e análise de dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

e indicadores sociais diversos.

7 METODOLOGIA DO CURSO

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para a efetiva integração entre ensino, pesquisa e extensão, o curso de Bacharelado em Antropologia vem construindo um conjunto de atividades básicas divididas em Atividades de Sala de Aula e Atividades de Campo.

7.1 Atividades de sala de aula

As atividades de caráter teórico são desenvolvidas no transcorrer da maioria das disciplinas da estrutura do curso que tomam lugar nos espaços das salas de aula. Cada aula tem 50 minutos de duração, e as sessões de cada disciplina são distribuídas semanalmente, até se atingir a carga horária integral de cada disciplina ministrada. As disciplinas são de caráter expositivo, baseadas em bibliografias básicas e complementares (detalhe nas ementas de cada disciplina – anexo) selecionadas para funcionarem como a linha mestra das exposições e discussões, e podem contar com o auxílio de tecnologias audiovisuais. A participação ativa dos discentes no processo de aprendizagem é estimulada por meio da apresentação de seminários e debates, filmes e documentários, trabalhos individuais e em grupo, produção de resumos, resenhas e outras atividades que dependem da criatividade de cada docente em diálogo com os discentes. Nestas atividades, a interpretação e leitura crítica dos textos são encorajadas e demandadas aos alunos. Ocasionalmente, a intervenção de outros profissionais da área pode ser acionada para enriquecimento de debates levantados em sala. Três avaliações formais relativas ao conteúdo programático de cada disciplina são utilizadas com o intuito de observar o grau de apreensão desse conteúdo pelos alunos.

7.2 Atividades de trabalho de campo

As atividades de campo são importantes para o profissional da Antropologia, tendo em vista a proeminente natureza etnográfica de suas pesquisas e inserções profissionais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Logo, essas atividades compõem parte importante do processo de ensino-aprendizagem na área. A experimentação e a prática de diversos métodos e técnicas de pesquisa e extensão são estimuladas a partir dos conteúdos programáticos das disciplinas obrigatórias e optativas, bem como nas Práticas Integradoras de Extensão e em planos de trabalho de iniciação científica e extensão. Desse modo, o exercício antropológico da observação, descrição e escritura sobre diferentes situações de campo é demandado aos discentes como parte de trabalhos e avaliações acadêmicas ao longo do curso. Ainda, parte considerável do corpo docente realiza projetos de pesquisa e extensão em Santarém e municípios do entorno (Alenquer, Almeirim, Itaituba, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná e Prainha), na área de abrangência da Ufopa. Distribuídos em áreas urbanas, rurais, ribeirinhas, comunidades quilombolas e aldeias indígenas, esses projetos constituem oportunidades para os alunos realizarem atividades diversificadas em campo, conhecendo diferentes contextos etnográficos e, assim, inserindo-se no campo profissional da Antropologia.

8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

8.1 Estrutura curricular

8.1.1 Visão geral

O Curso de Bacharelado em Antropologia está vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade, ao qual também se vinculam os cursos de Arqueologia, Direito, Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, e Ciências Econômicas.

Na estrutura acadêmica da Ufopa, o Curso de Bacharelado em Antropologia corresponde a um Bacharelado Específico. Contudo, o propósito de oferecer aos discentes estudos aprofundados nessa área não exclui do curso a experiência interdisciplinar mantida nos diálogos com outras áreas e nas abordagens transversais de temas que instigam outros campos de conhecimento e prática científica. O discente tem oportunidade de estabelecer contato com diferentes áreas de conhecimento. Entre elas, a relação com o curso de Arqueologia merece destaque, não apenas no âmbito das atividades de ensino propiciadas pela Ufopa nos semestres iniciais do curso, mas também nas atividades de pesquisa e extensão. Quando os dois cursos foram criados, eles se constituíram de uma maneira muito



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

próxima e seus projetos pedagógicos de cursos (PPCs) de então refletiam essa parceria que se consolidou no Programa de Antropologia e Arqueologia. Mudanças significativas na estrutura organizacional da Universidade fizeram com que cada um dos cursos se consolidasse como subunidade autônoma do ponto de vista administrativo e acadêmico, com suas coordenações, colegiados e projetos pedagógicos próprios. Contudo, ambos os cursos mantêm sua conexão como Programa de Antropologia e Arqueologia através de dinâmicas diversas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Assim, há conteúdos curriculares da Arqueologia no curso de Antropologia e vice-versa, implementados de forma recíproca por docentes arqueólogos ministrando disciplinas no curso de Antropologia e docentes antropólogos no curso de Arqueologia. Projetos e atividades de pesquisa e extensão são desenvolvidos por docentes de ambos os cursos de forma colaborativa, e também envolvem discentes dos dois bacharelados em projetos de iniciação científica (Pibics) e projetos institucionais de bolsas de extensão (Pibex). Os dois colegiados sustentam de modo conjunto laboratórios e núcleos de pesquisa homologados pelo CNPq, possibilitando a projeção de suas atividades em escala amazônica, nacional e internacional. O Programa de Antropologia e Arqueologia se desenvolve, portanto, num marco de efetiva integração dos corpos discentes e docentes do curso de Bacharelado em Antropologia e do curso de Bacharelado em Arqueologia.

O percurso acadêmico do aluno segue, obrigatoriamente, diretrizes da interdisciplinaridade dentro e fora da sala de aula. Entre os componentes curriculares (obrigatórios) dos primeiros semestres de formação, alguns deles são de Arqueologia, o que permite aos alunos estabelecer conexões entre as duas áreas de conhecimento. Esse diálogo se dá em disciplinas obrigatórias de Arqueologia no 1º (Introdução à Arqueologia), 3º (Arqueologia Amazônica) e 4º semestre (Etnoarqueologia), mais especificamente. A partir do quinto semestre o discente do Bacharelado em Antropologia passa a concentrar seus estudos prioritariamente nessa área de conhecimento e, valendo-se de um sistema de carga horária, o aluno participa ativamente da definição de seu percurso acadêmico e da montagem de seu currículo.

Obedecendo à Resolução Consepe nº 331, de 28 de setembro de 2020 – Regimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de Graduação da Ufopa e à CNE/CES nº 17/2002 do MEC, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia, o curso de Bacharelado em Antropologia estrutura-se, principalmente, em Componentes Curriculares Obrigatórios e Componentes Curriculares Optativos, que, juntos, correspondem a mais de 85% da carga horária do curso, conforme o quadro demonstrativo a seguir.

Carga horária total do curso: 2.560 horas		
Componente	Carga horária	Percentual
Obrigatórios	1.560 horas	60,9%
Optativos	660 horas	25,7%

Além do exposto, são creditados outros componentes curriculares, como Práticas e Atividades de Extensão, Atividades Complementares e Trabalho de Conclusão de Curso, que serão especificados mais adiante.

8.1.2 Detalhamento dos componentes

Os conteúdos curriculares obrigatórios do Bacharelado em Antropologia da Ufopa procuram abranger uma formação ampla que alia grande densidade teórica com atualidade de temas e problemas abordados pela antropologia. Entre eles destacam-se quatro disciplinas de Teoria Antropológica que abrangem o desenvolvimento da Antropologia do século XIX a nossos dias.

Os componentes optativos abrangem diversas disciplinas ofertadas que abordam conteúdos pertinentes às políticas de educação ambiental (Antropologia da Natureza, Antropologia Rural, Antropologia da Saúde e da Doença, Antropologia da Alimentação, etc.), de educação em direitos humanos (Políticas Afirmativas e Direitos Humanos; Antropologia Jurídica, Povos Indígenas e Estado Nacional, etc.), das relações étnico-raciais (Estudos Afro-Brasileiros I e II, Etnologia Indígena, História Indígena e do Indigenismo etc.) oferecem uma gama ampla de temas que conduzirão o futuro profissional a um pensamento crítico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Disciplinas como as citadas, entre outras, permitem atender à normativa da CNE/CP nº 01, de 17 de junho de 2004, que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana; à Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999 e à Resolução nº. 2, de 15 de junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação, quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental; à Resolução CNE/CP nº. 01/2012 sobre Educação em Direitos Humanos, que é abordada transversal e interdisciplinarmente; aos preceitos do Plano Nacional de Educação (PNE) previstos na Lei nº 13.005/2014; à Resolução Consep/Ufopa nº 301/2019 em implementação através de disciplinas, programas e projetos de extensão universitária; Adicionalmente, a disciplina de Libras é ofertada como optativa, em atendimento ao Decreto nº 5.626/2005, e o curso procura ainda atender à Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que versa sobre a proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista.

Quando do interesse do estudante, as disciplinas optativas aprofundam e ampliam o escopo de temas. A bibliografia destas disciplinas está sempre sujeita à atualização à medida que se modifica o estado da arte de cada área. Algumas delas podem incluir pequenos exercícios de observação etnográfica que vão possibilitando ao estudante a experiência direta com a descrição da realidade observada.

Do conjunto de disciplinas optativas ofertadas pelo curso a cada semestre, o aluno terá liberdade de escolher aquelas que contribuem melhor para a sua formação. O discente deverá cursar 11 (onze) disciplinas de 60 horas totalizando 660 horas a partir do 4º semestre. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) recomenda que o aluno curse a sequência de disciplinas optativas da seguinte maneira: 02 (duas) disciplinas no quarto semestre, 02 (duas) no quinto semestre, 03 (três) no sexto e 04 (quatro) no sétimo.

Entre as disciplinas optativas há dois subconjuntos que apresentam características particulares. Um deles se refere aos “Tópicos Especiais”, com os seguintes componentes: “Tópicos Especiais em Antropologia I, II, III e IV” e “Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia”. Esse rol de disciplinas tem o intuito de promover espaços de formação mais especializada nas áreas do conhecimento em Antropologia e Arqueologia,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

aproveitando a pluralidade das formações dos docentes que compõem os dois cursos e possibilitando diálogos entre as duas áreas de conhecimento.

Outro subconjunto de disciplinas volta-se especificamente para os alunos indígenas e quilombolas que, desde o ano de 2017, passaram a ter um acompanhamento específico por meio de um conjunto de disciplinas Optativas ofertadas pelos cursos de Antropologia e Arqueologia, quais sejam: “Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I, II, III e IV”, pertencente ao PPC da Antropologia, e “Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos I, II, III e IV”, pertencente ao PPC de Arqueologia. A proposta surgiu em 2013 e foi aprimorada em 2017, tendo em vista uma série de discussões sobre a efetiva inserção dos alunos indígenas e quilombolas nos cursos de Antropologia e Arqueologia, tanto no que se refere às relações com discentes não indígenas e não quilombolas quanto no que concerne ao grau de apreensão dos conteúdos específicos. Em relação a esse aspecto destacam-se as dificuldades por eles apresentadas devido à origem sociocultural diferenciada – inclusive, parte desses alunos não têm o Português como língua materna, por exemplo – e às debilidades dos contextos escolares aos quais tiveram acesso. Esses discentes têm a oportunidade de se matricular nessas disciplinas em todos os semestres e são ativamente incentivados pelas coordenações a fazê-lo. Tais disciplinas se configuram como um espaço de estudos orientado por um professor, com uma equipe de monitores-bolsistas e monitores-voluntários. Dentro de sala de aula, além de serem trabalhadas dúvidas e dificuldades gerais no âmbito do conhecimento acadêmico, o professor responsável e a equipe de monitores provêm um acompanhamento qualificado do processo de aprendizado dos discentes indígenas e quilombolas nas demais disciplinas que cursam em dado semestre.

Há, ainda, disciplinas/componentes eletivos, isto é, que não integram a estrutura curricular, cuja carga horária pode ser contabilizada como optativa em até 240 (duzentas e quarenta) horas, em observância ao artigo 27 da Resolução nº 331/2020 da Ufopa.

O curso de Bacharelado em Antropologia contempla atividades complementares desde sua criação e, a partir da última revisão de seu PPC, passa também a adotar a estratégia prevista no PNE, regulamentada pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

dezembro de 2018, e a atender ao que foi estabelecido na Resolução Consepe/Ufopa nº 301, de 26 de agosto de 2019, que regulamenta o registro e a inclusão da extensão universitária nos currículos de graduação da Ufopa. Sendo assim, criou dois componentes de “práticas integradoras de extensão” fixados no segundo e no terceiro período do curso, com carga horária total de 120 horas.

A distribuição, as especificações de cada conjunto de componentes e as respectivas cargas horárias obedecem ao previsto na Resolução Consepe nº 331/2020 e podem ser visualizadas no quadro a seguir.

Componente	Descrição	Quantidade	Carga horária
Componentes Obrigatórios	Cumpridos obrigatoriamente	19	1.560
Componentes Optativos	Cumpridos de acordo com as opções ofertadas	11	660
Atividades Complementares	Cumpridas ao longo do percurso acadêmico, do 1º ao 8º semestre	---	84
Extensão (256h)	Práticas Integradoras de Extensão, ofertadas em caráter obrigatório no 2º e no 3º semestre	2	120
	Outras atividades de extensão, cumpridas ao longo do percurso acadêmico, do 1º ao 8º semestre	---	136
Total geral			2.560

8.1.3 Estrutura curricular específica para discentes indígenas oriundos do PSEI

No caso de discentes indígenas oriundos do PSEI, à estrutura anteriormente exposta devem ser acrescentados os componentes da Formação Básica Indígena (FBI), regulamentada pela Resolução Consepe/Ufopa nº 194, de 24 de abril de 2017.

Com a duração de dois semestres que devem ser cursados antes de iniciar a estrutura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

curricular geral do Bacharelado em Antropologia, a FBI corresponde ao processo de formação básica inicial para o ensino superior e contempla conteúdo das áreas de Ciências Exatas, Ciências Humanas, Tecnologias e Letras – Língua Portuguesa, desenvolvidos por meio de ações de ensino e extensão. Ela tem os objetivos de promover a integração e a permanência do aluno indígena na universidade, bem como de diminuir a retenção e a evasão universitária.

Desde o ano de 2016, os alunos oriundos do PSEI são obrigados a cumprir essa formação básica, ampliando assim seus conhecimentos gerais antes de ingressar nos cursos que escolheram. Ou seja, no ano de ingresso, o aluno indígena cumprirá a Formação Básica Indígena e ingressará efetivamente no curso para o qual foi aprovado apenas no ano seguinte. Com isso, o aluno indígena ingressante pelo PSEI terá o seu prazo de integralização ampliado em um ano, e a carga horária do curso acrescida em 560h, totalizando em 3.160 horas, como no quadro a seguir.

Componentes	Carga horária
Da Formação Básica Indígena	560 horas
Do Bacharelado em Antropologia	2560 horas
Totais	3.160 horas

Com essa política de ações afirmativas, pretende-se promover a integração e melhores condições para a permanência dos alunos indígenas que ingressam na Ufopa pelo PSEI.

8.2 Conteúdos curriculares

8.2.1 Componentes curriculares obrigatórios por semestre

Nesta seção são apresentados os componentes curriculares obrigatórios conforme sua distribuição por semestre.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

1º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Introdução à Antropologia	60		
Introdução à Arqueologia	60		
Metodologia das Ciências Sociais	60		
História da Amazônia	60		
Total no período	240		

2º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Teoria Antropológica I	60		
Teoria Sociológica	60		
Leituras Etnográficas I	60		
Etnologia Indígena	60		
Práticas Integradoras de Extensão I			60
Total no período		300	

3º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Teoria Antropológica II	60		
Arqueologia Amazônica	60		
Leituras Etnográficas II	60		
Relações Étnico-raciais	60		
Práticas Integradoras de Extensão II			60
Total no período		300	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

4º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Teoria Antropológica III	60		
Etnoarqueologia	60		
Narrativas Etnográficas	60		
Optativa I	60		
Optativa II	60		
Total no período	300		

5º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Teoria Antropológica IV- Antropologia Contemporânea	60		
Métodos e Técnicas em Antropologia Social	60	60	
Antropologia no Brasil	60		
Optativa III	60		
Optativa IV	60		
Total no período	360		

6º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Antropologias Contrahegemônicas	60		
TCC I	120		
Optativa V	60		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Optativa VI	60		
Optativa VII	60		
Total no período	360		

7º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
TCC II		120	
Optativa VIII	60		
Optativa XIX	60		
Optativa X	60		
Optativa XI	60		
Total no período	360		

8º Semestre			
Componente curricular	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
TCC III	120		
Atividades de Extensão			136
Total no período	256		

8.2.2 Componentes curriculares optativos

Nesta seção são apresentados os componentes optativos (disciplinas), com os quais os discentes podem preencher seu percurso formativo de acordo com a oferta a cada semestre.

DISCIPLINAS OPTATIVAS	Carga horária teórica	Carga horária prática	Carga horária de extensão
Antropologia da Alimentação	60h		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Antropologia da Arte	60h		
Antropologia da Ciência e da Técnica	60h		
Antropologia da Educação	60h		
Antropologia da Natureza	60h		
Antropologia da Performance	60h		
Antropologia da Religião	60h		
Antropologia da Saúde e da Doença	60h		
Antropologia do Desenvolvimento	60h		
Antropologia do Gênero	60h		
Antropologia e Filosofia	60h		
Antropologia e História	60h		
Antropologia e Linguística	60h		
Antropologia Econômica	60h		
Antropologia Jurídica	60h		
Antropologia Política	60h		
Antropologia Rural	60h		
Antropologia Urbana	60h		
Antropologia Visual	60h		
Antropologias da Terra	60h		
Culturas Populares e Sociabilidades	60h		
Estudos Afro-Brasileiros I	60h		
Estudos Afro-Brasileiros II	60h		
Estudos do Ritual e do Simbolismo	60h		
Gênero, Política e Sexualidade	60h		
História Indígena e do Indigenismo	60h		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I	60h		
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II	60h		
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos III	60h		
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV	60h		
Laudos e Perícias Antropológicas	60h		
Língua Brasileira de Sinais – Libras	60h		
Migrações e Mobilidade	60h		
Organização Social e Parentesco	60h		
Patrimônio Cultural	60h		
Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	60h		
Povos e Comunidades Tradicionais	60h		
Povos Indígenas e Estado Nacional	60h		
Povos Indígenas na Amazônia	60h		
Relações Interétnicas	60h		
Teoria Sociológica II	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia IV	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia I	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia II	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia III	60h		
Tópicos Especiais em Antropologia IV	60h		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Tópicos Especiais em Antropologia I	30h		
Tópicos Especiais em Antropologia II	30h		
Tópicos Especiais em Antropologia III	30h		
Tópicos Especiais em Antropologia IV	30h		

A estrutura curricular aprovada no PPC de 2018 (Resolução nº 263, de 20 de agosto de 2018) não sofreu alterações na versão proposta para 2023, à exceção da inclusão de componentes curriculares correspondentes a Práticas Integradoras de Extensão e as Atividades de Extensão, que visam a cumprir a estratégia prevista no PNE regulamentada pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
 CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

8.3 Representação gráfica do perfil de formação

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução à Antropologia (60h)	Teoria Antropológica I (60h)	Teoria Antropológica II (60h)	Teoria Antropológica III (60h)	Teoria Antropológica IV (60h)	Antropologias Contra Hegemônicas (60h)	TCC II (120h)	TCC III (120h)
Introdução à Arqueologia (60h)	Etnologia Indígena (60h)	Leituras Etnográficas II (60h)	Narrativas Etnográficas (60h)	Métodos e Técnicas em Antropologia Social 120	TCC I (120h)	Optativa VIII (60h)	
Metodologia das ciências sociais (60h)	Teoria Sociológica (60 h)	Arqueologia Amazônica (60h)	Etnoarqueologia (60h)	Antropologia no Brasil (60h)	Optativa V (60h)	Optativa XIX (60h)	
História da Amazônia (60h)	Leituras Etnográficas I (60h)	Relações Étnico-Raciais (60h)	Optativa I (60h)	Optativa III (60h)	Optativa VI (60h)	Optativa X (60h)	
	Práticas Integradoras de Extensão I (60h)	Práticas Integradoras de Extensão II (60h)	Optativa II (60h)	Optativa IV (60h)	Optativa VII (60h)	Optativa XI (60h)	
240h	300h	300h	300h	360h	360h	360h	120h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

8.4 Ementário e bibliografias

As bibliografias básicas e complementares do curso de Bacharelado em Antropologia podem ser consultadas no anexo.

8.5 Atividades complementares

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia conformando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão (Anexo 7).

As Atividades Complementares visam a participação/atuação do aluno em atividades compartilhadas com vários segmentos da comunidade universitária, privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, e com vários segmentos da sociedade civil, comunidades e coletivos sociais.

As Atividades Complementares podem ser distribuídas ao longo dos semestres, e sua carga horária total (84 h) validade de acordo com a documentação apresentada ao final do curso.

As Atividades Complementares propostas e organizadas no âmbito da Ufopa devem ser coordenadas por um docente da Universidade que desempenhe atividades na área de conhecimento da atividade.

As Atividades Complementares propostas e organizadas por outras instituições também são aceitas como atividades complementares, desde que sigam os padrões dos projetos acadêmicos de pesquisa e de extensão e sejam previamente avaliadas e aprovadas pelo docente ou comissão responsável pelas atividades complementares da turma dentro do Bacharelado em Antropologia.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Centros Acadêmicos também poderão propor Atividades Complementares, desde que sob a supervisão e coordenação de um professor da respectiva área de conhecimento e após aprovação da proposta pelo colegiado do curso e/ou pelo conselho do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Todas as propostas e relatórios de Atividades Complementares devem estar devidamente documentados e ser analisados e aprovados pelo corpo docente do Bacharelado em Antropologia.

No quadro a seguir estão expostas as modalidades em que se enquadram as atividades complementares no curso de Antropologia, entre elas: participação em programas e projetos institucionais; realização de cursos, minicursos e oficinas; eventos técnico-científicos e de extensão; publicações; e participação em voluntariado em órgãos públicos, organizações não governamentais, movimentos sociais, centros e diretórios acadêmicos, associações, sindicatos, órgãos colegiados, conselhos e outros.

Outras atividades, não previstas neste quadro, serão avaliadas pelo Colegiado mediante solicitação formal junto à coordenação do curso de Antropologia.

Tipo de atividade	Carga horária atribuída
Participação em programas e projetos institucionais	
Participação em programas e projetos de pesquisa registrados na instituição e supervisionados por um professor orientador, com ou sem bolsa.	Até 40 horas/semestre
Participação em programas e projetos de ensino e monitoria de disciplinas dos cursos de antropologia e arqueologia.	Até 40 horas/semestre
Participação em programas e projetos de extensão aprovados e reconhecidos pela Procce/Ufopa (não contabilizados no componente “atividades de extensão”)	Até 40 horas/semestre
Realização de cursos, minicursos e oficinas	
Cursos de língua estrangeira (reconhecido e certificado)	Até 10 horas/semestre
Cursos de extensão em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 horas.	CH do curso até o total máximo de 40 horas
Minicursos de extensão de curta duração com carga horária de 3 a 19 horas (participação como discente).	CH do minicurso até o total máximo de 40 horas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Oficinas de extensão em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária de 3 a 8 horas (participação como discente).	CH do curso até o total máximo de 20 horas
Cursos ou disciplinas extras (não contabilizadas para integralização do curso) em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES), com carga horária mínima de 30 horas.	Até 60 horas
Eventos técnico-científicos e de extensão	
Organização de evento de pesquisa ou de extensão (integrante de comissão organizadora)	Até 10 horas/evento
Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão local/regional.	10 horas/evento
Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão nacional.	15 h/evento
Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão internacional.	20 horas/evento
Participação como ouvinte em evento de pesquisa ou extensão (CH do evento).	CH conferida em certificado do evento até o total de 40 h
Participação de alunos como ouvinte em bancas de defesa de trabalhos de graduação e pós-graduação (lista de presença).	Até 02 h/banca (máximo 20 horas total)
Publicações	
Jornais, revistas ou boletins eletrônicos	5h
Artigos Qualis A1 e A2	20h
Artigos Qualis A3 e A4	15h
Artigos Qualis B1 e B2	12h
Artigo B3 a B5	10h
Artigos Qualis C ou sem Qualis	5h
Capítulo de livro com ISBN	15h
Resumo publicado em anais de evento local/regional	2h
Resumo publicado em anais de evento nacional	4h
Resumo publicado em anais de evento internacional	6h
Trabalho completo publicado em anais de	5h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

evento local/regional	
Trabalho completo publicado em anais de evento nacional	8h
Trabalho completo publicado em anais de evento internacional	10h
Outras	
Participação como voluntário em órgãos públicos, Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, Centros e Diretórios Acadêmicos, Associações e Sindicatos	até 20h/semestre
Participação em órgão colegiado e/ou conselho consultivo e/ou deliberativo da instituição	até 20h/semestre
Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação	até 20h/semestre
Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário)	até 20h/semestre
Total Geral (mínimo de 84h)	

8.6 Atividades de extensão

As atividades de extensão são atividades individuais, ofertadas no último período letivo do curso, com carga horária de 136 horas, e decorrem de atuação do discente em programas, projetos, cursos ou eventos de Extensão registrados na Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão da Ufopa. A atuação do discente deverá ser ativa, ou seja, como bolsista, voluntário, facilitador, ministrante, mediador, palestrante ou membro da comissão organizadora, e poderá ocorrer durante todo o período do curso de graduação.

8.7 Estágio curricular supervisionado

Conforme disposto na Seção IV do Regimento de Graduação da Ufopa, o estágio constitui um ato educativo acadêmico supervisionado por profissional indicado pela unidade concedente do campo de estágio e acompanhado por docente orientador designado pela Universidade, cuja área de formação ou experiência profissional seja compatível com as atividades desenvolvidas pelo estagiário.

São objetivos do estágio, respeitando-se os princípios éticos de trabalho, promover:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

a ampliação de conhecimentos teóricos aos discentes em situações reais de trabalho; o desenvolvimento de habilidades práticas e aperfeiçoamento técnico-cultural e científico, por intermédio de atividades relacionadas à sua área de formação; e o desenvolvimento de habilidades e comportamentos adequados ao relacionamento socioprofissional.

Os estágios são gerenciados pela Proen, por intermédio da Coordenação de Estágio. Cabem ao Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Sociedade o acompanhamento e a avaliação dos estágios desenvolvidos pelos discentes do Bacharelado em Antropologia.

Embora não haja determinação de estágio obrigatório como parte da formação do discente no Curso de Bacharelado em Antropologia, tendo em vista a natureza plural e a multiplicidade das formas de realização do exercício do antropólogo, a iniciação profissional no âmbito de estágios supervisionados é estimulada, e é altamente recomendável ao discente que realize experiências de trabalho junto a centros de pesquisa, instituições de ensino, centros de cultura e memória, órgãos públicos, organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas e outros ambientes profissionais.

8.8 Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular individual, obrigatória e condicionante para obtenção do título de Bacharel em Antropologia. No Curso de Bacharelado em Antropologia o TCC será desenvolvido entre o 6º e 8º semestres, através dos componentes curriculares TCC I (120horas), TCC II (120 horas) e TCC III (120horas), totalizando 360 horas (Anexo 8).

Por meio de atividades de pesquisa estimuladas e realizadas ao longo de todo o curso, em disciplinas teóricas e práticas, bem como em atividades complementares e extensionistas, o formando tem no TCC a oportunidade de consolidar, sob a orientação sistemática do docente/orientador, os conhecimentos adquiridos e produzidos no âmbito de suas investigações sobre um determinado tema.

A seleção do tema do TCC é de escolha do discente, considerando-se a disponibilidade dos docentes para orientação, de acordo com o limite da carga horária definida por regulamento específico da Ufopa (Resolução Consepe/Ufopa nº 184/2017 –



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Plano Acadêmico).

Os componentes de Trabalho de Conclusão de Curso são necessariamente orientados por docentes do curso de Antropologia, ou, em casos devidamente justificados, por docentes de áreas afins, desde que essa indicação seja aprovada em instância colegiada do curso. Nesse último caso, o colegiado ainda poderá indicar, se necessário, a composição de uma co-orientação.

O orientador irá acompanhar no decorrer dos semestres o andamento dos trabalhos dos discentes sob sua orientação, bem como fará cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega, além de organizar a composição das bancas e os dias de apresentação do TCC. Na ausência do professor orientador ou em casos omissos, o coordenador, o vice-coordenador do curso ou docente designado formalmente pelo orientador irá acompanhar o andamento dos trabalhos.

Para fins de avaliação e integralização curricular, o TCC poderá ser apresentado no formato de monografia, peça audiovisual ou artigo científico.

No formato de monografia, o TCC deverá ter no mínimo 35 páginas, respeitando-se as normas presentes no *Guia para a elaboração e apresentação da produção acadêmica da Ufopa*, disponibilizado pela Biblioteca Central da universidade

No formato de peça audiovisual, esta deverá ser, obrigatoriamente, produzida com protagonismo do aluno e acompanhada de um texto de sua autoria que exponha o contexto de sua produção, seus princípios teórico-metodológicos e uma reflexão sobre o trabalho realizado com, no mínimo, 15 páginas.

No formato de artigo, cujo autor deverá ser, obrigatoriamente, o discente, este deverá apresentar o comprovante de submissão, aceite e/ou publicação do artigo a uma revista indexada, cuja escolha deverá ser feita em acordo com o orientador.

Qualquer que seja o formato de apresentação do TCC, este trabalho deverá, obrigatoriamente, ser defendido perante uma banca avaliadora durante uma apresentação oral a ser realizada em sessão pública, a qual deverá ser agendada pelo orientador por meio do SIGAA. A banca avaliadora será composta pelo professor orientador e por mais dois membros docentes, dos quais pelo menos um deverá ser obrigatoriamente vinculado ao



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Curso de Bacharelado em Antropologia, sendo facultado o convite a um membro externo

Após a defesa, o discente deverá produzir a versão final do trabalho, sob supervisão do orientador, e providenciar, junto à Biblioteca Central, a respectiva ficha catalográfica. Em seguida, deverá entregar à Coordenação do Curso a versão final do TCC, que poderá ser disponibilizada em repositórios institucionais. Deve-se observar que todos esses procedimentos deverão ser executados no prazo máximo de até 30 dias a contar da data da defesa e que, sem eles, o aluno não poderá receber a outorga de grau.

9 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O curso de antropologia utiliza tecnologias de informação e comunicação (TIC) no processo de ensino-aprendizagem em seus diferentes componentes curriculares. O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) permite que os docentes do curso disponibilizem aos discentes os programas de curso e materiais didáticos em texto, imagem e vídeo, que podem ser acessados pelos estudantes a qualquer hora e de qualquer lugar. A comunicação com os discentes também pode ser realizada através desse sistema que permite ao docente enviar mensagens para toda a turma e propor enquetes, questionários e fóruns de discussão. O SIGAA possibilita ainda ao docente visualizar dados estatísticos das notas dos discentes e acompanhar os acessos dos estudantes à turma virtual e aos arquivos nela anexados. Além disso, o docente pode registrar no sistema as frequências e notas das avaliações dos alunos de maneira a permitir que eles possam acompanhar e gerenciar com autonomia o seu desempenho nos componentes curriculares.

10 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

De acordo com a Resolução Consep/Ufopa nº 331/2020, que aprovou o Regimento de Graduação da Ufopa atualmente vigente, o sistema de avaliação do processo ensino aprendizagem discente no curso de Antropologia baseia-se no que dispõem os artigos:

Art. 137. Entende-se por avaliação da aprendizagem o processo formativo contínuo que compreende diagnóstico, acompanhamento e somatório da aquisição de conhecimentos,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

habilidades e atitudes pelo discente, mediado pelo docente em situação de ensino, expressa em seu rendimento acadêmico e na assiduidade.

Art. 138. Entende-se por rendimento acadêmico o somatório da participação do discente nos procedimentos e instrumentos avaliativos desenvolvidos em cada componente curricular.

Parágrafo único. Os registros do rendimento acadêmico são realizados individualmente, independentemente dos instrumentos utilizados.

Art. 139. Entende-se por assiduidade do discente a frequência às aulas e demais atividades presenciais exigidas em cada componente curricular.

Art. 140. A aprovação em um componente curricular está condicionada à obtenção de média final mínima de 6,0 (seis) exigida na avaliação da aprendizagem e, para os componentes curriculares presenciais, à frequência mínima de 75% (setenta e cinco) exigida na avaliação da assiduidade.

Parágrafo único. A aprovação implica a contabilização de sua carga horária e conseqüente integralização como componente curricular.

10.1 Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino-aprendizagem

Para fins de avaliação da aprendizagem cabe ao docente verificar o desenvolvimento dos conhecimentos e das habilidades dos discentes regularmente matriculados no componente curricular sob sua responsabilidade por meio de, pelo menos, 3 (três) avaliações, das quais, pelo menos, 1 (uma) deverá ser, obrigatoriamente, individual e presencial. A média final é resultante do conjunto de procedimentos de avaliação.

Uma avaliação substitutiva individual é facultada ao discente que não atingir o critério de aprovação na média final (mínimo 6,0), caso não tenha reprovado por falta. O rendimento acadêmico obtido na avaliação substitutiva substituirá o menor rendimento acadêmico atingido nos componentes curriculares, sendo calculado o rendimento acadêmico final pela média aritmética dos rendimentos acadêmicos obtidos na avaliação substitutiva (de reposição) e nas unidades cujos rendimentos não foram substituídos. Considerar-se-á aprovado na avaliação de aprendizagem se obtiver média final igual ou superior a 6,0 (seis). O discente que não realizar avaliação substitutiva será considerado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

reprovado, com rendimento acadêmico final igual à média parcial.

O docente deverá informar a turma sobre a avaliação substitutiva com pelo menos 3 (três) dias úteis de antecedência de sua realização. Para tanto, o docente deverá enviar notícia à turma via SIGAA com data, horário e local da avaliação substitutiva, forma e prazo de manifestação de interesse do discente. O discente que desejar realizar a avaliação substitutiva deverá, obrigatoriamente, manifestar seu interesse ao docente, na forma e no prazos definidos pelo docente.

A avaliação à qual o discente não tenha comparecido poderá ser realizada em segunda chamada nos casos amparados por lei, bem como por doença atestada por serviço médico de saúde ou nas situações previstas no art. 157 do Regimento de Graduação. O requerimento de realização de segunda chamada deverá ser encaminhado à Coordenação Acadêmica da Unidade em até 3 (três) dias úteis após a realização da primeira chamada. A realização de segunda chamada deverá ocorrer antes da avaliação substitutiva (de reposição).

Os critérios adotados em cada avaliação deverão ser definidos pelo docente, levando em consideração a natureza do componente curricular e as especificidades da turma. Tais critérios devem ser explicitados aos discentes, de forma clara, e constar do plano de ensino do respectivo componente curricular. Deve-se observar o disposto nos artigos:

Art. 145. O docente deve apresentar à turma, no início do período letivo, os critérios de avaliação da aprendizagem conforme o plano de ensino, bem como discutir os resultados obtidos em cada procedimento e instrumento de avaliação com os discentes, esclarecendo as dúvidas relativas às notas, aos conhecimentos, às habilidades, aos objetivos e aos conteúdos avaliados.

§ 1º A discussão pode ser realizada presencialmente ou utilizando outros mecanismos que permitam a divulgação de expectativas de respostas e os questionamentos por parte dos discentes.

§ 2º O discente tem direito à vista dos instrumentos de avaliação, podendo o docente solicitar sua devolução, após o fim da discussão.

O rendimento acadêmico dos discentes deve ser expresso em valores numéricos de 0 (zero) a 10 (dez), variando até a primeira casa decimal, após o arredondamento da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

segunda casa decimal. A forma de cálculo do rendimento acadêmico de cada componente curricular deverá ser definida previamente pelo docente e divulgada no respectivo plano de ensino.

A forma de divulgação do rendimento acadêmico obtido pelos discentes no componente curricular é regida pelo art. 148 do Regimento de Graduação. Antes da divulgação das notas obtidas, o docente deverá ter registrado as presenças e ausências dos discentes em formulário específico do SIGAA. A divulgação do rendimento acadêmico deverá ser feita, obrigatoriamente, por meio do SIGAA, sem prejuízo da possibilidade de utilização de outros meios adicionais, no prazo máximo de até 3 (três) dias úteis antes da realização do último procedimento avaliativo, ressalvados os limites de datas do Calendário Acadêmico. Excepcionalmente, quando a disciplina for blocada e/ou intensiva, a divulgação das notas poderá ser feita após a realização de todas as avaliações.

O não cumprimento do art. 148 do Regimento de Graduação poderá ocasionar a suspensão temporária do procedimento avaliativo subsequente, a pedido de qualquer discente da turma, no prazo máximo de até 2 (dois) dias úteis antes da realização da avaliação objeto de suspensão, na Secretaria Acadêmica da Unidade Acadêmica responsável pela oferta da disciplina. Cabe à Coordenação do Curso, se constatar que os resultados não foram devidamente divulgados, notificar o docente sobre a suspensão da avaliação e determinar a publicação dos resultados no prazo máximo de 2 (dois) dias úteis. Todos os atos devem respeitar os prazos estabelecidos no Calendário Acadêmico.

É facultado ao discente solicitar revisão de nota obtida em qualquer avaliação da aprendizagem. Tal solicitação deverá ser realizada na Coordenação Acadêmica da Unidade, mediante requerimento instruído e fundamentado, no prazo máximo de 2 (dois) dias úteis a partir da divulgação dos instrumentos avaliativos e das respectivas notas. Caberá ao docente responsável pela disciplina receber e analisar a solicitação e deliberar sobre eventual reconsideração de nota. Caso seja mantido o pleito do discente, o processo deverá ser encaminhado à Coordenação do Curso para deliberação por meio de possível mediação entre as partes, resolução em reunião de colegiado e/ou formação de comissão para reavaliação. Neste último caso, o docente envolvido no processo não comporá a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

comissão para reavaliação, a qual terá o prazo de 2 (dois) dias úteis para encaminhar o resultado da análise à Coordenação do Curso, que notificará o docente e discente. Todos os atos devem respeitar os prazos estabelecidos no Calendário Acadêmico, antes da data estipulada para a consolidação final das turmas. Caso não seja finalizado até o prazo da consolidação final das turmas, será enquadrado na retificação de registro, conforme art. 310 do Regimento de Graduação.

A expressão do rendimento acadêmico sob forma numérica poderá ser dispensada para as atividades complementares e para as atividades de orientação individual previstas neste PPC, nas quais o discente receberá apenas aprovação ou reprovação.

O rendimento acadêmico acumulado do discente é calculado de acordo com os seguintes índices numéricos:

I - Média de Conclusão (MC) - média do rendimento acadêmico final obtido pelo discente nos componentes curriculares em que alcançou êxito, ponderada pela carga horária discente dos componentes, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação.

II - Média de Conclusão Normalizada (MCN) - corresponde à padronização da MC (em valores limitados de 0 a 1000) do discente, considerando-se a média e o desvio-padrão das MCs de todos os discentes que concluíram o mesmo curso na Ufopa nos últimos 5 (cinco) anos, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação.

III - Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) - média do rendimento escolar final obtido pelo discente nos componentes curriculares aproveitados ou cursados, com aprovação ou reprovação, durante o curso de graduação, excetuando-se os trancamentos e cancelamentos de matrícula, os componentes curriculares dispensados, as atividades complementares e os componentes curriculares cujo rendimento escolar não é expresso de forma numérica. A média do IRA será ponderada pela carga horária discente dos componentes, conforme fórmula matemática definida no Regimento de Graduação.

IV - Índice de Eficiência em Carga Horária (IECH) – corresponde à divisão da carga horária com aprovação pela carga horária utilizada, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

V - Índice de Eficiência em Períodos Letivos (IEPL) - corresponde à divisão da carga horária acumulada pela carga horária esperada, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação;

VI - Índice de Eficiência Acadêmica (IEA) – corresponde ao produto da MC pelo IECH e pelo IEPL, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação.

VII - Índice de Eficiência Acadêmica Normalizado (Iean) – corresponde ao produto da MCN pelo IECH e pelo IEPL, conforme procedimento de cálculo definido no Regimento de Graduação.

11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

O sistema de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia deve ser compreendido como um processo dinâmico, que exige mediação pedagógica permanente, e está pautado no Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação, do Ministério da Educação. A avaliação é uma ferramenta necessária, visando contribuir para a implementação de melhorias e inovações que permitam identificar possibilidades, orientar, justificar, escolher e tomar decisões no âmbito da vida acadêmica de alunos, professores e técnicos.

Neste sentido, estão previstos mecanismos para rever periodicamente os instrumentos e procedimentos de avaliação, de modo a ajustá-los aos diferentes contextos e situações que se apresentam no cenário da educação superior e tomá-los como elementos balizadores. O sistema de avaliação do projeto do curso ainda considera os parâmetros e os procedimentos gerais adotados pela Universidade Federal Oeste do Pará e pelo Instituto de Ciências da Sociedade, ao qual o Bacharelado em Antropologia está vinculado.

O NDE do curso de Antropologia realiza reuniões ordinárias mensais, nas quais é possível construir de maneira processual a avaliação diagnóstica de modo a subsidiar a (re) construção do PPC. Entre os indicadores para a avaliação continuada e anual do curso, de natureza quantitativa e qualitativa, consideram-se, por exemplo: o índice de evasão, o índice de retenção, o tempo médio de formação do aluno, o IRA, e a produtividade



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

científica dos discentes, que podem ser analisados a partir de dados fornecidos pelo SIGAA. O grau de satisfação com o curso e com as disciplinas também pode ser aferido por meio de formulários institucionais de avaliação semestral. Outro ponto avaliado são os recursos humanos que compõem o quadro de docentes do curso de Antropologia. Para tanto, a coordenação do curso, por intermédio do seu colegiado, incentiva e planeja anualmente a saída dos professores para participarem de congressos, eventos e reuniões de pesquisa.

Sobre a questão da “formação e titulação”, o programa conta com planejamento na subunidade em consonância com o Plano Institucional de Qualificação Docente do ICS, possibilitando ao professor em nível de mestrado o afastamento para a formação em nível de doutorado, e, para o professor doutor, oportunidade de aperfeiçoamento em estágio pós-doutoral. Por meio do Plano de Capacitação, também são previstas licenças de até três meses – às quais cada docente tem direito a cada quinquênio).

O curso de Antropologia realiza mensalmente reunião de colegiado com representação dos estudantes e ainda, semestralmente, reunião com os discentes com o intuito de melhorar a atuação e a comunicação com a coordenação e docentes do curso. A avaliação do PPC também considera os resultados dos elementos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) bem como os resultados da avaliação interna, tendo em vista o fornecimento de relatórios pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), que foi criada por meio da Portaria nº 783 de 24 de julho de 2012. As reuniões da CPA são abertas ao público e têm por finalidade realizar a autoavaliação institucional, a partir dos princípios e diretrizes do SINAES, de modo a contribuir com o aprimoramento do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e do Projeto Pedagógico Institucional - PPI, subsidiando as ações de planejamento na Ufopa. A página da CPA da Ufopa está disponível no endereço <http://www.ufopa.edu.br/cpa/>. Nela é possível ter acesso à agenda de reuniões, instrumentos de avaliação, plano de trabalho e outras informações da CPA. Tanto para o aluno quanto para o docente, a Ufopa/CPA disponibiliza a avaliação institucional através do SIGAA. Por fim, a gestão do curso considera os resultados obtidos das avaliações externas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

(Inep/MEC) como insumos para a melhoria do curso.

12 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO

O curso de Antropologia foi estruturado em conformidade com os parâmetros curriculares nacionais estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação, com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a realidade social, valorizar a diversidade cultural e contribuir para o avanço científico e tecnológico da Amazônia. Seu percurso acadêmico mínimo se faz em quatro anos. Durante todo o desenvolvimento do curso procura-se incentivar os alunos a interagir com os outros institutos e cursos da Ufopa, cursando disciplinas eletivas, participando de projetos de pesquisa e de extensão, visto que, além do ensino, estas dimensões são essenciais para o bom desempenho do aluno durante seu percurso acadêmico e posteriormente.

Os estudantes são estimulados ainda a participar e organizar eventos de pesquisa e extensão, a publicar trabalhos em periódicos da área e a participar como voluntário em órgãos públicos, Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, Centros e Diretórios Acadêmicos, Associações e Sindicatos. Essas e outras ações são valorizadas como formas de seguir as diretrizes da política de ensino da Ufopa e contam como carga horária para a integralização do curso que podem ser creditadas nos componentes de atividades de extensão ou de atividades complementares.

A seguir serão apresentadas, resumidamente, as políticas de ensino, pesquisa e extensão que o curso adota.

12.1 Políticas de ensino

O ensino no Bacharelado em Antropologia tem em foco: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão; a excelência acadêmica; a responsabilidade social; o fortalecimento de modelos acadêmicos curriculares inovadores; a potencialização e respeito à diversidade regional; a interdisciplinaridade e integração; a inovação; a articulação com a sociedade; a promoção de ações vinculadas à educação básica; a apropriação, criação e socialização de conhecimentos; a formação continuada; a inclusão e as ações afirmativas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

No âmbito do ensino, vale destacar que os alunos do curso de antropologia são incentivados a participar de Programas de Monitoria, como bolsistas ou voluntários. A Ufopa, por meio da Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (Proen), concede Bolsas de Monitoria que estimulam os estudantes a, desde a graduação, terem contato com atividades de ensino, o que contribui para a melhoria do ensino, cria condições de aprofundamento de conteúdos teóricos e práticos para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à atividade docente, além de estimular o senso de responsabilidade, autonomia, cooperação, satisfação em ampliar conhecimentos e empenho nas atividades acadêmicas.

Entre os Programas de Monitoria, destaca-se a Bolsa de Monitoria Ceanama para acompanhamento de apoio pedagógico aos discentes indígenas que, desde 2019, tem permitido a alunos do curso de Antropologia atuarem como monitores, o que também contribui para que as diretrizes das políticas de ensino da Ufopa sejam efetivamente alcançadas.

Ademais, projetos próprios desenvolvidos por docentes a cada semestre também permitem a agregação de discentes na função de monitores, conforme demandas específicos das disciplinas então ofertadas.

12.2 Políticas de pesquisa

A pesquisa na Ufopa, associada ao ensino e à extensão, objetiva a produção e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais que contribuam para a melhoria das condições de vida da sociedade, principalmente na região amazônica.

A Ufopa participa anualmente do Pibic, financiado pelo CNPq, bem como pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa), que distribui bolsas de estudo para estudantes de graduação. Neste programa, o bolsista recebe formação complementar que os prepare para a atividade de pesquisa, sob a orientação de um professor.

A iniciação à pesquisa é etapa fundamental do Bacharelado em Antropologia e constitui a base em que o aluno constrói sua formação numa perspectiva integrada e



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

conectada com os contextos sociais em que se insere e nos quais atuará após a conclusão do curso. Essa etapa, porém, não se efetua em períodos rigorosamente delimitados, mas em atividades continuadas.

Durante a formação graduada em Antropologia, oferta-se aos alunos a possibilidade de integração e participação continuada em projetos de pesquisa sob orientação de seus professores, bem como oportunidades de experimentação de diferentes linhas de investigação científica no âmbito das disciplinas e especialidades de formação do corpo docente.

Além daquelas decorrentes do Pibic e dos projetos individuais de professores-pesquisadores, bolsas de Iniciação Científica podem ser concedidas com recursos próprios da Ufopa e externos, entre outras fontes de financiamento contínuo ou eventual.

Eventualmente, o curso de Antropologia também realiza editais próprios de apoio à pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso, dependendo da disponibilidade orçamentária.

12.3 Políticas de extensão

O curso de Antropologia segue os princípios da extensão na Ufopa, orientada pelos encaminhamentos do PNE (2014) e pelas Diretrizes Nacionais para a Extensão Universitária, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 2018, que concebe a extensão como “a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa”.

Os princípios que norteiam a extensão universitária na Ufopa são a valorização e promoção da diversidade cultural e socioambiental; o compromisso com os direitos humanos; o respeito às diferenças de raças, etnias, crenças e gêneros; a ética; a promoção da inclusão social e; o desenvolvimento humano sustentável.

O curso de Antropologia da Ufopa segue a Resolução Consepe nº 331/2020 –



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Regimento de Graduação, que contém as diretrizes das atividades de extensão, que faz parte do percurso formativo acadêmico obrigatório do discente, de acordo com a Resolução Consepe nº 301, de 26 de agosto de 2019, que regulamenta o registro e a inserção da extensão universitária nos currículos dos curso de graduação da Ufopa. Por isso, a partir da presente atualização do PPC, o aluno deverá cumprir ao menos 256 horas de extensão distribuídas entre os componentes “práticas integradoras de extensão I e II” (com 120 horas) e “atividades de extensão” (com 136 horas), sendo-lhe facultado ainda computar carga horária de extensão em “atividades complementares” (desde que não seja em duplicidade com a carga horária destinada ao componente de atividades de extensão).

Os programas e projetos de extensão realizados pelo Bacharelado em Antropologia, em parceria ou não com outros cursos da Ufopa, procuram estimular e propiciar aos alunos a participação em ações conjuntas com instituições públicas, entidades não governamentais, empresas e movimentos sociais. Entre as formas de atuação em nível de extensão oferecidas por docentes e discentes do curso de Antropologia estão ações de extensão financiadas por órgãos governamentais, fundações e segmentos organizados da sociedade civil; ações de recuperação, conservação e divulgação de bens culturais de Santarém e região; projetos de revitalização e consolidação de grupos artísticos ou núcleos de criação, bem como festivais e mostras de arte; promoção de cursos de formação, capacitação e aperfeiçoamento de recursos humanos que fortaleçam grupos sociais e aumentem a inclusão e, ainda a estimulação de ações integradas de extensão aglutinando conhecimentos e meios dos diversos Institutos.

As atividades de extensão devem ser sempre orientadas por um servidor e podem ser apoiadas pela Ufopa ou por fontes financiadoras externas, desde que previamente aprovadas na instituição. Seja qual for a fonte, entende-se que o fomento às ações de extensão são fundamentais para a realização dessas atividades.

A Ufopa, em sua política de extensão, concede regularmente bolsas por meio do Edital do Pibex, que contempla projetos que envolvem estudantes de graduação, de forma a estimular os processos educativos, culturais, científicos e tecnológicos como forma de aprendizagem da atividade extensionista, viabilizando a relação transformadora entre a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

universidade e a sociedade. Esses projetos também contam com a participação de estudantes na condição de voluntários.

12.4 Políticas integradas

A Ufopa, por meio do Comitê Gestor dos Programas Institucionais (CGPrits), oferece aos Grupos Integrados da Instituição a possibilidade de realização de projetos no âmbito do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PEEx). O Programa PEEx, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Ufopa de 2019 – 2023 tem por objetivo efetivar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da integração entre o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão, objetivando a produção e a socialização de conhecimentos e contribuindo efetivamente para a cidadania, a inovação e o desenvolvimento na Amazônia, por meio da execução integrada de projetos institucionais integrados.

O PEEx foi criado para consolidar a estratégia institucional para atendimento de objetivos estratégicos do PDI da Ufopa 2019 – 2023, das dimensões Processos Internos (PI) e Resultados Institucionais (RI), quais sejam: “Contribuir na formação interdisciplinar de cidadãos, com ênfase no desenvolvimento sustentável da região amazônica”; “Levar os cursos de graduação e pós- graduação a alcançarem níveis de qualidade de excelência preconizados em avaliações institucionais internas e externas”; “Fortalecer a interação com a Educação Básica”; e “Promover a integração de ações interdisciplinares ao ensino, pesquisa e extensão”.

13. POLÍTICA DE ACESSIBILIDADE

O histórico da implantação de políticas de acessibilidade na Ufopa remonta a 2013, quanto representantes da instituição participaram no “Seminário Incluir”, em Brasília. Após esse evento foi feita uma socialização das informações recebidas no âmbito da Ufopa. Em seguida foi instituído o Grupo de Trabalho (GT) Pró Acessibilidade, pela Portaria nº 1.293, de 12 de agosto de 2013, com a participação de setores estratégicos, nos quais se incluem unidades Acadêmicas e Administrativas da Ufopa e posterior realização de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

reuniões periódicas. Ainda em 2013 foi realizado o I Seminário de Acessibilidade da Ufopa, com a participação da Profa. Martinha Clarete Dutra dos Santos (SECADI/MEC) e do Prof. Evandro Guimarães (UFMA), em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa de Surdos da Ufopa (GEPES).

A partir das discussões acumuladas durante esses eventos, a institucionalização de políticas de acessibilidade tornou-se prioritária na Ufopa. Assim, o Núcleo de Acessibilidade ligado à Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (Proges) foi criado em 2014 por meio da Portaria nº 1.376, contando com a participação de setores estratégicos da Universidade. Este Núcleo tem como objetivos fomentar o debate sobre a inclusão e acessibilidade, assim como realiza atividades de pesquisa e extensão, além de ações para a inserção dos alunos com deficiência no ensino superior, incluindo pessoas com transtorno do espectro autista (conforme disposto na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012).

Algumas atividades desempenhadas pelo Núcleo de Acessibilidade a fim de dar condições de ingresso e permanência aos estudantes com deficiência são: a disponibilização de cinco tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para estudantes e docentes surdos, e de 12 monitores de acessibilidade, para realizarem o acompanhamento em sala de aula do aluno com deficiência; a promoção de cursos e eventos para a comunidade interna e externa, como curso de Libras e Braile e cursos de orientação e mobilidade; e a discussão e a implementação de políticas institucionais de Acessibilidade no âmbito da Ufopa.

Desde 2019 as ações do Núcleo de Acessibilidade intensificaram-se no sentido de orientar e apoiar os docentes da Ufopa na implementação de medidas de acessibilidade. Houve a promoção de uma série de cursos tais como: Tecnologias Assistivas para pessoas cegas: Dosvox e NVDA; Surdocegueira e inclusão; Libras; Braile; Guia-Vidente; Audiodescrição e Inclusão do Autista no Ensino Superior, por exemplo, e rodas de conversa como “Inclusão no ensino superior: da perspectiva política as práticas na Ufopa”. O Núcleo também vem ofertando oficinas de Construção do Plano Educacional Individual (PEI) para pessoas com deficiência aos docentes da Ufopa.

O Núcleo de Acessibilidade dispõe de computadores com especificações



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

necessárias para a utilização de softwares e aplicativos diferenciados voltados a pessoas com deficiência (PcDs) e uma lupa eletrônica (Ruby 7 HD) para os alunos com baixa visão, os quais suporte às atividades pedagógicas desenvolvidas pelos alunos PcDs, permitindo um maior acesso às tecnologias educacionais já existentes. Dentre os serviços que são oferecidos no Núcleo de Acessibilidade estão: acompanhamento de alunos com necessidades educacionais especiais nas atividades acadêmicas; descrição, gravações e discussão de textos, seminários, experiências de laboratórios, provas, trabalhos e auxílio em sala de aula; empréstimos de tecnologias assistivas e equipamentos, como tablets, cadeiras de rodas, andadores, bengalas eletrônicas, calculadoras falantes, lupas eletrônicas e manuais; materiais didáticos impressos em Braille; e promoção de cursos e eventos para acadêmicos, servidores e comunidade em geral, entre outros.

No âmbito do curso, os docentes são incentivados a participar das formações e capacitações sobre acessibilidade oferecidas pela Proges e orientados a identificar e informar a coordenação do curso da existência de discentes com necessidades especiais em suas turmas. Quando isso ocorre, a coordenação do curso solicita a formação de uma comissão para elaborar um estudo de caso objetivando conhecer as características e necessidades do aluno ao mesmo tempo em que encaminha uma solicitação de apoio ao Núcleo de Acessibilidade (Nuaces) e de elaboração de um relatório que indique as ações necessárias para a aprendizagem desse estudante.

14. POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Visando a proporcionar aos estudantes as melhores condições de desempenho acadêmico, a Ufopa mantém programas e projetos de implementação de políticas de ações afirmativas para indígenas, quilombolas, ribeirinhos, negros, PcDs e LGBTQIA+.

O histórico dessas políticas remonta à criação desta Instituição, uma vez que a reserva de vagas para estudantes indígenas existe na Ufopa desde sua implantação. Em 2011, foi realizado o primeiro Processo Seletivo Especial para os indígenas. Com a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), garantiu-se a reserva de 50% das vagas para candidatos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

oriundos de escolas públicas e autodeclarados pretos, pardos, indígenas e PcDs no PSR. Em 2015, criou-se o Pseq. Até 2018, a Ufopa recebeu 488 estudantes indígenas via PSE, 79 pelo PSR e 250 estudantes quilombolas que estão distribuídos nos diversos cursos oferecidos por esta Instituição.

Quanto às pessoas com deficiência, a Ufopa disponibiliza vagas específicas no PSR via política de cotas desde 2016, com alteração da Lei nº 12.711/2012 pela Lei nº 13.409/2016.

Dessa forma, a Ufopa se caracteriza como uma Instituição que agrega pessoas de diversos territórios do Brasil, especificamente da região amazônica em razão da sua localização geográfica, bem como pessoas com diferentes orientações sexuais e de gênero, diversidade geracional. Assim possui um perfil acadêmico composto por estudantes indígenas, quilombolas, ribeirinhos, negros, PcDs, LGBTI.

Entre os projetos desenvolvidos pela Diretoria de Políticas Estudantis e Ações Afirmativas da Proges, estão o projeto do cursinho pré-vestibular solidário Emancipa, o projeto Pipocando Ações Afirmativas, o projeto Terapia Comunitária e o projeto Círculo Nativo, bem como os eventos relacionados aos debates das ações afirmativas, como a Semana dos Povos Indígenas, a Consciência Negra, o LGBTI e o eventos em comemoração do Dia Internacional da Mulher.

Um destaque entre os projetos que a Ufopa realiza, visando a proporcionar aos estudantes indígenas as melhores condições de desempenho acadêmico, é a Formação Básica Indígena (FBI), normatizada pela Resolução Consepe/Ufopa nº 194/2017. Atualmente vinculada ao Instituto de Ciências da Educação (Iced), mas em vias de ser transferida para o recém-criado Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII), derivado do Centro de Formação Interdisciplinar (CFI), a FBI tem por finalidade contribuir para a ambientação dos estudantes, integrar ensino, pesquisa e extensão, trabalhando conteúdos de diferentes áreas de conhecimento, como Ciências Exatas, Ciências Humanas, Tecnologias e Letras. Dirigida aos estudantes ingressantes via Psei, visa contribuir para a ambientação desses estudantes à vida universitária, para o diálogo entre diferentes saberes e epistemologias no âmbito da Universidade e para a construção de sua autonomia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

acadêmica e política, com expectativa da diminuição da evasão e da retenção universitária.

Outra iniciativa importante é o Programa Especial de Ajuste de Percurso Acadêmico, regulamentado pela Resolução Consepe/Ufopa nº 278/2019. Vinculado à Proen, esse programa tem por objetivo atuar na correção do percurso acadêmico de estudantes indígenas ingressantes nos anos de 2010 a 2016 e beneficiários do PBP/MEC (Portaria nº 389/2013/MEC) que estão defasados em relação ao ano/turma de ingresso, garantindo a integralização do curso por meio de materiais de apoio próprios e metodologia diferenciada, no prazo previsto no referido programa. Ultimamente, o programa vem sendo expandido para estudantes quilombolas, PcDs e demais estudantes que necessitam de suporte pedagógico especial para conclusão do curso.

15 APOIO AO DISCENTE

A Política de Assistência Estudantil, aprovada na Resolução Consepe/Ufopa nº 210, de 22 de agosto de 2017, é um arcabouço de princípios e diretrizes que orientam a elaboração e implementação de ações que favoreçam o acesso, a permanência e a conclusão de curso dos estudantes com vistas à inclusão social, formação plena, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e ao bem estar biopsicossocial.

A regulamentação e a estruturação da Política de Assistência Estudantil na Ufopa seguem os princípios gerais do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), Decreto nº 7.234/2010, do Ministério da Educação, compreendendo: A afirmação da Educação como uma política de Estado; Gratuidade do ensino; Igualdade de condições para o acesso, permanência e conclusão de curso na Ufopa; Formação ampliada na sustentação do pleno desenvolvimento integral dos estudantes; Garantia da democratização e da qualidade dos serviços prestados à comunidade estudantil; Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; Orientação humanística e preparação para o exercício pleno da cidadania; Defesa em favor da justiça social e eliminação de todas as formas de preconceitos; Pluralismo de ideias e reconhecimento da liberdade como valor ético central; e Integração com as atividades fins da Ufopa: ensino, pesquisa e extensão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Para gerir a Política de Assistência Estudantil e com a missão de incentivar, apoiar, orientar e acompanhar o discente em suas múltiplas demandas no decorrer de sua trajetória estudantil, de forma articulada com as demais Pró-Reitorias, Unidades Acadêmicas e Órgãos Suplementares, a Proges da Ufopa foi criada em 14 de abril de 2014.

A Proges atua nas áreas social, psicológica, pedagógica e esportiva, em vista do bom desempenho acadêmico. Para cumprir sua missão, a Proges conta com uma Diretoria de Políticas Estudantis e Ações Afirmativas (DPEAA), à qual estão vinculadas a Coordenação de Inclusão e Diversidade (Cidi), o Núcleo de Acessibilidade (Nuaces) e o Núcleo de Práticas Restaurativas (Nuprare). As políticas, os projetos, as ações e as atividades desenvolvidas DPEAA, Cidi, Nuaces e Nuprare estão em consonância com os objetivos estratégicos do Plano de Desenvolvimento Institucional PDI/Ufopa e com demais objetivos que estejam pautados na promoção e efetivação da igualdade de oportunidades.

Na política de Assistência Estudantil da Ufopa, estão implantados os Programas de Permanência Estudantil e os Jogos Internos da Ufopa, coordenados pela Proges. Destes, vamos especificar o Programa de Permanência Estudantil da Ufopa que está implementado na forma de repasse de auxílios financeiros aos discentes caracterizados como em situação de vulnerabilidade social, e que, portanto, não possuam condição de arcar com o custeio total de suas despesas com alimentação, moradia, aquisição de material didático e transporte. Esse programa também inclui os estudantes indígenas, ingressos por um Processo Seletivo Especial, em que são consideradas as condições étnicas dos estudantes.

Estas ações ocorrem desde dezembro de 2014 sob a gestão da Diretoria de Ações Afirmativas da Proges. A Diretoria de Ações Afirmativas compreende uma Coordenação de Cidadania e Igualdade Étnico Racial, uma Diretoria de Assistência Estudantil e uma Coordenação Psicossociopedagógica que, juntas, estão desenvolvendo ações e atividades que favoreçam a melhoria no nível de satisfação do aluno, a sua permanência e a sua integração com e na Instituição. As ações nas esferas técnico-científicas têm reflexo nas frentes psicopedagógica e social, favorecendo o envolvimento dos alunos na dinâmica do processo ensino-aprendizagem para a adaptação e permanência no Ensino Superior.

A Ufopa oferece ainda, serviço de Ouvidoria, com atendimento à comunidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

interna e externa através de e-mail, telefone e atendimento presencial, visando o bem estar das pessoas envolvidas, com imparcialidade, ética e sigilo. Este setor é classificado como um Órgão Suplementar ligado diretamente à reitoria, porém com o repasse das demandas aos setores competentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PARTE III: RECURSOS HUMANOS

1 APOIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO

1.1 Direção do instituto

O Instituto de Ciências da Sociedade é composto pelos cursos de Antropologia, Arqueologia, Direito, Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, e Ciências Econômicas. Docentes, discentes e técnicos de todas as subunidades elegem a cada 4 anos representantes para a direção e a vice-direção do instituto.

De acordo com o Regimento Geral da Ufopa (Resolução Consun/Ufopa nº 55, de 22 de julho de 2014), ao Diretor da Unidade Acadêmica compete, dentre outras funções: I - representar e administrar a Unidade; II - convocar e presidir as reuniões da Unidade; III - cumprir e fazer cumprir as disposições do Estatuto da Universidade, deste Regimento Geral e do Regimento da Unidade; IV - cumprir e fazer cumprir as deliberações do Conselho da Unidade e dos órgãos da Administração Superior da Universidade; V - exercer a administração do pessoal lotado na Unidade; VI - zelar pela conservação dos equipamentos e instalações confiados à Unidade; VII - assegurar a ordem e a disciplina, aplicando sanções disciplinares; VIII - constituir comissões para estudos de assuntos ou execução de projetos específicos; IX - submeter ao Conselho da Unidade, para ratificação, as medidas de urgência tomadas em matéria de sua competência; X - integrar o Consad, o Consepe e o Consun; XI - encaminhar à Reitoria, em tempo hábil, a discriminação da receita e da despesa da Unidade, como subsídio à elaboração da proposta orçamentária; XII - apresentar ao Reitor, ao longo do mês de janeiro, relatório circunstanciado de sua administração no ano anterior; XIII - promover sindicâncias e instaurar processo administrativo disciplinar, em matéria de sua competência; XIV - resolver casos omissos no Regimento da Unidade, ad referendum do Conselho da Unidade.

1.2 Coordenação do curso

A coordenação do curso de Antropologia segue as atribuições de coordenação previstas no Estatuto da Ufopa, capítulo IV, seção I, art. 55 (pág. 20-21). São elas: I -



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

presidir o Colegiado; II - coordenar as atividades de ensino, pesquisa e extensão a cargo da Subunidade Acadêmica; III - coordenar e acompanhar os serviços administrativos da Subunidade Acadêmica.

A coordenação faz a gestão do curso em diversos aspectos, entre eles: I - convocar e presidir as reuniões do Colegiado do Curso; II - solicitar à Proen, aos diretores das Unidades Acadêmicas, aos coordenadores de núcleos e aos docentes e técnicos em assuntos educacionais providências necessárias para o bom funcionamento do curso, em matéria de instalações, equipamentos, questões didático-pedagógicas e pessoal; III - articular-se com o Colegiado da Unidade Acadêmica e com a Administração Superior, a fim de harmonizar o funcionamento do curso com as respectivas instâncias; IV - coordenar o NDE do curso; V - propor, em conjunto com o NDE, reformas no PPC; VI - estruturar a grade horária e solicitar do Colegiado do Curso a designação de professores para os componentes curriculares; VII - propor estratégias de enfrentamento da reprovação e da evasão; VIII - analisar os históricos escolares, com seus respectivos programas de componentes curriculares, quando da solicitação de dispensa; IX - providenciar documentação necessária à colação de grau dos discentes; X - estimular a participação dos docentes e dos discentes no processo avaliativo (avaliação do docente pelo discente, da coordenação pelos discentes e docentes, infraestrutura), de forma a contribuir para sua autoavaliação; XI - propor ao Colegiado da Subunidade plano de providências após as avaliações; XII - colaborar no processo de avaliação externa in loco realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (Inep/MEC), fornecendo informações solicitadas pela Proen nos prazos estabelecidos; XIII - solicitar dos docentes a documentação necessária para o processo avaliativo in loco; XIV - informar aos órgãos competentes da Ufopa as necessidades do curso para uma boa avaliação; XV - promover reuniões com os docentes e discentes para fins de preparação da avaliação externa; XVI - preparar toda a documentação necessária, disponibilizando-a para a comissão de avaliação externa; XVII - conhecer a legislação pertinente às suas atribuições de coordenador: PDI, regimento da instituição e resoluções internas e externas; XVIII - receber os discentes no início dos semestres, oferecendo informações necessárias sobre a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

vida acadêmica durante o período de formação; XIX - responsabilizar-se pela orientação de matrícula, propondo, de forma conjunta com o discente, plano individual para discentes desnivelados ou oriundos de mobilidades estudantis; XX - acompanhar os prazos de inserção da oferta de componentes curriculares, possibilitando a matrícula dos discentes no período estipulado; XXI - atender ao discente, sempre que necessário ou solicitado na Coordenação do Curso; XXII - solicitar aos docentes que acessem periodicamente o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), de forma que a frequência e as notas dos discentes sejam lançadas no prazo estabelecido; XXIII - acompanhar e avaliar o estágio probatório dos docentes; XXIV - solicitar aos docentes os planos de ensino dos componentes curriculares, orientando-os para que os apresentem aos discentes na primeira semana de aula; XXV - acompanhar o cumprimento dos componentes curriculares ofertados e a execução dos planos de ensino; XXVI - providenciar, com os docentes, a reposição de aulas, em caso de faltas dos docentes, juntamente com o diretor da Unidade Acadêmica; XXVII - organizar e acompanhar, juntamente com o diretor da Unidade Acadêmica, os afastamentos e a licença de capacitação de docente; participar de reuniões, treinamentos, capacitações, sempre que convocado por órgão da administração; XXVIII - cumprir e fazer cumprir as decisões dos órgãos superiores sobre matérias relativas ao curso; XXIX - acompanhar o registro acadêmico dos discentes matriculados no curso.

A coordenação do curso de antropologia faz parte também do Conselho do Instituto de Ciências da Sociedade, órgão colegiado máximo da unidade e sua atuação é pautada em um plano de ação documentado, compartilhado e aprovado pelo colegiado do curso.

1.2.1 Atuação da coordenação do curso

A coordenadora do curso, no biênio 2022-2023, é professora do ensino superior na Ufopa há mais de 10 anos, tendo atuado antes como colaboradora junto à Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

A vice-coordenadora do curso, no biênio 2022-2023, tem mais de 25 anos de experiência profissional, dos quais 15 anos e 6 meses no magistério superior. Foi



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

coordenadora do Programa de Antropologia e Arqueologia em 2011-2012 e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento em 2015-2016.

1.2.2 Regime de trabalho da coordenação do curso

As duas servidoras da coordenação do curso são docentes de 40 horas com dedicação exclusiva (DE) à Ufopa. O regime de trabalho do coordenador é integral, dedicando 20 horas semanais à coordenação do curso e permitindo o atendimento da demanda existente quanto à gestão do curso, relação com os docentes, discentes e à representatividade nos colegiados superiores. Ao vice-coordenador do curso cabem 10 horas semanais de dedicação a essa função.

1.3 Coordenação acadêmica

A Coordenação Acadêmica é responsável por coordenar, planejar e acompanhar as ações voltadas à política de ensino, pesquisa e extensão do ICS, objetivando as melhorias necessárias ao pleno desenvolvimento do Instituto. Tem a função de apoiar as atividades das coordenações dos cursos do ICS em diversas demandas tais como secretariar reuniões do curso e redigir as respectivas atas; orientar a comunidade acadêmica no âmbito da subunidade quanto às diretrizes e às normas relacionadas à área acadêmica; organizar, conservar e providenciar o arquivamento dos documentos do curso; receber, encaminhar, acompanhar e informar a tramitação dos documentos e processos do curso, entre outras atribuições. A coordenação acadêmica do ICS é composta por um pedagogo, uma técnica em assuntos educacionais e quatro assistentes em administração.

1.4 Coordenação técnica

A Coordenação Técnica, composta por dois assistentes em administração, está ligada diretamente à Direção do ICS, tem a responsabilidade de assessorar a Direção na composição, acompanhamento e avaliação dos planos de ações voltados à política de ensino, pesquisa e extensão, objetivando as melhorias necessárias ao pleno desenvolvimento do Instituto.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

2 ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO-ADMINISTRATIVA

2.1 Coordenação administrativa

A Coordenação Administrativa tem caráter administrativo e está ligada diretamente à Direção do ICS, com a responsabilidade principal de assessorar a Direção na composição, acompanhamento e avaliação de planos e projetos de ações voltados às melhorias necessárias ao pleno desenvolvimento das atividades administrativas do Instituto. As servidoras dessa coordenação, composta por uma administradora e por três assistentes em administração, também auxiliam a coordenação do Bacharelado em Antropologia em atividades de caráter financeiro-orçamentária, patrimonial, material de consumo, gestão de pessoal, arquivos e infraestrutura.

2.2 Secretaria Executiva

A Secretaria Executiva presta assessoria à Direção do ICS, planejando, executando e gerenciando ações em conjunto com a Direção. Funciona como um protocolo geral do Instituto, que recebe e encaminha todas as documentações direcionadas à Direção e ao Instituto. Esta secretaria consolida informações recebidas dos cursos que compõem o instituto para encaminhá-las aos setores interessados. As atividades exercidas pela secretaria executiva do ICS podem ser assim categorizadas: atendimento à direção, atendimento administrativo e atendimento ao público.

2.3 Acompanhamento de egressos

O curso de antropologia realiza periodicamente eventos acadêmicos nos quais os egressos são convidados a participar trazendo aos discentes do curso perspectivas sobre a inserção profissional e o mercado de trabalho na região de Santarém e em outras localidades. Dessa forma, o Colegiado do curso tem a oportunidade de acompanhar concretamente a trajetória profissional de seus egressos, o que contribui para a avaliação interna do curso e de seu Projeto Político Pedagógico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

2.4 Órgãos colegiados

O Colegiado do Curso de Antropologia é o órgão máximo da sub unidade, formado por representantes de docentes, discentes e técnicos. De acordo com o Regimento Geral da Ufopa, compete ao Colegiado: I - aprovar os projetos pedagógicos dos cursos; II - planejar, definir e supervisionar a execução das atividades de ensino, pesquisa e extensão; III - criar, agregar ou extinguir comissões permanentes ou especiais sob sua responsabilidade; IV - manifestar-se sobre a admissão e a dispensa de servidores, bem como sobre modificações do regime de trabalho; V - opinar sobre pedidos de afastamento de servidores para fins de aperfeiçoamento ou cooperação técnica, estabelecendo o acompanhamento e a avaliação dessas atividades; VI - encaminhar à direção da Unidade Acadêmica solicitação de concurso público para provimento de vaga às carreiras docente e técnico-administrativa e abertura de processo seletivo para contratação de servidores temporários; VII - propor à Unidade Acadêmica critérios específicos para a avaliação do desempenho e da progressão de servidores, respeitadas as normas e as políticas estabelecidas pela Universidade; VIII - manifestar-se sobre o desempenho de servidores, para fins de acompanhamento, aprovação de relatórios, estágio probatório e progressão na carreira; IX - elaborar a proposta orçamentária, submetendo-a à Unidade Acadêmica; X - propor membros de comissões examinadoras de concursos; XI - manifestar-se previamente sobre contratos, acordos e convênios de interesse da Subunidade, bem como sobre projetos de prestação de serviços a serem executados, e assegurar que sua realização se dê em observância às normas pertinentes; XII - decidir questões referentes à matrícula, à opção, à dispensa e à inclusão de atividades acadêmicas curriculares, aproveitamento de estudos e obtenção de títulos, bem como sobre as representações e os recursos contra matéria didática, obedecidas a legislação e as normas pertinentes; XIII - coordenar e executar os procedimentos de avaliação do curso; XIV - representar à Unidade, no caso de infração disciplinar; XV - organizar e realizar as eleições para a Coordenação da Subunidade; XVI - propor, motivadamente, pelo voto de 2/3 (dois terços) de seus membros, a destituição do Coordenador ou do Vice-Coordenador; XVII - cumprir outras atribuições decorrentes do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

prescrito neste Regimento Geral e no Estatuto da Universidade; XVIII - aprovar a oferta de disciplina nos cursos; XIX - elaborar os planos de qualificação docente.

O Colegiado do Curso de Antropologia reúne-se ao menos uma vez por mês, para suas reuniões ordinárias e, eventualmente, em reuniões extraordinárias. As reuniões são convocadas pela Coordenação do Curso e registradas em atas, com suporte da Coordenação Acadêmica do ICS, que subsidiam o encaminhamento das decisões tomadas. O funcionamento do Colegiado orienta-se pelo que está disposto no Regimento Geral da Ufopa (Resolução Consun/Ufopa nº 55/2014). As questões que não podem ser encaminhadas pelo Colegiado do Curso, podem ser levadas para outras instâncias, entre elas o Conselho do ICS.

O Conselho do Instituto de Ciências da Sociedade é o órgão colegiado máximo da unidade, devendo ser constituído de forma paritária entre as três categorias. Compete ao Conselho definir e instituir a política acadêmica do ICS, deliberar e opinar sobre assuntos de natureza acadêmica e administrativa, aprovação de carga horária para projetos, apreciar a proposta orçamentária da Unidade, elaborada em conjunto com os cursos e subunidades administrativas e aprovar seu plano de aplicação, manifestar-se sobre pedidos de remoção, afastamento, para fins de aperfeiçoamento ou prestação de cooperação técnica, ou movimentação de servidores, ouvido o colegiado do curso ou subunidade administrativa, levando em consideração o interesse do servidor e a necessidade do serviço público, dentre outros assuntos pertinentes.

3 CORPO DOCENTE

3.1 Titulação dos docentes do curso

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
Carla Ramos	Doutorado	DE	Docente
Diego Amoedo Martínez	Doutorado	DE	Docente
Eduardo Soares Nunes	Doutorado	DE	Docente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Florêncio Almeida Vaz Filho	Doutorado	DE	Docente
Helena Moreira Schiel*	Mestrado	DE	Docente
Julia Dias Escobar Brussi	Doutorado	DE	Docente
Luciana Barroso Costa França	Doutorado	DE	Docente
Luciana Goncalves de Carvalho	Doutorado	DE	Docente
Lucybeth Camargo de Arruda	Doutorado	DE	Docente
Miguel Aparicio Suarez	Doutorado	DE	Docente
Raiana Mendes Ferrugem *	Mestrado	DE	Docente

* Docentes realizando doutorado, com previsão de término em 2023.

3.2 Titulação dos docentes convidados

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
Myrtle Pearl Shock	Doutorado	DE	Docente
Camila Jácome	Doutorado	DE	Docente
Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutorado	DE	Docente
Claide de Paula Moares	Doutorado	DE	Docente

3.3 Quadro de professor por disciplina

Semestre	Disciplinas obrigatórias	Professore(s)	Titulação
1º	Introdução à Antropologia	Diego Amoedo Martínez	Doutor
1º	Introdução à Arqueologia	Raoni Bernardo Maranhão Valle e Claide de Paula Moares	Doutora
1º	Metodologia das ciências sociais	Florêncio Vaz	Doutor
1º	História da Amazônia	Lucybeth C. de Arruda	Doutora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

2º	Teoria Antropológica I	Luciana Barroso França	Doutora
2º	Etnologia Indígena	Eduardo Soares Nunes	Doutor
2º	Teoria Sociológica	Luciana Carvalho	Doutora
2º	Leituras Etnográficas I	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
3º	Teoria Antropológica II	Miguel Aparício Suarez	Doutor
3º	Arqueologia Amazônica	Myrtle Pearl Shock	Doutor
3º	Leituras Etnográficas II	Helena Moreira Schiel	Mestre
3º	Relações Étnico-raciais	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4º	Teoria Antropológica III	Miguel Aparício Suárez	Doutor
4º	Narrativas Etnográficas	Luciana G. Carvalho	Doutora
4º	Etnoarqueologia	Camila Jácome	Doutor
5º	Teoria Antropológica IV – Antropologia Contemporânea	Eduardo Soares Nunes	Doutor
5º	Antropologia no Brasil	Lucybeth C. de Arruda	Doutora
5º	Métodos e Técnicas em Antropologia Social	Carla Ramos	Doutora
6º	Antropologia Contrahegemônica	Diego Amoedo Martínez	Doutor
6º	TCC I - Leituras Dirigidas	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor
7º	TCC II – Estágio de Pesquisa Supervisionado	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor
8º	TCC III – Redação de Monografia	Disciplina vinculada ao professor orientador	Mestre ou Doutor

Semestre	Disciplinas optativas	Professore(s)	Titulação
4º ao 7º	Antropologia da Alimentação	Miguel Aparicio Suárez	Doutor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

4° ao 7°	Antropologia da Arte	Luciana Barroso França	Doutora
4° ao 7°	Antropologia da Ciência e da Técnica	Júlia Escobar Brussi	Doutora
4° ao 7°	Antropologia da Educação	Luciana Barroso França	Doutora
4° ao 7°	Antropologia da Natureza	Miguel Aparicio Suárez	Doutor
4° ao 7°	Antropologia da Performance	Helena Schiel	Mestre
4° ao 7°	Antropologia da Religião	Júlia Escobar Brussi	Doutor
4° ao 7°	Antropologia da Saúde e da Doença	Luciana Barroso França	Doutor
4° ao 7°	Antropologia do Desenvolvimento	Júlia Escobar Brussi	Doutor
4° ao 7°	Antropologia do Gênero	Carla Ramos	Doutora
4° ao 7°	Antropologia e Filosofia	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4° ao 7°	Antropologia e História	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
4° ao 7°	Antropologia e Linguística	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4° ao 7°	Antropologia Econômica	Helena Moreira Schiel	Mestre
4° ao 7°	Antropologia Jurídica	Luciana Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Antropologia Política	Diego Amoedo Martínez	Doutor
4° ao 7°	Antropologia Rural	Diego Amoedo Martínez	Doutor
4° ao 7°	Antropologia Urbana	Luciana Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Antropologia Visual	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

4° ao 7°	Antropologias da Terra	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4° ao 7°	Culturas Populares e Sociabilidades	Luciana Gonçalves Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Estudos Afro-Brasileiros I	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4° ao 7°	Estudos Afro-Brasileiros II	Carla Ramos	Doutora
4° ao 7°	Estudos do Ritual e do Simbolismo	Helena Moreira Schiel	Mestre
4° ao 7°	Gênero, Política e Sexualidade	Carla Ramos	Doutora
4° ao 7°	História Indígena e do Indigenismo	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
5°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos III	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
1°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
3°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
7°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4° ao 7°	Laudos e Perícias Antropológicas	Luciana Carvalho	Doutora
4° ao 7°	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Professores do ICED	Mestre ou doutor
4° ao 7°	Migrações e Mobilidade	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4° ao 7°	Organização Social e Parentesco	Miguel Aparicio Suárez	Doutor
4° ao 7°	Patrimônio Cultural	Luciana Carvalho	Doutora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

4º ao 7º	Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4º ao 7º	Povos e Comunidades Tradicionais	Raiana Mendes Ferrugem	Mestre
4º ao 7º	Povos Indígenas e Estado Nacional	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4º ao 7º	Povos Indígenas na Amazônia	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4º ao 7º	Relações Interétnicas	Eduardo Soares Nunes	Doutor
4º ao 7º	Teoria Sociológica II	Florêncio Vaz Filho	Doutor
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia IV	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia I (60h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia II (60h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia III (60h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia IV (60h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia I (30h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia II (30h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia III (30h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre
4º ao 7º	Tópicos Especiais em Antropologia IV (30h)	Todos os professores de Antropologia	Doutor ou Mestre



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

3.4 Percentual de doutores e mestres

O Bacharelado de Antropologia tem 82% de docentes doutores e 18% de docentes mestres.

3.5 Política e plano de carreira

As normativas da Ufopa obedecem à Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal; sobre a Carreira do Magistério Superior, de que trata a Lei nº 7.596, de 10 de abril de 1987; sobre o Plano de Carreira e Cargos de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e sobre o Plano de Carreiras de Magistério do Ensino Básico Federal, de que trata a Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008; sobre a contratação de professores substitutos, visitantes e estrangeiros, de que trata a Lei nº 8.745 de 9 de dezembro de 1993; sobre a remuneração das Carreiras e Planos Especiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, de que trata a Lei nº 11.357, de 19 de outubro de 2006; altera remuneração do Plano de Cargos Técnico-Administrativos em Educação; altera as Leis nºs 8.745, de 9 de dezembro de 1993, 11.784, de 22 de setembro de 2008, 11.091, de 12 de janeiro de 2005, 11.892, de 29 de dezembro de 2008, 11.357, de 19 de outubro de 2006, 11.344, de 8 de setembro de 2006, 12.702, de 7 de agosto de 2012, e 8.168, de 16 de janeiro de 1991; revoga o art. 4º da Lei nº 12.677, de 25 de junho de 2012; e dá outras providências.

Segundo a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, a Carreira de Magistério Superior, desde 2013, é estruturada em classes A, B, C, D e E, conforme o exposto.

I - Classe A, com as denominações de:

- a) Professor Adjunto A, se portador do título de doutor;
- b) Professor Assistente A, se portador do título de mestre; ou
- c) Professor Auxiliar, se graduado ou portador de título de especialista;

II - Classe B, com a denominação de Professor Assistente;

III - Classe C, com a denominação de Professor Adjunto;

IV - Classe D, com a denominação de Professor Associado;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

V - Classe E, com a denominação de Professor Titular.

A Resolução nº 30, de 18 de abril de 2017, regulamenta os procedimentos para fins de progressão e promoção dos servidores da Carreira do Magistério Superior no âmbito da Ufopa. A avaliação dos requisitos para progressão e promoção funcional de docentes é de competência da Comissão Permanente de Pessoal Docente, vinculada a(o) Reitor(a).

3.6 Critérios de admissão

Na Ufopa, a Coordenação de Admissão de Pessoal, ligada à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep), tem atribuição de executar as políticas e demandas voltadas à admissão de servidores (efetivos, temporários e estagiários), bem como à movimentação de servidores.

Desde seu primeiro concurso para admissão de professores, o curso de Antropologia exige formação mínima de mestrado e, por vezes, de doutorado.

3.7 Plano de qualificação e formação continuada e apoio a participação em eventos

O curso de Antropologia valoriza a qualificação e a formação continuada de seus docentes, procurando viabilizar afastamentos temporários para realização de cursos de doutorado (para os que ingressaram com nível de mestrado), estágios pós-doutorais e capacitações diversas, desde que não prejudiquem o andamento do curso. Para tanto, os afastamentos devem estar previstos nos Planos de Afastamento da Unidade, conforme o que determina a Resolução Consad nº 103, de 06 de dezembro de 2022.

3.8 Incentivo à formação/atualização pedagógica dos docentes

Na Diretoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, da Progep, a Coordenação de Desempenho e Desenvolvimento é a instância competente para executar as políticas e demandas voltadas à capacitação dos servidores da Ufopa, com exceção de afastamento para qualificação.

3.9 Experiência profissional do docente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Os docentes do curso de Antropologia possuem experiências profissionais em diferentes áreas. Atuam em ações e projetos ligados à Antropologia Rural e Política, à Antropologia Sonora e Etnomusicologia, à Antropologia Visual, à Etnologia Indígena, ao Patrimônio Cultural e aos estudos das religiosidades das Comunidades Tradicionais de Terreiro no país, entre outros campos. Os projetos vinculam-se a outras instituições de pesquisa no país, extratos da sociedade civil e órgãos governamentais diversos.

3.10 Experiência no exercício da docência superior

A experiência de magistério superior do corpo docente do curso de Antropologia é apresentada a seguir. Todos os docentes possuem mais de 10 anos de experiência no magistério superior.

Nome	Anos de atuação profissional	Anos de docência na educação superior	Anos de docência na educação básica
Carla Ramos	16	16	0
Diego Amoedo Martínez	9	5	0
Eduardo Soares Nunes	11	7	0
Florêncio Almeida Vaz Filho	25	25	0
Helena Moreira Schiel	20	9	0
Julia Dias Escobar Brussi	6	6	1
Luciana Barroso Costa França	12	10	0
Luciana Goncalves de Carvalho	25	16,5	0
Lucybeth Camargo de Arruda	19	10	3
Miguel Aparicio Suarez	18	6	0
Raiana Mendes Ferrugem	10	9	0



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

3.11 Produção científica, cultural, artística ou tecnológica (2019-2022)

Nome	Nº Produção científica	Nº Produção cultural, artística ou tecnológica
Carla Ramos	6	0
Diego Amoedo Martínez	5	0
Eduardo Soares Nunes	7	0
Florêncio Almeida Vaz Filho	12	1
Helena Moreira Schiel	2	0
Julia Dias Escobar Brussi	5	1
Luciana Barroso Costa França	0	4
Luciana Goncalves de Carvalho	45	0
Lucybeth Camargo de Arruda	11	0
Miguel Aparicio Suarez	14	5
Raiana Mendes Ferrugem	0	1

4. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O NDE do curso de Antropologia da Ufopa foi constituído visando ao desenvolvimento adequado e eficiente do curso e segue com as funções estabelecidas na Resolução Nº 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior (CONAES). Entre suas funções destacam-se:

I - contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

A composição do NDE foi inicialmente designada pela Portaria nº 04 de 03 de fevereiro de 2012, que foi posteriormente alterada a partir de propostas aprovadas em reuniões do Colegiado do Curso de Antropologia. As subsequentes composições do NDE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

foram registradas em atas e encaminhadas às instâncias competentes, gerando as Portarias nº 1.777, de 1º de Agosto de 2014; nº 1.217, de 12 de Maio de 2015; nº 19, de 18 de maio de 2016; nº 33 de 24 de julho de 2017; nº 50 de 30 de novembro de 2017; nº 04 de 29 de Janeiro de 2018; nº 20, de 20 de abril de 2022; nº 48 de 5 de setembro de 2022 e nº 9 de 06 fevereiro de 2023 que reflete a seguinte composição do NDE:

Luciana Barroso Costa França - Coordenadora

Luciana Gonçalves de Carvalho - Vice coordenadora

Carla Ramos - Docente

Diego Amoedo Martinez - Docente

Eduardo Soares Nunes - Docente

Florêncio Almeida Vaz Filho – Docente

Helena Moreira Schiel - Docente

Júlia Dias Escobar Brussi - Docente

Lucybeth Camargo de Arruda - Docente

Miguel Aparicio Suarez - Docente

O NDE realiza reuniões ordinárias mensais e reuniões extraordinárias em ocasiões que as demandem. Desse modo, vem acompanhando permanentemente as fragilidades e potencialidades do curso; propondo alterações, quando necessário; refletindo sobre as necessidades pertinentes ao seu bom funcionamento; e assegurando o encaminhamento técnico, político, científico e cultural do curso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PARTE IV: INFRAESTRUTURA

1 INSTALAÇÕES GERAIS

A Ufopa, em Santarém, é constituída por 02 (duas) Unidades: Tapajós e Rondon. A Administração Superior, o ICS, o IFII, o Instituto de Engenharia e Geociências (IEG), o Instituto de Biodiversidade e Florestas (Ibef), o Instituto de Ciências em Tecnologia das Águas (ICTA) e o Instituto de Saúde Coletiva (Isco) se localizam na Unidade Tapajós. Na Unidade Rondon tem-se o Iced. Os demais campi da Ufopa, atualmente, são descentralizados em função do processo de criação da instituição, com a incorporação da estrutura existente da UFRA e UFPA em Santarém e, a locação de infraestrutura para acomodar o rápido crescimento da Universidade e a oferta dos diversos cursos de graduação.

Portanto, distam entre as Unidades em Santarém, não mais que dois quilômetros, o que facilita o transporte entre estes, disponibilizado de forma gratuita e regular, pela própria instituição, com diversas opções de horário, o que torna o deslocamento entre as Unidades Tapajós e Rondon, principalmente dos discentes, quando necessário, facilitado. Desse modo a oferta do Curso de Ciências Econômicas tem sua sede localizada na Rua Vera Paz, s/n, Bairro do Salé, CEP 68.035-110, na unidade Tapajós da Ufopa, em Santarém-PA. A infraestrutura da Ufopa nesta unidade dispõe de uma área de aproximadamente 10 (dez) hectares, onde estão construídos 23 (vinte e três) prédios que abrigam as salas administrativas, almoxarifado, prédio de salas de aulas e de coordenação de curso, auditório, copa-refeitório, e laboratórios de ensino e pesquisa.

As atividades do Curso de Bacharelado em Antropologia são desenvolvidas atualmente no Bloco Modular Tapajós (BMT), onde o ICS ocupa parte do terceiro andar, espaço onde encontram-se: o administrativo do ICS (direção, secretaria executiva, setor administrativo, setor acadêmico), mini-auditório, laboratório de ensino, sala das coordenações de curso, sala de professores dos programas e cursos, salas e laboratórios de pesquisa. Os espaços da Unidade Tapajós e da Unidade Rondon da Ufopa Santarém, são



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de uso compartilhado com os outros cursos vinculados ou não ao ICS.

2 SALAS DE AULA

Alunos e professores do curso de Antropologia contam com salas para aulas na Unidade Tapajós que são usadas de forma compartilhada com os outros cursos da Ufopa. Essas salas, com capacidades para 30, 40 ou 50 alunos e, algumas delas, equipadas com equipamentos eletrônicos (data show) para o desenvolvimento das aulas, estão sob a responsabilidade e gestão da Sinfra, com o apoio da coordenação acadêmica do ICS.

3 ESPAÇO DE TRABALHO PARA DOCENTES EM TEMPO INTEGRAL

Os professores do curso de bacharelado em Antropologia da Ufopa, contam, para suas atividades, com três (3) salas: 319B, 330 e 332, no BMT1, da Unidade Tapajós. Algumas delas são utilizadas de forma compartilhada com os docentes do curso de bacharelado em Arqueologia e uma delas também com docentes dos cursos de Direito e Letras.

As salas estão equipadas com mesas, cadeiras, computadores e armários e apresentam condições de iluminação, refrigeração e limpeza adequadas. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores. Esses espaços são destinados à preparação de aulas, correção de avaliações, reuniões de orientação e para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão.

4 SALA COLETIVA DE PROFESSORES

Os docentes dos cursos de Antropologia e Arqueologia têm à sua disposição a sala 324, no BMT1, Unidade Tapajós, um espaço que podem utilizar para o armazenamento de equipamentos e materiais de trabalho, preparação de aulas, reuniões de grupos de pesquisa e extensão, reuniões de colegiado e NDE, entre outras atividades. A sala possui um mobiliário do tipo “ilha”, com 4 espaços individuais de trabalho, armários, mesa e cadeiras para reuniões.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

5 ESPAÇO DE TRABALHO PARA COORDENAÇÃO DO CURSO

A coordenação do curso de Antropologia funciona na sala 317, do BMT1, Unidade Tapajós, onde estão também as demais coordenações dos cursos do ICS. A sala com cerca de 10m², é equipada com uma mesa, armário, três cadeiras e um computador possui condições de iluminação, acústica, ventilação e comodidade, adequados. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

6 AUDITÓRIOS

Os auditórios da Universidade são de uso comum de todos os cursos, dependendo apenas de agendamento prévio. Na Unidade Tapajós, o Auditório Tapajós é equipado com sistema interno de som, telão, projetor de imagens e cadeiras para 600 pessoas. O espaço do auditório é reversível podendo ser transformado em dois auditórios para 300 pessoas.

O Instituto de Ciências da Sociedade dispõe de um miniauditório no BMT1, na Unidade Tapajós, sala 327. Ele é equipado com 54 poltronas, projetor de imagens, microfone, sistema de som, televisor de 32 polegadas para atender prioritariamente aos cursos do ICS.

Na Unidade Rondon, o auditório Wilson Fonseca está equipado com sistema de som, projeção de imagens e lugares para 130 pessoas. Na mesma Unidade, há, ainda, dois miniauditórios localizados no primeiro e no terceiro andar do prédio H, respectivamente. Ambos têm capacidade para até 100 carteiras.

7 BIBLIOTECA

O Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufopa (Sibi/Ufopa), que inclui todas as unidades de bibliotecas da Universidade é um sistema gerenciador do órgão suplementar Biblioteca, ligado diretamente à Reitoria, conforme previsto no art. 33 do Estatuto da Ufopa e, ainda, contemplado no art. 95 do Regimento Geral.

Na sede da Ufopa, localizada na cidade de Santarém, existem duas bibliotecas. A Biblioteca Central da Ufopa, criada em 2009, é o órgão que executa a direção técnica do sistema, coordena tecnicamente as bibliotecas, definindo normas e diretrizes que visam



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

subsidiar as bibliotecas na prestação de serviços e produtos de informação necessários ao apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão na Ufopa. A segunda biblioteca existente na sede fica na Unidade Tapajós, onde funciona o curso de Antropologia. Além delas existem bibliotecas nos campi sediados nos Municípios de Itaituba, Oriximiná, Monte Alegre, Óbidos, Juruti e Alenquer.

A Ufopa ainda dispõe de um acervo virtual, “Minha Biblioteca”, com mais de 10 mil títulos e funcionalidades como leitura em voz alta, anotações, realce de cor, marcação de página e pesquisa por palavras-chave que promovem a acessibilidade, estimulam a aprendizagem e favorecem a retenção de alunos. O acesso a esse acervo está disponível através da página da biblioteca, mediante as mesmas credenciais de acesso ao SIGAA.

A Biblioteca Central, situada no Campus Rondon, tem uma área total de 372,80 m², dividida da seguinte maneira:

Térreo: hall, banheiros feminino e masculino; recepção/atendimento, escada, elevador para PcD, armário para guarda-volumes e área específica para acervo, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização.

Primeiro piso: 1 sala para Direção, 2 salas para o processamento técnico, 1 sala de guarda de acervo, 1 sala de estudo em grupo para até 8 pessoas, equipado com TV e data show e mais área de estudo, estruturado com 3 cabines individuais de estudo, 9 cabines com computadores para acesso à internet e 7 mesas de estudo coletivo, 18 mesas de estudo individual e 7 estantes para periódicos.

A biblioteca tem em sua estrutura câmeras de segurança instaladas no térreo e 1º piso, apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias, sendo realizadas limpezas diariamente em todos os ambientes.

Já a Biblioteca da Unidade Tapajós conta com uma área total de 274,22 m² que se divide em: 1 Hall de entrada, com balcão para atendimento aos usuários; armários guarda-volumes; 1 sala com o acervo bibliográfico do campus, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização, numa área de 57,62 m²; Área para estudo coletivo e 3 salas para estudo em grupo (até 6 pessoas); 1 sala com 20 cabines individuais de estudo, 5 computadores para acesso à internet e 9 mesas para estudo individual; 1 sala



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

administrativa, para o processamento técnico do material bibliográfico e audiovisual. Apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias.

7.1 Bibliografia básica e complementar por unidade curricular

Considerando a essencialidade de manutenção do acervo bibliográfico, além do acervo físico, o Sibi da Ufopa dispõe de duas assinaturas de bases de dados, que possibilitam flexibilidades de acesso aos materiais disponíveis em suas bases: Minha Biblioteca (plataforma de livros digitais) e Target Web (acesso às normas da ABNT e documentos regulatórios).

Foi definido que os livros da bibliografia básica e complementar previstos pelo projeto pedagógico do curso estarão disponíveis na biblioteca do Campus, devidamente catalogados e tombados junto ao patrimônio da instituição. O acervo está informatizado e organizado por áreas de conhecimento, facilitando, assim, a procura por títulos específicos, contemplando todas as áreas de abrangência do curso e de livre acesso para todos os usuários, respeitando-se as normas vigentes.

O acervo se encontra informatizado por meio do software de gerenciamento SIGAA, garantindo a consulta, empréstimo, renovação e reserva por parte dos alunos e servidores, tendo por objetivo atender as necessidades do curso quanto às características acadêmicas e pedagógicas, visando contribuir para a formação e aprimoramento dos estudantes quanto aos conhecimentos/competências/habilidades julgadas essenciais ao desenvolvimento do aluno em cada uma das unidades curriculares.

Quanto aos periódicos, a Ufopa disponibiliza acesso ao portal de periódicos da Capes, e visando a manutenção deste serviço, os docentes do curso devem estimular seu acesso por parte dos estudantes. O acesso pode ser feito por meio de qualquer máquina conectada à rede do Campus, ou ainda remotamente, via CAFé (Comunidade Acadêmica Federada). Tutoriais de acesso ao portal de periódicos ofertados pelo próprio portal de periódicos da Capes, bem como bases de dados assinadas pelo Ufopa e tutorial de acesso remoto estão disponíveis no site da biblioteca. Existem computadores com acesso à internet na biblioteca, visando facilitar o uso destes recursos informacionais.

A formação e aprimoramento do acervo bibliográfico leva em consideração o Plano



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de Atualização do Acervo do Sibi, aprovada pelo Consepe da instituição em julho de 2016, cuja revisão está em andamento.

O gerenciamento do acervo ocorre de forma compartilhada entre NDE e Biblioteca. O NDE é responsável pelas definições qualitativas (por quais títulos serão compostas as bibliografias básicas e complementares de cada unidade curricular) e quantitativas (quantos exemplares serão necessários). A Direção do Sibi é o responsável pelo processo de aquisição, contando com o apoio da Pró-Reitoria de Administração e das Unidades Acadêmicas.

A readequação dos materiais definidos, em virtude de impossibilidade de aquisição seja por esgotamento ou para garantir a compra de obras que atendam às unidades curriculares mais plenamente, se dá através de contato direto entre Biblioteca e Coordenação de Curso visando a constante manutenção e atualização do acervo de forma a garantir seu acesso. O Coordenador do Curso é o responsável por levar estas demandas e informações ao NDE, para que possa ser realizada a análise de cada situação e a deliberação sobre cada tópico.

Desde o início do curso de Bacharelado em Antropologia, o NDE acompanha o fluxo de compra de livros, visando garantir aos discentes a acessibilidade às referências bibliográficas e também tendo ciência de que é necessário o envolvimento com a organização e estruturação do acervo bibliográfico do curso.

8 LABORATÓRIOS

O curso de Antropologia conta com 7 laboratórios de pesquisa e extensão, que funcionam em 3 salas na Unidade Tapajós. São eles: o Co-Laboratório de Antropologia Rural e da Resistência (CO-LARR); o Laboratório de Antropologia Sonora e Etnomusicologia (LanSE); o Laboratório de Antropologia Visual e Arqueologia da Imagem (LAVAI); o Laboratório de Etnologia (LABORE); o Laboratório Terras, Paisagens, Histórias e Imagens na Amazônia (TEPAHÍ); o Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca); e o Núcleo de Pesquisa e Documentação de Expressões Afro-Religiosas no oeste do Pará e Caribe



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

(NPDAFRO).

8.1 Co-Laboratório de Antropologia Rural e da Resistência - CO-LA-RR

Coordenação: Prof. Dr. Diego Amoedo Martínez (Antropologia)

Vice coordenação: Júlia Dias Escobar Brussi

Linhas de pesquisa: Antropologia da técnica e antropologia rural e dos povos e comunidades tradicionais.

Docentes Participantes/Colaboradores: Profa. Dra. Julia Dias Escobar Brussi (Antropologia), Lucybeth Camargo de Arruda (Antropologia) e Prof. Msc. Vinicius Honorato (Arqueologia)

O Co-La-RR nasce como um co-laboratório seguindo as ideias de Rabinow (2006) acerca dos laboratórios colaborativos na Ufopa no ano 2018. Três são os eixos que o autor define em sua proposta, a saber: a importância das tecnologias e conceitos específicos; as condições históricas e materiais; e a diversidade da prática científica. A base teórica norteada via esses eixos se sustenta na experimentação no uso recursivo e na colaboração. A experimentação é entendida pelo autor como a ação de provar diferentes formas de pesquisa e crítica. O uso recursivo será a avaliação pontual e as possíveis reconfigurações dos projetos. Finalmente a colaboração, inventar novas formas de trabalho pensadas para redistribuir as contribuições individuais e coletivas é outro dos pés fundamentais de sua proposta colaborativa.

Dessa forma o Co-La-RR procura crescer com os aportes de discentes e demais pesquisadores da grande área dos conflitos do campo, as práticas de resistência cotidiana (Scott, 2002) e as diferentes estratégias formuladas pelos diferentes coletivos. As cartografias, as vidas e as formas de se viver serão alguns dos elementos mais importantes para pensarmos o que é a antropologia, a antropologia rural e as práticas de resistência das pessoas desde um olhar crítico.

O Co-La-RR vem a preencher um espaço político e crítico, aberto e colaborativo. Como justificativa principal preencher uma lacuna estratégica no curso de Antropologia no que diz respeito à Antropologia Rural e Política.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Os projetos e ações de pesquisa dos docentes membros do Co-La-RR abarcam parcerias diretas e indiretas com professores e pesquisadores de instituições como Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Centro de Estudos Rurais (Ceres), UNB - Universidade de Brasília, CoLaboratório TerraTerritório - CoLaTTe (Ceres-UNICAMP), Laboratório de Estudo sobre Tradições (LETRA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Instituto Mulheres e Economia (IMUÊ).

8.2 Laboratório de Antropologia Sonora e Etnomusicologia - LAnSE

Coordenação: Profa Dra. Luciana Barroso Costa França (Antropologia)

Vice-Coordenação: Profa. Me. Helena Moreira Schiel (Antropologia)

Linha de pesquisa: Antropologia sonora e etnomusicologia

O LAnSE nasceu em 2019, a partir da junção de iniciativas isoladas que já se desenvolviam dentro do curso de Antropologia da Ufopa voltadas para a documentação, registro e pesquisa de manifestações musicais e expressões sonoras na região do Oeste do Pará. Antes mesmo da criação do laboratório, em 2018, a Profa Helena Schiel orientou o TCC de Roque Yaxikma Waiwai, que faz uma descrição etnográfica sobre as flautas ratî Waiwai. No mesmo ano, surgiu o projeto de extensão “Quem são eles? uma viagem musical pelo Baixo Tapajós”, coordenado pela Profa. Luciana França, com o objetivo de registrar e compreender algumas manifestações musicais da região. Nos anos seguintes, com o apoio do LAnSE, foram realizados três documentários de curta duração sobre um evento musical em Alter do Chão e sobre a construção de instrumentos artesanais típicos do carimbó. Em 2021, um novo projeto de extensão, “Memórias do Sairé”, coordenado também pela professora Luciana França, passou a fazer parte das ações de registro do LAnSE das expressões musicais da região de Santarém. Apoiando a Côrte do Rito Religioso do Sairé de Alter do Chão, este laboratório ajudou a produzir, em formato audiovisual, a série “Mestres Foliões”, em que as folias que fazem parte dessa manifestação cultural e religiosa são executadas e apresentadas pelos músicos, devotos da festa. As pesquisas envolvidas em todas essas ações revelaram a riqueza e a diversidade das musicalidades na região do Oeste do Pará, para as quais o LAnSE se volta com o intuito



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de documentar, compreender e divulgar.

8.3 Laboratório de Antropologia Visual e Arqueologia da Imagem - LAVAI

Coordenação: Prof. Dr. Raoni B.M. Valle (Arqueologia Rupestre) Vice-Coordenação: Profa. Dra. Lucybeth C. Arruda (Antropologia Visual)

Professores colaborador/participante: Prof Dr. Eduardo Nunes (Antropologia)

O LAVAI é um espaço laboratorial para o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares entre antropologia visual e arqueologia da arte rupestre. Ao longo de sua conformação, o laboratório também passou a desenvolver pesquisas interculturais e interepistêmicas entre acadêmicos indígenas e professores dos cursos de Antropologia e Arqueologia, bem como, contando com pesquisadores indígenas externos à Ufopa de diversos povos da bacia Amazônica. O foco prioritário das ações do LAVAI hoje centra-se, além da promoção à pesquisa Indígena em Antropologia e Arqueologia, na proteção e promoção de recursos culturais Ameríndios, como a salvaguarda do patrimônio cultural Imaterial desses povos materializado em lugares sagrados e sítios rupestres.

O Lavai surgiu como proposta no âmbito do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA), ainda em 2014, em um espaço que pudesse albergar uma articulação com povos indígenas da região para pensar imagem em amplo espectro, desde a arte rupestre até a fotografia e audiovisual. O trabalho ganhou contornos com a aprovação do Programa de Extensão (Proext) no ano de 2014: “Kuyjeat Etaybinap - Arqueologia da Oralidade nas Aldeias Munduruku do Médio rio Tapajós”. Essas atividades envolviam visionamento de imagens videográficas capturadas, decupagem e edição para elaboração de documentários etnográficos sobre o povo Munduruku. Atualmente, o LAVAI está albergado na sala 332, do BMT 2, no Campus Tapajós, com os professores dos cursos de Antropologia e Arqueologia com atuações nas linhas de pesquisa em arqueologia rupestre e conhecimentos indígenas; povos indígenas em perspectiva histórica; antropologia, fotografia, história e etnografia histórica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

8.4 Laboratório de Etnologia - LABORE

Coordenação: Profa. Me. Helena Moreira Schiel (Antropologia)

Vice-coordenação: Profa Dra. Luciana Barroso Costa França (Antropologia)

Linha de pesquisa: Etnologia indígena

O LABORE surgiu em 2014 como um espaço de colaboração acadêmica entre alguns dos docentes do curso de antropologia que haviam dedicado seus estudos ao campo da etnologia indígena. Desde então, alguns projetos de pesquisa, que contaram com a colaboração de estudantes bolsistas com planos de trabalho PIBIC, estiveram vinculados a este laboratório, buscando olhar para diferentes contextos etnográficos indígenas e articulá-los a partir das teorias e conceitos fundamentais para esse campo de conhecimento dentro da antropologia. Algumas ações de extensão também foram realizadas por este laboratório, notadamente seus “Seminários de Pesquisa” que trouxeram diversos pesquisadores para apresentar seus estudos para os discentes e professores vinculados a este espaço. Em algumas situações, as ações do LABORE foram planejadas para atender demandas dos discentes indígenas da Ufopa que solicitaram que temas que lhes diziam respeito diretamente fossem trazidos e debatidos publicamente. De forma ampla, o LABORE tem se dedicado aos estudos em etnologia indígena, conectando os contextos locais e outros mais distantes, promovendo o intercâmbio entre pesquisadores da Ufopa e de outras instituições em torno desse campo de estudos e buscando compreender e pautar os temas necessários do ponto de vista das populações indígenas da região do Oeste do Pará.

8.5 Laboratório TEPAHÍ - Terras, Paisagens, Histórias e Imagens na Amazônia

Coordenação: Prof. Dr. Eduardo Nunes

Vice Coordenação: Prof. Dr. Raoni Valle (Arqueologia)

Docentes Participantes:

Prof. Dr. Miguel Aparicio (Antropologia)

Profa. Dra. Lucybeth Arruda (Antropologia)

Profa. Dra. Camila Jácome (Arqueologia)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Prof. Dr. Diego Amoedo (Antropologia)

Prof Msc. Vinícius Honorato de Oliveira (Arqueologia)

Linhas de pesquisa: Histórias e regimes de historicidade. Terras, territórios e paisagens. Relações interespecíficas e multinaturais. Objetos e materialidade. Imagens, conhecimentos e regimes de criatividade.

Criado no início do ano de 2019, a proposta do laboratório surge a partir dos diálogos e colaborações que vinham ocorrendo entre alguns professores da antropologia e da arqueologia. Com o intuito de formalizar e de potencializar essa interlocução e as produções que tinham lugar nesse contexto, o Tepahí foi registrado enquanto grupo de pesquisa no CNPq e constituído enquanto um laboratório, sediado na sala 207, ainda no antigo prédio do Campus Amazônia. O escopo de interesse do grupo se volta para os temas elencados no título: terras, paisagens, histórias e imagens. De um modo geral, interessa-se em pensar as relações de indígenas e outras populações tradicionais com a terra, em seus diferentes aspectos: da história de ocupação dos lugares aos regimes particulares de historicidades; das relações territorialmente situadas das pessoas entre si às relações com as plantas, os animais e outros seres; a maneira como essas relações produzem as paisagens onde essas populações vivem; a dimensão técnica e material da vida, que se desdobra em uma multiplicidade de artefatos com valor não apenas utilitário mas também, no caso de alguns, estético. Perpassando tudo isso, a imagem, fotográfica ou audiovisual, é não apenas um interesse como objeto de análise, mas também como um instrumento metodológico e um suporte utilizado em algumas de nossas pesquisas. De modo transversal, igualmente, está o interesse não apenas pelos conhecimentos como pelos conhecedores e conhecedoras tradicionais, o interesse no estímulo e valorização da produção intelectual dos próprios indígenas e outros conhecedores tradicionais, bem como da pesquisa colaborativa. A dinâmica de funcionamento do laboratório se baseia em uma rotina de encontros dos pesquisadores participantes para discutir textos previamente selecionados; na execução de projetos de pesquisa por um ou mais docentes (e em alguns casos alunos bolsistas) utilizando a infraestrutura física e equipamentos do laboratório (bem como alguns equipamentos dos cursos de Antropologia e Arqueologia); na organização de sessões de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

falas de pesquisadores de outras instituições e exposições de produção audiovisual de notório interesse.

Os projetos e ações de pesquisa dos docentes membros do Tepahi abarcam parcerias diretas e indiretas com professores e pesquisadores de instituições e organizações como: Universidade de Campinas (Unicamp); Universidade de Brasília (UNB); International Federation of Rock Art Organizations (IFRAO - Austrália); Associação Brasileira de Arte Rupestre (ABAR); Asociación Peruana de Arte Rupestre (APAR - Perú); Asociación de Vales Cruceños de Arte Rupestre (AVCAR - Bolívia). Atualmente, o Tepahi está instalado na sala 332, do BMT 2, no Campus Tapajós, com os professores dos cursos de Antropologia e Arqueologia com atuações nas linhas de pesquisa: Arqueologia Amazônica, Relações interespecíficas e multinaturais, Imagens, conhecimentos e regimes de criatividade, Objetos e materialidades, Antropologia e História, Terras, territórios e paisagens, Histórias e regimes de historicidade e Relações interespecíficas.

8.6 Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca)

Coordenador: Bruno Alberto Paracampo Mileo (Direito)

Vice-coordenadora: Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho (Antropologia)

Docentes participantes/Colaboradores: Prof. Dr. Florêncio Almeida Vaz Filho (Antropologia), Profa. Dra. Judith Costa Vieira (Direito), Profa. Dra. Lilian Rebellato (Arqueologia) e Prof. Dr. Zair Henrique dos Santos (Letras).

Grupo de pesquisa vinculado: Diversidade social, territórios e novos direitos na Amazônia

Linhas de pesquisa: Memória, identidade e territorialidade na Amazônia, e Socioambientalismo e direitos coletivos

Resumo: O histórico do Núcleo Integrado de Estudos Interdisciplinares de Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca) remonta a 2010, quando um grupo de docentes e discentes do ICS iniciou o Programa de Extensão Patrimônio Cultural na



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Amazônia (Pepca) para atuar no campo do patrimônio cultural e dos direitos culturais, com apoio financeiro do Proext/MEC (2011-2016). Desde então, o programa tem realizado ações de pesquisa, ensino e extensão que valorizem as interfaces do patrimônio com temas como território, conflitos socioambientais e propriedade intelectual, de acordo com a ampla definição de patrimônio cultural presente na Constituição Federal de 1988. Em busca da institucionalização e consolidação de suas ações, a equipe do Pepca cadastrou o grupo de pesquisa Diversidade social, territórios e novos direitos na Amazônia no CNPq em 2011, e, em 2015, criou o Sacaca. Essa reconfiguração reflete a ampliação do escopo do Pepca, que, na prática, já absorvia diversas questões além do patrimônio cultural desde sua criação. Atualmente, o Sacaca incorpora diversos interesses e contribuições acadêmicas de professores e estudantes dedicados ao estudo dos modos de vida de sociedades amazônicas, especialmente na interface entre cultura e ambiente. O núcleo recebe demandas da sociedade regional para a prestação gratuita de serviços e assessorias técnicas e jurídicas. Destacam-se, nesse sentido, os trabalhos realizados com a Asarisan, a AARTA, a ABCN, a Associação Hortoflorestal de Monte Alegre, o GCI, o PNCSA, a ACRQAT, a ACORQA, a ARQMO e a FOQS. Nesses e em outros trabalhos, o Sacaca conta com a parceria regular de colaboradores da UFPA, da UFPB, da Unicamp, do INPI, do Iphan, do Ideflor-bio, do ICMBio, do MPPA e do MPF, entre outras instituições.

8.7 Núcleo de Pesquisa e Documentação de Expressões Afro-Religiosas no oeste do Pará e Caribe - NPDAFRO

Diretório de Grupos CNPq

Coordenação: Prof. PhD. Carla Ramos Munzanzu (Antropologia)

Vice-Coordenação: Prof.Dra. Myrian Sá Leitão Barboza (Arqueologia)

Docentes Participantes/Colaboradores: Profe. Dra. Maria Betanha Cardoso Barbosa (Ufopa); Prof. Dra. Roberta Sá Leitão Barboza (UFPA); Prof. Dra. Beatriz Martins Moura (INCTI-UNB), Profa. Raiana Mendes Ferrugem (Ufopa)

Linhas de Pesquisa: Feminismos Negros e Indígena na Amazônia Brasileira; Comunidades Tradicionais de Terreiro, Processos de Constituição, História e Presença na



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Amazônia; Educação, comunicação e divulgação científica na Amazônia; Etnobotânica e Comunidades Tradicionais de Terreiro na Amazônia; Memória, movimentos e população LGBTQIA+ na Amazônia.

O NPDAFRO é um núcleo de pesquisa e documentação que nasce no diálogo com as Comunidades Tradicionais de Terreiro de alguns municípios do Oeste do Pará (Santarém, Monte Alegre, Alenquer, Oriximiná). Esse encontro tem resultado em diversos projetos de pesquisa, ensino e extensão dedicados a constituir espaços duradouros para a produção de material a respeito das histórias dos Terreiros, dentro de uma perspectiva de análise desses espaços como absolutamente relevantes para a compreensão das múltiplas experiências negras na Amazônia e na diáspora africana.

A história desse núcleo se entrelaça também com a história da própria Ufopa. Fundado em 2011 e mantendo-se ativo desde então, o NPDAFRO hoje funciona na sala 330 do campus Tapajós e tem por objetivo a pesquisa e documentação das práticas afro-religiosas na região oeste do Pará, e com o passar dos anos tem ampliado o escopo das suas linhas de pesquisa para dar conta da complexidade de temáticas que atravessa historicamente a experiência das Comunidades Tradicionais de Terreiro no país.

Ao longo desses anos de atuação, o NPDAFRO estabeleceu uma relação de profunda parceria e afeto com diversos terreiros, atuando de forma sistemática no combate ao racismo religioso que se apresenta como uma dura realidade no país. Além disso, este núcleo está comprometido com a formação de estudantes, tendo encaminhado alguns de seus pesquisadores para importantes programas de pós graduação no país, com pesquisas que se desdobraram das iniciações em pesquisa e extensão, através das bolsas de PIBIC e PIBEX.

9 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Pesquisas com seres humanos, tais como grande parte das pesquisas realizadas na área de Antropologia, devem ser aprovadas previamente pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), que estão vinculados à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), por sua vez ligada ao Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

A Resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996 traz a definição conceitual dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), a saber: colegiados interdisciplinares e independentes, com “munus público”, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses do sujeito da pesquisa, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Contribuem, assim, com o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Cabe a eles, portanto, a função de revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição.

Na Ufopa, o CEP foi instituído em 20 de dezembro de 2019 através da Portaria nº43/2019 da Reitoria da Universidade Federal do Oeste do Pará e teve seu regimento aprovado em 21/10/2020. Esse documento foi redigido de acordo com as normas delineadas nas Resoluções CNS 370/2007, CNS no 466 de 12/12/2012 e CNS no 510 de 07/04/2016, além de demais documentos normativos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde.

O objetivo do CEP-Ufopa é implementar e difundir entre a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo, as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas, envolvendo seres humanos, aprovadas pela CONEP. Ele tem funções consultivas, deliberativas, normativas e educativas, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa. O CEP reúne-se periodicamente, cumprindo agenda amplamente divulgada no site da Ufopa.

10 ACESSO DOS ALUNOS A EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA

Além dos espaços dos laboratórios do curso de Antropologia, os discentes podem ter acesso a equipamentos de informática nos espaços a seguir discriminados.

Laboratório de Ensino do ICS - localizado na sala 328, no BMT1, da Unidade Tapajós. Esse laboratório pode abrigar aulas, cursos e minicursos com demandas de uma dinâmica interativa por meio de tecnologias digitais. A sala é equipada com mobília para 22 computadores completos e quadro branco, com boas condições de iluminação,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

refrigeração e limpeza e com acesso por escadas e elevadores.

Laboratório de Informática 01 - localizado na sala 145, no piso térreo da unidade Tapajós, no Bloco Modular II (BMT2) e dispõe de 50 máquinas incluindo a do docente, com rede de internet cabeada. Este espaço está disponível diariamente para atender as demandas institucionais de toda a universidade. Seu uso requer agendamento prévio à coordenação do espaço, que avalia a solicitação e, de acordo com as datas e horários disponíveis, encaminha a autorização de acesso ao laboratório para o requerente.

Estes laboratórios de informática atendem parcialmente às necessidades institucionais e do curso em relação à disponibilidade de equipamentos, ao conforto, à estabilidade e velocidade de acesso à internet, à rede sem fio e à adequação do espaço físico, possuem hardware e software atualizados e passam por avaliação periódica de sua adequação, qualidade e pertinência.

Para acesso à internet, a comunidade acadêmica dispõe de acesso à rede Wi-Fi nas unidades Tapajós e Rondon. Os discentes utilizam a rede “acadêmico” e os professores, a rede “Ufopa”. A instituição também oferece acesso a computadores e à internet nas instalações das Bibliotecas das unidades Rondon e Tapajós, e no Restaurante Universitário. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem nos três (03) turnos de funcionamento da instituição: matutino, vespertino e noturno.

A Ufopa dispõe, ainda, da Sala Multimeios, gerida pela Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica e localizada no terceiro andar do Bloco Modular Tapajós II, Unidade Tapajós, sob o número 345b. Destinada a reuniões e pequenos eventos realizados entre 8h30min e 18h, Sala Multimeios tem capacidade para 15 pessoas se acomodarem em cadeiras confortavelmente distribuídas, conta com conexão à internet através de rede Wi-Fi e está disponível para utilização por todos os servidores ativos da Ufopa, mediante solicitação prévia ao Gabinete da Proppit e assinatura de termo de responsabilidade sobre o uso de equipamentos como datashow, caneta laser, microfone, caixa de som, extensão e televisão.

Por fim, o curso de Antropologia tem à sua disposição, no ICS, máquinas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

fotográficas, filmadoras, notebooks, gravadores e aparelhos de datashow que podem ser usados por professores e alunos para atividades em sala de aula e em trabalho de campo.

11 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Os prédios onde funcionam o curso de Antropologia da Ufopa atendem às normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, atendendo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência adotado pela ONU em 2006, ratificado com equivalência de emenda constitucional no Brasil, através do Decreto Legislativo nº 186/2008 e promulgado por meio Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009.

A estrutura atual possui elevadores os quais permitem o acesso a todos os setores da instituição, dentre eles salas de aula, bibliotecas, auditórios, laboratórios, áreas de lazer e sanitários. Ambos elevadores são submetidos à manutenção alternada garantindo o funcionamento permanente. Os banheiros são adaptados e seguem o padrão legal exigido.

12 INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

A segurança da Ufopa é realizada por 02 (duas) empresas terceirizadas, sendo supervisionada pela fiscalização técnica, administrativa, setorial e pela Coordenação de Segurança que está vinculada à Superintendência de Infraestrutura. No Campus Santarém, Unidade Tapajós, onde funciona o curso de Antropologia, existem 10 (dez) postos do serviço de agente de portaria:

a) Posto de serviço alocado na Guarita Tapajós: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

b) Posto de serviço alocado no Bloco de Salas Especiais – BSE (prédio laranja) Rondante: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

c) Posto de serviço alocado no Ctic: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

d) Posto de serviço alocado no Acesso ao Prédio BMT-1: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

e) Posto de serviço alocado no Acesso ao Prédio BMT-2: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

f) Posto de serviço alocado como Rondante nos Prédios BMT-1 e 2: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

g) Posto de serviço alocado no Núcleo de Salas de Aula - NSA: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

h) Posto de serviço alocado no Tapajós (Garagem/Transporte): 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

i) Posto de serviço alocado como Rondante na Orla/NSA/CTIC: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

j) Posto de serviço alocado no Tapajós Orla/Madeirão/Arqueologia: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h diurno (07h às 19h), composto por 02 (dois) agentes de portaria, trabalhando 12X36h, 01 (um) diariamente por turno.

Existem, também, 04 (quatro) postos do serviço de vigia:

a) Posto de serviço alocado na Guarita Tapajós: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigias, trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.

b) Posto de serviço alocado no Acesso ao Prédio BMT-1: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigias,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.

c) Posto de serviço alocado no Núcleo de Salas de Aula - NSA: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigias, trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.

d) Posto de serviço alocado como Rondante no CTIC/Laranjão/Guarita: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigias, trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.

Existem, ainda, 04 (quatro) postos do serviço de vigilância armada:

a) Posto de serviço alocado como rondante na Unidade Tapajós: 02 (dois) postos de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 04 (quatro) vigilantes armados, trabalhando 12X36h, 02 (dois) por turno.

b) Posto de serviço alocado como rondante no Prédio BMT-2: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigilantes armados, trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.

c) Posto de serviço alocado no Tapajós Orla/Madeirão/Arqueologia: 01 (um) posto de serviço de jornada de trabalho de 12h noturno (19h às 07h), composto por 02 (dois) vigilantes armados, trabalhando 12X36h, 01 (um) por turno.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ANEXOS

Anexo 1 - Ementário e bibliografia

RELAÇÃO DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

1º PERÍODO

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: O que é a Antropologia. Origem da disciplina. Relativismo Cultural como ferramenta analítica. Observação Participante e Trabalho de campo. Campo atual da disciplina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DA MATTA, Roberto. 1981. **Relativizando. Uma Introdução à Antropologia.** Petrópolis: Vozes.

. MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Ubu Editora, 2018.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa.** Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LARAIA, Roque. **Cultura. Um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **História do Pensamento Antropológico.** Lisboa: Edições 70, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Raça e História” *in*: **Antropologia Estrutural Dois.** Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1976.

LEACH, Edmund. **Repensando a Antropologia.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Relações entre a Arqueologia e as ciências humanas. Introdução sobre Teoria Arqueológica. Relações entre Arqueologia e contextos sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

- TRIGGER, B.G. 2004. In: História do Pensamento Arqueológico. São Paulo, Odysseus Editora Ltda. pp. 18-25.
NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. **O Povo de Luzia**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
NEVES, E. G. **Arqueologia Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UNB, 1992.
FUNARI, P.P.A. Como se tornar um Arqueólogo no Brasil. **Revista da USP**, v.44, p. 74-85, dez-fev, 1999/00.
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/30095/31980/34934>
ZANETTINI, P. Qual o Futuro Desejamos para a Arqueologia no Brasil. **Arqueologia em Debate: Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, n.2, p. 19-22, 2010.
MOBERG, Carl Axel. **Introdução à Arqueologia**. Lisboa, Edições 70, 1986.
MEGGERS, B.J.. Pré-História Sul Americana, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, p. 65-136.

METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Introdução à linguagem e formatos acadêmicos. Resenha, resumo, fichamento e uso de bibliografia. Epistemologia e fundamentos das Ciências Sociais. Natureza do conhecimento antropológico. Trabalho de campo como metodologia da pesquisa antropológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2014.
DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BRUYNE, Paul de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologia e a crise dos modelos explicativos. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 25, p. 213-228, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a17.pdf>
GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27171/28943>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

CARDOSO DE OLIVERA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>

HISTÓRIA DA AMAZÔNIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Processos de colonização. Primeiros exploradores, viajantes e naturalistas. A Amazônia entre os séculos XVI a XX.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros**: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII). Manaus: Editora Valer, 2009.

DIAS, E. M. **A ilusão do fausto** – Manaus, 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999.

ARENZ, Karl, LAURINDO, L. e GOIS, D. Baixo amazonas: histórias entre rios, várzeas e terra firme. São Paulo: Editora Intermeios, 2022.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. **Tempos de revoltas no Brasil oitocentista**: ressignificação da cabanagem no baixo tapajós (1831-1840). Curitiba: CRV, 2017.

FUNES, Eurípedes A. “Nasci nas matas, nunca tive senhor”. História e memória dos mocambos do baixo Amazonas”. In: REIS, João José & GOMES, Flávio. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. “Índios cristãos no cotidiano das colônias do norte (séculos XVII e XVIII)”. In: **Revista de História**, nº 168, p. 69-99, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rh/n168/0034-8309-rh-168-00069.pdf>.

BATISTA, Luciana Marinho. Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, c.1850 - c.1870. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GRINBERG, K. e SALLES, R. **O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SECRETO, Maria Verónica. “A ocupação dos ‘espaços vazios’ no governo Vargas: do ‘discurso do Rio Amazonas’ à saga dos soldados da borracha”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 40, p. 115-135, 2007.

2º PERÍODO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

TEORIA ANTROPOLÓGICA I
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Ambientar o aluno com as primeiras interpretações que a antropologia elaborou sobre a vida social e simbólica dos povos nativos, a partir da expansão colonial europeia no século XIX e início do XX. Apresentar a/o discente iniciante os *Conceitos* com que os autores dessa fase lidavam, tais como evolução, cultura, áreas culturais, função, estrutura. Alguns desses conceitos são perenes e seguem, direta ou indiretamente, sendo usados pela antropologia contemporânea.

BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA

CASTRO, C. **Evolucionismo Cultural:** Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva.** Petrópolis: Vozes, 2013.

CASTRO, Celso (org.). **Franz Boas:** Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RADCLIFFE-BROWN, A.R. “O método comparativo em Antropologia Social”. In: **Radcliffe Brown.** São Paulo: Ed. Atica (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura.** Lisboa: Edição Livros do Brasil.

HERSKOVITS, Melville J.. **Antropologia cultural:** man and his works II. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1963.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

MALINOWSKI, B. **Sexo e repressão na sociedade selvagem.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

ETNOLOGIA INDÍGENA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Apresentar os principais temas da etnologia das terras baixas da América do Sul: um quadro arqueológico, histórico, linguístico e geográfico dos povos indígenas dessa região. Desenvolver diferentes unidades temáticas como a organização social, a cosmologia, a mitologia, o xamanismo, a arte, a política e a questão do contato.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

CLASTRES, Pierre. “A sociedade contra o Estado”. In.: **A sociedade contra o Estado.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai**. Rituais de máscaras no Alto Xingu. São Paulo: EDUSP, 2008.

CALAVIA SÁEZ, Óscar. **O nome e o tempo dos Yaminawa**. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com Aspas*. São Paulo: Cosac Naify, p. 259-274, 2009.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos fiéis: História, Guerra e Xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais”. *Mana*, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493131998000100003&script=sci_arttext

RIVIÈRE, Peter. **O indivíduo e a sociedade na Guiana: Um Estudo Comparativo da Organização Social Ameríndia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

SZTUTMAN, Renato. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Edusp, 2012.

VILAÇA. Aparecida. *Comendo como gente. Formas de canibalismo Wari’*. Mauad X, 2019. http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf

TEORIA SOCIOLOGICA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Discussão das condições sócio-históricas para o surgimento da Sociologia. Apresentação e debate de conceitos fundamentais para grandes correntes sociológicas, tais como indivíduo, sociedade, processo de socialização, ação social, instituições sociais, representação, classes sociais, desigualdade social, Estado, capitalismo, entre outros.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGER, P, LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

- MARX, K. **O Capital**. Livro I, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 53-70.
- DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1999.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEITURAS ETNOGRÁFICAS I
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Leitura de trabalhos etnográficos clássicos e reflexão teórica e metodológica sobre sua contribuição para a Antropologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Ubu Editora, 2018.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões de cultura**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2014.
- LÉVI-STRAUSS. **Tristes Trópicos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. São Paulo, Edusp, 2008.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Zahar, 2004.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: Uma Descrição do Modo de Subsistência e das Intuições Políticas de um Povo Nilota**. Ed. Perspectiva, 2ª. ed., 2013.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e Costume na Sociedade Selvagem**. Ed. Vozes, 2015.
- MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. Ed. Perspectiva, 5ª. ed., 2015

PRÁTICAS INTEGRADORAS DE EXTENSÃO I
Carga horária (60 horas)

Ementa: Realização de atividades práticas de extensão que integrem um ou mais componentes curriculares do curso de graduação, nas quais a atuação do Discente em Atividade Curricular seja ativa, ou seja, como facilitador, ministrante, mediador, palestrante



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ou membro da comissão organizadora. As ações de extensão poderão ser realizadas nas modalidades Programas, Projetos, Cursos ou Eventos de extensão, devidamente registrados na Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão da Ufopa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAÚJO FILHO, Targino; THIOLENT, Michel Jean-Marie. Metodologia para projetos de extensão: apresentação e discussão. São Paulo: CuboMultimídia, 2008.

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá; GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. Princípios da extensão universitária: contribuições para uma discussão necessária. São Paulo: CRV, 2019.

SOUSA, Ana Luiza Lima. A História da extensão universitária. 2. Ed. São Paulo: Editora Alínea, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CRITOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões tecnológicas e analíticas da extensão universitária. Educação & Realidade, v. 45, n. 1, Porto Alegre, 2020.

DE PAULA, João Antonio. Extensão Universitária: história, conceitos e propostas. Interfaces: Revista de Extensão da UFMG, v. 1. N. 1, 2013.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓREITORES DE EXTENSÃO. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus – AM, 2012.

SOARES, Laura Tavares. CT&I, desenvolvimento social e demandas locais: o papel da extensão universitária. Parcerias Estratégicas, v. 16, n. 32, jan-jul 2011.

TAVARES, Christiane Andrade Regis; FREITAS, Katia Siqueira. Extensão universitária: o patinho feio da academia? Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

3º PERÍODO

TEORIA ANTROPOLÓGICA II
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Fundamentos teóricos e procedimentos analíticos da Escola Sociológica Francesa, a partir da leitura das obras de Émile Durkheim e Marcel Mauss, do Estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e das contribuições de Pierre Clastres e Louis Dumont.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva Forma e razão da troca nas sociedades primitivas. In. **Sociologia e antropologia**, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DUMONT,

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

CLASTRES, Pierre. 2003. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência. Pesquisas de Antropologia Política.* São Paulo, Cosac Naify, 2004. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://we.riseup.net/assets/403951/CLASTRES%252C%2BPierre.%2BArqueologia%2Bda%2Bviolencia%2Bpesquisas%2Bde%2Bantropologia%2Bpolitica.pdf&ved=2ahUKEwiA5I-zh8n4AhVdupUCHXZQBokQFnoECAkQAQ&usg=AOvVaw3AOFr4JrqnUIgKK5iC1yh>

DOUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LÉVI BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva.* Paulus Editora, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://zlivro.com.br/book/ol8yn2lqxq4v/a-mentalidade-primitiva>

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural 1.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O totemismo hoje.* Lisboa: Edições 70, 1986. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/levi-strauss-claude-totemismo-hoje-5584473d629d1>.

LEITURAS ETNOGRÁFICAS II
Carga Horária (60 horas/aula)

Ementa: Leitura de trabalhos etnográficos contemporâneos e reflexão sobre sua contribuição para a Antropologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VANZOLINI, Marina. **A flecha do ciúme.** São Paulo: Terceiro Nome, 2015.

CABALZAR, Aloisio. **Filhos da cobra de pedra: organização social e trajetórias tuyuka no rio Tiquié (nordeste amazônico).** São Paulo: UNESP, 2009.

SÁ, Guilherme José da Silva. **No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e não-humanos.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CESARINO, P. N. Oniska - Poética do Xamanismo na Amazônia. São Paulo: Unesp, 2015.

SAEZ, Oscar C. O nome e o tempo dos Yaminawa. São Paulo: Unesp, 2007.

FAUSTO, Carlos. *Inimigos Fieis - História, guerra e xamanismo na Amazônia.* São Paulo: Edusp, 2014

TASSINARI, A. No bom da festa. São Paulo: Edusp, 2003.

MILLER, Joana. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamainde. Rio de Janeiro: Mauad, 2018.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
Carga Horária (60 horas/aula)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Ementa: Desigualdade e relações étnico-raciais no Brasil e na América Latina. Raça, etnia e mestiçagem. Identidade nacional e identidades étnico-raciais. Culturas afro-brasileiras, religiões de matriz africana e resistência negra. Discriminação e racismo. Políticas públicas de promoção da igualdade de oportunidades e justiça social.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado, São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- GONZALEZ, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra do Brasil. Salvador, Rio de Janeiro, Edfba e Pallas, 2007
- OLIVEIRA, João Pacheco de. A Viagem da Volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1999.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2003.
- BANIWA, Gersem Luciano. ANTROPOLOGIA COLONIAL NO CAMINHO DA ANTROPOLOGIA INDÍGENA. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 2 – n. 1 – 2019
- NASCIMENTO, Abdias. Genocídio do negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. SP: Paz e Terra. 1982.
- GOLDMAN, Márcio. Contradiscursos Afroindígenas sobre Mistura, Sincretismo e Mestiçagem Estudos Etnográficos. **Revista de Antropologia da Ufscar (RAU)**. volume 9, número 2. Julho-dezembro. 2017. Disponível em:
<https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/195/180>

ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA **Carga Horária (60 horas/aula)**

Ementa - Panorama amplo sobre a Arqueologia Amazônica, introduzindo as grandes discussões e seus desenvolvimentos, apresentando as diferentes perspectivas ao lado dos conjuntos de dados que serviram como base para os argumentos. Embora as evidências discutidas sejam em primeiro lugar arqueológicas, ficará claro que muitas das teorias e modelos propostos se baseiam também em outras áreas do conhecimento, como a antropologia (etnologia), a etnohistória, a linguística, a geografia e a ecologia, dentre outros. As discussões girarão em torno de quatro questões principais: Quem eram os ancestrais dos atuais povos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

indígenas da Amazônia? (2) Quando e que tipos de adaptação foram desenvolvidos por povos amazônicos antigos, e em que medida estes modificaram/ moldaram a paisagem da região? (3) Quando, como e por que as sociedades tornaram-se (ou não) sedentárias e dependentes sobre a agricultura? (4) Quais são perspectivas atuais – incluindo dos próprios povos indígenas – sobre a Arqueologia Amazônica?

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

NEVES, Eduardo G. Sob os tempos do equinócio: Oito mil anos de história na Amazônia central. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

PEREIRA, E. e V. GUAPINDAIA. *Arqueologia Amazônica* (Vol. 1 e 2). MPEG. 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LATHRAP, D. *O Alto Amazonas*, Lisboa, 1970.

BALÉE, W. 1993. Biodiversidade e os índios amazônicos. In: Viveiros de Castro, E. & Cunha, M.M.C. (orgs.) *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: NHII -USP-FAPESP.

NEVES, W. A. (org.). 1991. **Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia**. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR.

MEGGERS, B. 1998. O paraíso ilusório revisitado. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 8:33-55.

NEVES, E. G. 2005. O lugar dos lugares. Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. **Ciência & Ambiente**, vol 31. Amazônia: recursos naturais e história, pp. 79-91.

SILVA, F.A. 2002. Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatnemu – Pará. **Horizontes Antropológicos**, 8(18), p. 175-187.

PRÁTICAS INTEGRADORAS DE EXTENSÃO II

Carga horária (60 horas)

Realização de atividades práticas de extensão que integrem um ou mais componentes curriculares do curso de graduação, nas quais a atuação do Discente em Atividade Curricular seja ativa, ou seja, como facilitador, ministrante, mediador, palestrante ou membro da comissão organizadora. As ações de extensão poderão ser realizadas nas modalidades Programas, Projetos, Cursos ou Eventos de extensão, devidamente registrados na Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão da Ufopa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAÚJO FILHO, Targino; THIOLENT, Michel Jean-Marie. Metodologia para projetos de extensão: apresentação e discussão. São Paulo: CuboMultimídia, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá; GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. Princípios da extensão universitária: contribuições para uma discussão necessária. São Paulo: CRV, 2019.

SOUSA, Ana Luiza Lima. A História da extensão universitária. 2. Ed. São Paulo: Editora Alínea, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CRITOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões tecnológicas e analíticas da extensão universitária. Educação & Realidade, v. 45, n. 1, Porto Alegre, 2020.

DE PAULA, João Antonio. Extensão Universitária: história, conceitos e propostas. Interfaces: Revista de Extensão da UFMG, v. 1. N. 1, 2013.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓREITORES DE EXTENSÃO. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus – AM, 2012.

SOARES, Laura Tavares. CT&I, desenvolvimento social e demandas locais: o papel da extensão universitária. Parcerias Estratégicas, v. 16, n. 32, jan-jul 2011.

TAVARES, Christiane Andrade Regis; FREITAS, Katia Siqueira. Extensão universitária: o patinho feio da academia? Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

4º PERÍODO

TEORIA ANTROPOLÓGICA III

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Debate em torno dos conceitos de estrutura, ação, processo e história na teoria antropológica. As articulações e as tensões entre práticas sociais e estrutura e os desafios que estas articulações trazem para a teoria social. Teorias estruturalistas de tradição inglesa e francesa; como elas incorporaram a análise da dimensão dos processos sociais; e seus desdobramentos mais contemporâneos, que as articulam em torno dos conceitos de ação e história.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História** trad. M. B. M. Leite, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

RADCLIFFE-BROWN. “Sobre a Estrutura Social”. In: **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis, Vozes, 1973.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis, Vozes, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Ed., 2016.

GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna” (Partes I e II) In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976. p. 227-305.

GOLDMAN, Márcio. “Lévi-Strauss e os sentidos da História”. *Revista de Antropologia*, vol. 42, n. 1-2, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011999000100012>

LEACH, Edmund. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**: um estudo da estrutura social Kachin. São Paulo: EDUSP, 1996.

NARRATIVAS ETNOGRÁFICAS
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Críticas ao método etnográfico. Subjetividade e alteridade na produção do conhecimento antropológico. Hermenêutica. Dimensões e implicações políticas do método etnográfico. Leitura, produção e análise de narrativas etnográficas em diferentes suportes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CLIFFORD, J; MARCUS, J; (orgs.) *A escrita da cultura. Poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2016.

ASAD, Talal. O conceito de tradução cultural na antropologia social britânica. In: CLIFFORD, J; MARCUS, G (orgs.) **A escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CLIFFORD, J. A autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CLIFFORD, James. Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CLIFFORD, James. Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

STRATHERN, M. Fora de contexto. As ficções persuasivas da antropologia. In: _____ . **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: UBU, 2017

ETNOARQUEOLOGIA
Carga Horária (60 horas/aulas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Ementa – A disciplina trata de uma introdução a todas as práticas e reflexões que se estabelecem em torno da interface Arqueologia Ocidental e Sistemas de Conhecimento não Ocidentais, da Analogia Etnográfica do século XIX até as Arqueologias Indígenas Decoloniais do século XXI. Trata-se, pois, do choque, do embate, do contato, da comparação, da interação, do diálogo e das trocas entre uma epistemologia ética (ocidental, de fora, olhar etnográfico e arqueológico) e as epistemologias êmicas (conhecimentos internos às sociedades não ocidentais). Divide-se em 1) Antes da Etnoarqueologia: a Analogia Etnográfica; Precedente Etnográfico; Paralelo Etnográfico; Analogia Etnográfica Indireta/geral; Abordagem Histórico Direta; Relações de relevância; 2) O surgimento da Etnoarqueologia: de estratégia de formulação e teste de hipóteses à subdisciplina arqueológica – Questões Processualistas; 3) O Pós-Processualismo e mudanças epistemológicas e teóricas nos problemas etnoarqueológicos; 4) Depois da Etnoarqueologia: Ecletismo Epistemológico, Decolonização, Multivocalidade e Autonomia dos Regimes de Historicidade; 5) A Etnoarqueologia no Brasil/Amazônia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

NEVES, E. G. Tradição oral e arqueologia na história indígena do Alto Rio Negro. In: Forline, L. C.; Murrieta, R. S. S.; Vieira, I. C.G. (Orgs.). **Amazonia**: Além dos 500 anos, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp.71-108, 2006.

ANDRELLO, G. (Org.) (2012) Rotas de criação e transformação. Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. FOIRN & ISA, Rio Negro, AM-SP.

GORDON, César e SILVA, Fabíola. Xicrin, uma coleção etnográfica. São Paulo: Edusp, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DAVID, N. e KRAMER, C. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. Horizontes Antropológicos, 8 (8): 13-60, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000200002>.

SILVA, F. A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté, **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 2 (1): 91-103, 2007. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222007000100007.

POLITIS, G. Foragers of the Amazon: the last survivors or the first to succeed. In: McEwan, C.; Barreto, C.; e Neves, E. (Orgs.), Unknown Amazon, Culture in Nature in Ancient Brazil. London, The British Museum Press, pp.27-49, 2002.

BINFORD, L. Nunamiut Ethnoarchaeology, Werner Publications, Incorporated, Eliot, 2012.

SILVA, Fabíola Andréa. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cienc. Hum.**, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, abr. 2009. Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222009000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 maio 2022.

POLITIS, G. NUKAK: Ethnoarchaeology of an Amazonian People. 2009 Social Science.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

WUST, I. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p.13-26, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/108990/107455/195074>

5º PERÍODO

TEORIA ANTROPOLÓGICA IV Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Abordagens antropológicas contemporâneas que enfatizam a constituição relacional de seres e coisas e desenvolvem críticas às noções de indivíduo, cultura e sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LATOURE, B. A esperança de pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: Edusc, 2001

STRATHERN, Marilyn. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto? In: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: UBU, 2017. p. 191-200.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: UBU, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 3.ed. São Paulo: editora 34.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: UBU, 2018.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2008.

MÉTODOS E TÉCNICAS EM ANTROPOLOGIA SOCIAL Carga horária: 120h

Ementa: Apresentar as discussões acerca das potencialidades e limites de métodos de pesquisa em antropologia social. E discutir métodos e técnicas de coleta de dados (observação participante, entrevistas, documentos, história de vida, material audiovisual, etc.), análise e interpretação de dados, trabalho de campo, pesquisa etnográfica, ética e produção de conhecimentos na antropologia.

BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-192.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SPRANDEL, Marcia Anita; BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. “Profissionais com formação em antropologia para quê? Uma apreciação das transformações contemporâneas no campo de atuação profissional em antropologia”. In: SIMIÃO, Daniel Schroeter; FELDMAN-BIANCO, Bela. **O campo da antropologia no Brasil: retrospectiva, alcances e desafios**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. p. 259-284. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/files/118_00123885.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

FLEISCHER, Soraya. Onde uma antropóloga pode trabalhar? Relato de uma disciplina de graduação sobre Antropologia e mercado de trabalho. **Alter**, João Pessoa, v. 1, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/altera/article/view/36060>. Acesso em: 13 mai. 2020.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?. In: **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, 2009. p. 157-170. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf> Acesso em: 10 maio 2022.

SCHUCH, Patrice. A vida social ativa da ética na Antropologia (e algumas notas do “campo” para o debate). In: SARTI, Cynthia; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). **Antropologia e ética: desafios para a regulamentação**. Brasília: ABA, 2013. p. 31-85. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/livros/Antropologia_e_etica_desafios_para_a_regulamentacao_o.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015.

ANTROPOLOGIA NO BRASIL Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Contextualização da produção antropológica e história do pensamento antropológico no Brasil. As influências estrangeiras. Temas de investigação e perspectivas teóricas ao longo dos tempos. A produção antropológica no Brasil e suas relações com a cultura, a política e a história: teorias, ideias e explicações.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CORREA, Mariza. **Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da Antropologia**. Editora da Unicamp, 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2011.

FERNANDES, Florestan. “O mito da ‘democracia racial’”. Em. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume I. São Paulo: Globo, 2008. pp. 304-326.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 3ª Ed. 2011.

FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. 2ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

CORREA, Mariza. **Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da Antropologia**. Editora da Unicamp, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo: Editora Pioneira. 1972.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SALZANO, Francisco. Antropologia no Brasil. É a interdisciplinaridade possível? *Amazônica*, v. 1, n. 1, p. 12-27, 2009.
<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/133/221>

6º PERÍODO

ANTROPOLOGIAS CONTRAHEGEMÔNICAS
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Crítica da modernidade e colonialidade a partir da periferia. Epistemologias e narrativas antropológicas contrahegemônicas. Autores, questões e contextos dos países do Sul.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOPENAWA, Davi e BRUCE, Albert. **A Queda do Céu**. As palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SANTOS, Boaventura Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

SPIVAK, Goyatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: _____ **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997, p.283-350.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DAS, Veena. A corrupção e a possibilidade de vida. **Repocs**, v. 14, n. 27, p. 131-148, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v14n27p131-148>.

ASAD, Talal. 2017. Introdução à *Anthropology and the Colonial Encounter*. **Ilha**, v. 19, n. 2, 2017. pp. 313-327. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/2175-8034.2017v19n2p313/36082>

TCC I
(Carga Horária 120 h)

Ementa: Disciplina organizada a partir de leituras dirigidas com flexibilização bibliográfica, escolhidas pelo discente em acordo com a sua pesquisa e professor-orientador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Bibliografia variável definida pelo docente responsável em função do tema de pesquisa do discente.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Bibliografia variável definida pelo docente responsável em função do tema de pesquisa do discente.

7º PERÍODO

TCC II
Carga Horária (120 horas/aulas)

Ementa: Práticas de pesquisa supervisionada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

8º PERÍODO

TCC III
Carga Horária (120 horas/aulas)

Ementa: Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Bibliografia variável definida em função do tema de pesquisa do discente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ATIVIDADES DE EXTENSÃO
Carga horária (136 horas)

Realização de atividades práticas de extensão, nas quais o Discente atue como facilitador, ministrante, mediador, palestrante ou membro da comissão organizadora. As atividades de extensão poderão ser realizadas nas modalidades Programas, Projetos, Cursos ou Eventos de extensão, devidamente registrados na Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão da Ufopa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Não há uma bibliografia básica específica para este componente curricular.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Não há uma bibliografia complementar específica para este componente curricular.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES
Carga horária (84 horas)

Ementa

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia conformando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Não há uma bibliografia básica específica para este componente curricular.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Não há uma bibliografia complementar específica para este componente curricular.

RELAÇÃO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS

ANTROPOLOGIA DA ARTE
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Discussão sobre arte verbal e visual em contextos não-artísticos, i.e., em contextos nos quais objetos, materiais e imateriais, aos quais se costuma atribuir valor estético, não são produzidos com referência a um campo artístico. Arte, estética e poética nas ciências humanas. A arte em suas múltiplas expressões: música, artes plásticas, artesanato, arte primitiva. Mundos artísticos e não artísticos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BOAS, Franz. **Arte primitiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
GEERTZ, Clifford. “A arte como um sistema cultural”. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 142-181.
GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. São Paulo: Ubu, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CLIFFORD, James. “Colecionando arte e cultura”. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994. pp. 69-89. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8342>
LAGROU, Elsie Maria. **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte, C/Arte, 2009.
LATOURET, Bruno. “O que é iconoclasm? Ou, há um mundo além das guerras de imagem”. **Horizontes Antropológicos**. Antropologia e Arte. Porto Alegre, Ed. UFRGS, ano 14, n.º. 29, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000100006>.
LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. “O Desdobramento da Representação nas Artes da Ásia e da América”. In: **Antropologia Estrutural I**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 267-291.
GORDON, César. “O valor da beleza: reflexões sobre uma economia estética dos objetos entre os Xikrin (Mebengokre-Kayapo)”. **Série Antropologia**, n. 424, Brasília, 2009. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie424empdf.pdf>.

ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Performance como objeto da antropologia. Visões antropológicas de performance, teatro, drama, festa, rito e experiência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- TURNER, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013.
LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica. In: **Antropologia Estrutural II**. Ed. UBU, s/d. 08 EX
CAVALCANTI, M.L.; GONÇALVES, R.S. (Orgs.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008. 08 EX

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: Eduff, 2008.
DAWSEY, J. C. O teatro dos “boias-frias”: Repensando a Antropologia da Performance. [on line] **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a02v1124.pdf>. Acesso em 10 maio 2022.

PEIRANO, M. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance”. **Campos** 7(2):9-16, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7321/5248>. Acesso em: 13 maio 2020.

SILVA, R. A. Entre “Artes” e “Ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005. [online] <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf>

TURNER, V. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte) de. **Cadernos de campo**, n. 13, p. 177-185, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50265/54378>. Acesso em 13 maio 2020.

MÜLLER, Regina Polo. Ritual, Schechner e performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200004 Acesso em 13 maio 2020.

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE E DA DOENÇA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Concepções de saúde e doença enquanto conceitos relacionados a um contexto cultural específico e à experiência concreta de cada sujeito. Diálogos entre o biológico e o social. Humanização, medicalização e doença.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1992.

LÉVI-STRAUSS. “A eficácia simbólica”. Em: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). *Saúde e doença: Um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/tdj4g/pdf/alves-8585676078.pdf>.

FERREIRA, Vanessa A. 2006. “O corpo cúmplice da vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca”. *Ciência & Saúde Coletiva* 11(2): 483-490. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200025>.

FLEISCHER, Soraya e SAUTCHUK, Carlos E. (Eds). **Anatomias populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibáñez-Novión**. Brasília: Ed. UnB, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

LAGUARDIA, J. “Raça, genética & hipertensão: nova genética ou velha eugenia?”
História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 371-93, maio-agosto, 2005.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200008>.

ANTROPOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Diferentes noções de desenvolvimento e seus adjetivos. Tensões entre diferentes perspectivas de desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”. In: **Cultura com aspás**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CASTRO, Edna; PINTON Florence. (orgs.). Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: Cejup-UFPA-NAEA, 1997.
- ENRÍQUEZ, Maria Amélia. **Trajetórias do desenvolvimento: da ilusão do crescimento ao imperativo da sustentabilidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- FERNANDES, Marciolina; GUERRA, Lemuel (orgs). **Contra-discurso do desenvolvimento sustentável**. Belém: UNAMAZ, UFPA/NAEA, 2006.
- BAINES, Stephen. “Antropologia do desenvolvimento e a questão das sociedades indígenas”. **Anthropológicas**, Ano 8, 15(2), p. 29-46, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23610>.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, Hucitec, 1994.
- INKELES, Alex. **Tornando-se moderno: as transformações individuais ocorridas em seis países em desenvolvimento**. Brasília, Ed. UnB, 1991.
- NEVES, Delma Pessanha (org). **Desenvolvimento social e mediadores políticos**. Porto Alegre, EDUFRGS, 2008.

ANTROPOLOGIA ECONÔMICA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Análises antropológicas de fenômenos econômicos em sociedades capitalistas e não-capitalistas. Identificação das principais correntes da antropologia econômica, entre elas a escola formalista, a escola substantivista, a perspectiva marxista e a crítica culturalista. Reflexão acerca de questões como: racionalidades econômicas, formas de mercado, oposição entre mercado e dádiva, economias de prestígio e sociedades de abundância, impactos do mercado e dinheiro em sociedades indígenas, antropologia(s) da economia moderna.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GODELIER, Maurice. A Antropologia Econômica. In: COPANS, Jean et al. **Antropologia: ciências das sociedades primitivas?** São Paulo: Ed. 70, 1971. p. 219-305.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003: pp. 185-314.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo, Ed. Pioneira, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 17-32, jul./dez. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200002.

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. “Karl Polanyi e o “Grande Debate” entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica”. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 1 (44), p. 165-195, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ecos/v21n1/07.pdf>.

SABOURIN, Eric. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. **Raízes**, Ano XVIII, Nº 20, novembro/99, pp. 41-49. Disponível em: <https://doi.org/10.37370/raizes.1999.v.165>.

TAUSSIG, Michael. **O Diabo e o Fetichismo da Mercadoria.** São Paulo: UNESP, 2010.

STRATHERN, Marilyn. Novas formas econômicas: um relato das terras altas da Papua-Nova Guiné. **Mana**, vol. 4, n. 1, p. 109-139, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100005>.

ANTROPOLOGIA JURÍDICA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Antropologia Jurídica

Ementa: O Direito sob o enfoque cultural em todas as sociedades, ou a Antropologia como instrumento de compreensão do fenômeno jurídico. Diálogos entre Direito e Antropologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, P. “A força do direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico”. In: _____. **O poder simbólico.** Lisboa: DIFEL, 1989.

GEERTZ, Clifford. O saber local: fatos e leis em perspectiva uma perspectiva comparativa. In: _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e costume na sociedade selvagem.** Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DAMATTA, R. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduos e pessoa no Brasil. In: _____. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

LIMA, Roberto Kant de. Antropologia jurídica. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos**. Brasília; Rio de Janeiro; Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia; Laced; Nova Letra, 2012, p. 35-54. Disponível em: http://laced4.hospedagemdesites.ws/wp-content/uploads/2020/02/ANTROPOLOGIA-E-DIREITO_2012.pdf.

LIMA, R. K. de, & Baptista, B. G. L. (2018). Como a Antropologia pode contribuir para a pesquisa jurídica? Um desafio metodológico. **Anuário Antropológico**, 39(1), 9-37. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6840>. Acesso em: 13 mai. 2020.

THOMPSON, E.P. Costume e direito comum. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 86-149.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. (2018). O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. **Anuário Antropológico**, 32(1), 9-30. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6944>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ANTROPOLOGIA POLÍTICA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Abordagens sobre o poder no pensamento antropológico. Estruturas de poder, diferenciação social, ritualização e cultura. Estado e sociedade. Fundamentos de diferentes formas de organização política em diversos contextos históricos e sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

LEACH, E. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: EdUSP, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo, Ed. Graal, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BALANDIER, Georges. **Antropologia política**. São Paulo, EdUSP, 1969. EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MACAGNO, Lorenzo. Uma antropologia do político? **Anál. Social**, Lisboa, n. 210, p. 163-189, mar. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 jan. 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BUTLER, J. “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HARAWAY, Donna: “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, **Cadernos pagu**, 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009>>.

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?”, **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 20, 1991).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: HELOISA BUARQUE DE ALMEIDA, JOSE EDUARDO SZWAKO (orgs.). **Diferenças, Igualdade**. São Paulo, Berlandis Editores, 2009.

ANTROPOLOGIA URBANA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: O fenômeno urbano na investigação socioantropológica; fundamentos teóricos de pesquisa nas sociedades complexas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MAGNANI, José G. C. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Edunesp, 3ª Ed., 2003.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

HANNERZ, Ulf. A formação de um antropólogo urbano. In: **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis: Vozes, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ROCHA, Ana Luiza de Carvalho; ECKERT, Cornélia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Revista Iluinuras**, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9160>.

BECKER, H. A escola de Chicago. **Mana**, 2[2, p.177-188], 1996. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a08.pdf>.

MAGNANI, JOSÉ G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 49, 2002. Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de_perto_de_dentro.pdf.

SIMMEL, g. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, 11(2): 577-597, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia**, problemas e práticas, n. 59, p. 11-18, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf>

ANTROPOLOGIA VISUAL
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Explorar potenciais de articulação entre a produção de conhecimento antropológico, por meio da etnografia em especial, com outras formas de produção de conhecimento e representação da realidade por meio da visualidade. Explorar relações da Antropologia com a fotografia e outras mídias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.) **Entre Arte e Ciência: A Fotografia na Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, Papius, 2013.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). **Escrituras da Imagem**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da.; HIKIJI, Satiko Gitirana. (Orgs.). **Imagem-Conhecimento. Antropologia, Cinema e outros diálogos**. Papius Editora, 2009.
- PEIXOTO, Clarice E. **Antropologia & Imagem: narrativas diversas**. Rio de Janeiro, Garamond, 2011.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A iconografia indigenista. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (Org.) **Memórias do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.
- GOW, Peter. Cinema da Floresta. Filme, Alucinação e Sonho na Amazônia Peruana. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 38, nº 2. 1995. Periódicos/Biblioteca Tapajós (201923141-14). Acesso: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111558/109644>
- SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia. **Novos Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, nº 2, pg. 23-60, jul/set, 1995. Disponível em: Acesso: <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a04.pdf>.

CULTURAS POPULARES E SOCIABILIDADES
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Conceito de cultura popular: histórico, debates, revisões. Dinâmicas de produção cultural popular. Circularidade da cultura popular. Culturas populares e redes de sociabilidade em jogos, festas, procissões, etc..



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005>. Acesso em: 13 mai. 2020.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, A. M. D. da. A festa dentro da festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no cário de Nazaré em Belém do Pará. **Campos**, v. 7, n. 2, p. 83-100, 20. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7441>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CARVALHO, J.J. “‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina”. **Revista Antropológicas**, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23675>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Os diálogos entre Antropologia e Educação que favorecem a compreensão do fenômeno educativo em suas múltiplas relações com a cultura e a realidade social. Abordagens antropológicas clássicas e contemporâneas sobre os processos de ensino e aprendizagem, estudo das relações estabelecidas por meio da escola; processos formais e informais de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, Pierre. “Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares**: sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LOPES DA SILVA, Aracy e LEAL FERREIRA, Mariana Kawall (org.). **Antropologia, História e Educação**: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, Mari/USP e Fapesp, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COELHO DE SOUZA, Marcela Stockler. (2017) “Contradisciplinas: indígenas na pós-graduação e os futuros da antropologia”. Em: **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 60, n. 1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/132069/128286/>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

FOUCAULT, Michel. “Corpos dóceis”. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GERSEN DOS SANTOS, Luciano. “Educação indígena”. In: **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília; Rio de Janeiro: SECAD/MEC; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf.

MUNANGA, Kabengele (org.) Superando o racismo na escola. SECAD/MEC, Brasília, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf.

TASSINARI, Antonella. “Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares, **Horizontes Antropológicos**, n. 44, p. 141-172, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/1100>.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS I
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: A problemática racial subjacente à reflexão teórico-metodológica sobre os afrodescendentes. Os debates nos estudos afro-brasileiros. Introdução à geografia e história do continente africano, examinando a diversidade de formas de organização social, política, econômica e cultural, no período anterior à penetração europeia. A instituição da escravidão no contexto do Atlântico Negro. Os sistemas de dominação colonial e as políticas identitárias na contemporaneidade africana pós-colonial.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

UNESCO, **História Geral da África**. Vol. IV. A África do século XII ao século XVI. Coordenador D. T. Niane. São Paulo, Ática, 1988.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos**. Dos séculos XVII ao XIX. São Paulo, Corrupio, 1987.

SANTOS, Juana. Elbein dos. Os nagô e a morte. São Paulo: Ed. Vozes, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BÂ, AMADOU Hampate. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 181-218, 1982. Disponível

em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/historia-geral-da-africa-iv-africa-do-seculo-xii-ao-xvi,d61f25dd-2184-426a-a22f-008295c749ac#:~:text=Publicada%20em%20oito%20volumes%2C%20a,diacr%C3%B4nica%20e%20objetiva%2C%20obtida%20de>

RAMOS, Arthur. **As culturas negras no novo mundo**. Civilização brasileira, s/a., 1937.

BELLUCCI, Beluce (Coord.). **Introdução à História da África e da Cultura Afro-brasileira**. Rio de Janeiro: UCAM / CCBB, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

M´BOKOLO. **África Negra. História e Civilizações, Tomo I:** Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das Áfricas, 2009. (Disponível Online).

M´BOKOLO. **África Negra. História e Civilizações, Tomo II:** Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das Áfricas, 2010. (Disponível Online).

BELTRAN, Luis. O Islã, a cultura e a língua árabes na África negra? **Afro-Ásia** n. 8-9, 1969. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20746>.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS II
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Pensamento social sobre o negro no Brasil - primeira metade do Século XX: raça, cultura, miscigenação e seus desdobramentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FLORESTAN, Fernandes. **A Integração do negro na sociedade de classes.** (1964). Volumes I. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande & senzala.** 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil** (1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, vol. 19, n. 1, 2006, pp. 287-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DOSSIÊ: Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira. *Revista História Hoje*, vol. 1, nº 1: Agosto de 2011 a Julho de 2013. ANPUH – Brasil, junho de 2012. [Disponível em PDF: <http://rhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/index>]

FLORESTAN, Fernandes. O problema do negro na sociedade de classes. In, _____. **A Integração do negro na sociedade de classes.** Volume II. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010, pp. 415-576.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia.** São Paulo: Cia das Letras, 2011.

ESTUDOS DO RITUAL E DO SIMBOLISMO
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Abordagens simbólicas e semióticas da cultura. Os ritos em seus múltiplos planos e seu simbolismo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977.
LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: _____. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012 [1958], p. 265-291.
DOUGLAS, Mary. “Impureza ritual” e “A profanação secular”. In: _____. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GLUCKMAN, Max. Rituais de Rebelião no Sudeste da África. **Cadernos de Antropologia**. Universidade de Brasília, 1974. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/serie-traducao/st%2003.pdf>.
TURNER, Victor. Peregrinações como processos sociais. In: _____. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005.
TURNER, Victor. “Betwix and between: o período liminar nos ritos de passagem”. In: _____. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EdUFF, 2008.
LEACH, Edmund R. O cabelo mágico. Em: DAMATTA, Roberto (Org.). **Edmund Ronald Leach: antropologia**. São Paulo: Ática, 1983: pp. 139-169.
CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100005>
Horizontes Antropológicos, n. 37, 2012, pp. 103-131. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100005>

ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Enfoques teóricos para o estudo de discursos e práticas religiosas; religião e magia; debates contemporâneos da antropologia aplicados à compreensão da religião.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- HUBERT, H e MAUSS, M. Sobre a natureza e a função do sacrifício. In, MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 141-228.
GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

- BIRMAN, Patricia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. **Mana**, vol.15, No.2, Rio de Janeiro, Out. 2009, p. 321-348. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a01v15n2.pdf>
- GEERTZ, Clifford. “O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder”. In _____. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. 2006. A Religião como Solvente – uma Aula. **Novos Estudos do Cebrap**, São Paulo, n. 75, p. 111-127. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a08n75.pdf>
- MAYR, Lucy. O que é religião?. In, _____. **Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, pp. 199-218.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PARENTESCO
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Conhecer questões básicas do parentesco enquanto via de acesso para o entendimento de outros elementos da vida social. Conhecer abordagens clássicas e contemporâneas de problemas como aliança, descendência, residência, gênero, modelos híbridos e o parentesco frente às novas tecnologias de reprodução da vida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RADCLIFFE-BROWN, A. “O irmão da mãe na África do Sul”, In. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- SCHNEIDER, David. **Parentesco americano: uma exposição cultural**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- LEACH, Edmund R. O nascimento virgem. Em: DAMATTA, Roberto (Org.). **Edmund Ronald Leach: antropologia**. São Paulo: Ática, 1983: pp. 116-138.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O problema da afinidade na amazônia”. In: _____. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios antropológicos**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 87-180.
- GOODY, Jack. **O oriental, o antigo e o primitivo: os sistemas de casamento e a família nas sociedades pré-industriais da Eurásia**. São Paulo: Edusp, 2008.
- STRATHERN, Marilyn. **Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa**. São Paulo: EDUNESO, 2015.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. **Os Nuer**. uma descrição do modo de subsistência e das intuições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PATRIMÔNIO CULTURAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: O campo político-institucional do patrimônio, instrumentos de pesquisa, documentação e ação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SOARES, I. V. P. ; CUREAU, S. Bens Culturais e Direitos Humanos. São Paulo: SESC, 2015.

HOBBSAWN, E. & RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VELOSO, Mariza. Modernismo e tradição: a gênese do patrimônio histórico e artístico no Brasil. In: SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ Hermano (Org). Em defesa do patrimônio cultural: percursos e desafios. Vitória: Editora Milfontes, 2021

MAGNANI J.C.C. A antropologia, entre patrimônio e museus. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 13, 2013. [online] <http://journals.openedition.org/pontourbe/680>

SOUZA FILHO, B.; ANDRADE, M.P. Patrimônio imaterial de quilombolas: limites da metodologia de inventário de referências culturais. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2012, vol.18, n.38, pp. 75-99. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 13 mai. 2020.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Entre campos: cultura material, relações sociais e patrimônio. In: TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012, p. 111-129. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/60_00141625.pdf. Acesso em: 13 mai. 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (Org.). **A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus** [ebook]. Goiânia : Editora Imprensa Universitária, 2019. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/files/146_00159932.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

TAMASO, I. (2007). A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios... (laudos culturais dos antropólogos inventariantes). **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1008>. Acesso em: 13 mai. 2020.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS E DIREITOS HUMANOS

Carga Horária (60 horas/aulas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Ementa: Políticas de ação afirmativa como estratégias de fazer valer os Direitos Humanos de diferentes indivíduos e grupos sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COMPARATO, Fábio Konder. **Afirmção Histórica dos Direitos Humanos**. São Paulo: Saraiva, 7ª Ed. 2011.

LAFER, Celso. **A Reconstrução dos Direitos Humanos**. Um Diálogo com o Pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Cia das Letras, 1ª ed. 7ª Reimp. 2009.

MUNANGA, KABENGELE. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PIOVESAN, Flavia. Ações Afirmativas sob a Perspectiva dos Direitos Humanos. In: SANTOS, Sales Augusto do (Org.). *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: SECADI/Ministerio da Educação: UNESCO, 2007, p. 35-45. http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf

SANTOS, Sales Augusto do (Org.). *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: SECADI/Ministerio da Educação: UNESCO, 2007, p. 35-45. http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf

BOBBIO, Norberto. Direitos do homem. In: _____ **Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 475-508.

BARROZO, Paulo Daflon. A ideia de igualdade e as ações afirmativas. **Lua nova**, São Paulo, n. 63, p. 103-141, 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a05n63.pdf>

FERES, João; ZONINSEIN, Jonas (Org.). **Ação Afirmativa e universidade: experiências nacionais comparadas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. Disponível:

https://app.fearp.usp.br/documentos/arquivos/imprensa/livro_acaoafirmativa_universid/livro_acaoafirmativa_universid.pdf

NOVAES, R.R. & KANT DE LIMA, R. **Antropologia e direitos humanos**. Niterói: EdUFF, 2001. (Disponível on line)

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas. **Novos debates**, Brasília, Vol.2, n.1, janeiro 2015, p. 233-432. Disponível: <http://novosdebates.abant.org.br/images/pdf/v2n1.pdf>

POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS
Carga Horária (60 horas/aulas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Ementa: Os diferentes processos sociais que possibilitaram a constituição dos povos e comunidades tradicionais. Princípios que orientam as relações que povos e comunidades tradicionais mantêm entre si, com o território, com a natureza e com a sociedade envolvente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, M. W. B. CARNEIRO DA CUNHA, M. Populações tradicionais e conservação ambiental. IN: CARNEIRO DA CUNHA, M. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). *Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: EDUSP, 1994.

LITTLE, P. E. (org.) **Políticas ambientais no Brasil: análises, instrumentos e experiências**. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil. 2003.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2 ed. Manaus, PPGSA-UFAM, 2008. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/terras-tradicionalmente-ocupadas-alfredo-wagner/#>.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. “Direitos à Floresta e Ambientalismo: seringueiros e suas lutas”, **RBCS**, v. 55, n. 19, p. 33-53, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200003>.

BARRETO FILHO, Henyo. Populações Tradicionais: Introdução à Crítica da Ecologia Política de uma Noção. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 109-143.

GONÇALVES, C. W. P. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

RELAÇÕES INTERÉTNICAS

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Abordagens antropológicas sobre as relações entre populações indígenas e não-indígenas. Críticas ao conceito de “aculturação”; os conceitos de “fricção interétnica” e “situação histórica”. Etnicidade. Cosmologias do contato. Abordagens contemporâneas sobre transformações indígenas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. p. 235-244.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; CESARINO, Pedro N. **Políticas Culturais e Povos Indígenas**. São Paulo: Unesp, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

DINIZ, Edson Soares. **Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional**: flexibilidade cultural e persistência étnica. Belém: Edufpa-Editora da Universidade Federal do Pará, 1994.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, vol. 4, n. 1: pp. 47-77, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2426.pdf>

POUTIGNAT, Philippe. O domínio da etnicidade: as questões-chave. In: **Teorias da etnicidade**, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

ANTROPOLOGIA RURAL **Carga Horária (60 horas/aulas)**

Ementa: Conceitos e teorias do campesinato e do mundo rural. Configurações sociais, diversidades, organizações econômicas e transformações dos mundos rurais. Constituição e debates teóricos acerca do rural e da ruralidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida De; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). **Diversidade do Campesinato**: Expressões e Categorias: Construções identitárias e Sociabilidades. São Paulo: Editora, UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento. Rural, 2009.

VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo Autoritário e Campesinato**: Um estudo comparativo da fronteira em movimento. São Paulo: Difel, 2 ed. 1979.

HÉBETTE, Jean; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; MANESCHY, Maria Cristina (org.). **No Mar, nos Rios e na Fronteira** – Faces do Campesinato no Pará. Belém, Editora da Universidade (UFPA), 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

WOLF, Eric. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

MANDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

LAMARCHE, Hugues. **Introdução geral à agricultura familiar**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993:13-33.

GARCIA JR, Afrânio R. e HEREDIA, Beatriz Alasia de. Trabalho familiar e campesinato. **América Latina**, ano 14, nº 1/2, jan-jun. 1971, Rio de Janeiro.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: questões metodológicas. **Reforma Agrária** Nº2 e 3, Vol. 25, mai-dez 1995. Campinas, Revista da ABRA:21-36

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Narrativas Agrárias e a Morte do Campesinato. In: **Ruris**, Vol.1, Núm.2, 2007. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/656>

POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Panorama etnográfico dos povos indígenas na Amazônia, mostrando as suas cosmologias, sociodiversidade e redes de relações em diversos contextos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CALAVIA, Oscar. **O nome e o tempo dos Yaminawa**. Etnologia e história dos Yaminawa do rio Acre. São Paulo: UNESP-ISA-NuTI, 2006.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Edusp, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte amazônico**. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GALLOIS, Dominique (Org.). **Redes de relações nas Guianas**. São Paulo: Editora Humanitas FAPESP, 2005.

LIMA, Tania Stolze. **Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva**. São Paulo: UNESP-ISA-NuTI, 2005.

COELHO DE SOUZA, Marcela. **O traço e o círculo o conceito de parentesco entre os jê e seus antropólogos**. Tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2002.

VILAÇA, Aparecida. **Comendo Como Gente**. Formas do Canibalismo Wari' (Pakaa Nova). Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2017

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **Amazônia: Etnologia e História indígena**. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993.

ANTROPOLOGIAS DA TERRA
Carga Horária (60 horas/aulas)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Ementa: Exploração de diferentes conceitos de ‘espaço’ tal como podem ser aprendidos, em uma perspectiva antropológica, a partir de práticas sociais particulares. Espaço, lugar e paisagem. Abordagem fenomenológica e lugar como espaço vivido.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMOROSO, Marta; SANTOS, Gilton Mendes. **Paisagens ameríndias:** lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2017.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, pp. 107-132.

SAUER, Sérgio; ALMDEIA, Wellington. Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. Brasília, DF: UNB, 2011.

VIEGAS, Susana de Matos. **Terra calada:** Os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

TEISSERENC, P. Ambientalização e Territorialização: situando o debate no contexto da Amazônia brasileira. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 29, 8 out. 2011. Disponível em:

<https://doi.org/10.22409/antropolitica2010.0i29.a41763>.

ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Explorar a interface entre a Antropologia e a História. Abordagens, conceitos e concepções, debates e temas. Processos e Estruturas, Diacronia e Sincronia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALAVIA Sáez, Oscar. **O nome e o tempo dos Yaminawa**. São Paulo. Unesp. 2006.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem:** feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Ed. 2001.

GEERTZ, Clifford. Pessoa, tempo e conduta em Bali. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LCT, 2012

GOLDMAN, Márcio. Lévi-Strauss e os sentidos da História. **Rev. Antropol.** [online]. 1999, vol.42, n.1-2, pp.223-238. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77011999000100012>

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. Companhia das Letras: Companhia de Bolso. 2011.

SAHLINS, Marshall. **História e cultura**. Apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS
Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Bases teóricas da educação inclusiva. A educação Surdos no Brasil. Identidade e comunidade surda. A língua brasileira de sinais: aspectos linguísticos. Língua de Sinais e educação. Exercícios e prática de interpretação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2013.

CARVALHO, Rosita Edler. “Educação inclusiva com os pingos nos “is””. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013

GOES, Maria Cecília Rafael de. “Linguagem, surdez e educação”. Campinas: Autores Associados, 2012

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 set. 2010, Seção 1, n. 169, p.1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm

BRITO, Lucinda Ferreira. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

SOUZA, R. M. de (org.) **Educação de surdos e língua de sinais** (Número Temático). ETD: Educação Temática Digital. Campinas, v.7,n.2,2006. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/133>

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf

SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

LAUDOS E PERÍCIAS ANTROPOLÓGICAS

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Aceções e percepções jurídicas e antropológicas na produção de laudos e perícias antropológicas. Análise de relatórios antropológicos e suas problemáticas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Desvendando evidências simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da antropologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. LEGISLADORES E INTÉRPRETES: Sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

INGOLD, T. ANTROPOLOGIA: PARA QUE SERVE? São Paulo: Vozes, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SILVA, Alexandra Barbosa da. A Antropologia na berlinda do direito: uma reflexão sobre a produção de verdade. In: FRANCH, Mónica, ANDRADE; Maristela; AMORIM, Lara. **Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015. Disponível em:

http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/91_00173770.pdf Acesso em: 13 mai. 2020.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. A Antropologia e o Estado no Brasil: breves notas acerca de uma relação complexa. In: FRANCH, Mónica, ANDRADE; Maristela; AMORIM, Lara. **Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, p. 23-40. Disponível em:

http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/91_00173770.pdf Acesso em: 13 mai. 2020.

REBELO Maria de Nazaré de Oliveira. O povo Saramaka versus Suriname: uma análise sob o olhar de Clifford Geertz. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v. 1, n. 14: 95-118. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.unibrazil.com.br/index.php/cadernosdireito/article/view/2712>. Acesso em: 13 mai. 2020.

NAUAR, A. L.; BORGES, M. T.; MEDEIROS, P. O fazer antropológico na política de regularização de territórios de comunidades remanescentes de quilombos: desafios, estratégias e angústias. **Alterra**, João Pessoa, v. 1, n. 4, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/alterra/article/view/36060>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ALMEIDA, Marco Antonio Delfino de. Diálogos entre antropologia e direito à luz dos laudos periciais. **Laudos Antropológicos em perspectiva**. Brasília: ABA, 2015. 01 EX. Disponível em:

http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/80_00110705.pdf. Acesso em: 13 mai. 2020.

ANTROPOLOGIA DA NATUREZA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Abordagem crítica em torno às discussões relacionadas ao conceito de natureza na antropologia, em torno à capacidade de incluir múltiplas subjetividades no mundo e à competência em interrogar-se sobre a produção da ciência. Será oferecida uma introdução às propostas dos pós-humanismos contemporâneos, ao campo das relações interespecíficas e ao desenvolvimento dos conceitos de uma antropologia “para além do humano”.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

SÁ, José Guilherme da Silva. **No mesmo galho**: antropologia de coletivos humanos e animais. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

TSING, Anna. O cogumelo do fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do fim do mundo. São Paulo: N-1 Edições, 2022

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VALDEN VELDEN, Felipe. **Inquietas Companhias**. Sobre os animais de estimação entre os Karitiana. São Paulo: Alameda, 2012.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Clima e historia**. Cuatro tesis. 2009. <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>.

DESPRET, Vinciane. "O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?" **Fractal**, v. 23. n. 1, p. 59-72, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922011000100005>

HARAWAY, Donna e KUNZRU, Hari. Antropologia do Cyborg. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Bazar do Tempo, 2021.

MARRAS, Stelio. "Virada animal, virada humana: outro pacto". **Scientiae studia**, 12.2, p. 215-260, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000200002>

STEIL, Carlos Alberto e MOURA CARVALHO, Isabel Cristina de (Org.). Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold, São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

TSING, Anna L. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: MilFolhas, 2019.

WOHLLEBEN, Peter. A vida secreta das árvores. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2017.

POVOS INDÍGENAS E ESTADO NACIONAL

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Povos indígenas, colonialidade e transformações. Políticas de homogeneização e diversidade étnico-cultural. Estado e delimitação de Terras Indígenas no



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Brasil. Projetos de desenvolvimento e as alternativas indígenas. Indígenas em movimento, lutas sociais e resistências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LIMA, Antonio Carlos Souza; BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Org.). **Antropologia e identificação: os antropólogos e a identificação de Terras Indígenas no Brasil, 1977-2002**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

CUNHA, Manuela C. “Políticas culturais e povos indígenas”. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a civilização**. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, Ana Valéria e outros. **Povos indígenas e a lei dos “brancos”**: o direito à diferença. Brasília: MEC/SECAD, LACED/Museu Nacional-UFRJ, 2006.

http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/ColET14_Vias03WEB.pdf

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, V. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2980.pdf>

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, Março 2008, p. 115-147. Disponível: www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=982

BENGOA, José. ¿Una segunda etapa de la Emergencia Indígena en América Latina?. **Cuad. antropol. soc.**, Buenos Aires, n. 29, p. 07-22, jul. 2009. Disponível: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n29/n29a01.pdf>

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://laced.etc.br/site/Trilhas/livros/arquivos/ColET12_Vias01WEB.pdf.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, n. 37, Ano 17, 2002. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>

HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Enfoque interdisciplinar, temas e questões que pontuam as presenças e as ações de populações indígenas na História do Brasil. Aprofundar problemas conceituais e metodológicos, a partir de registros históricos, seja textuais, visuais ou orais, como um instrumento de valorização dos povos indígenas ativos e participantes dessa história, capaz de reconfigurar seus interesses e políticas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 1992, p.175-196.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)**. Rio de Janeiro: Ed. Museu do Índio/Funai, 2011.

WRIGHT, Robin M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas, SP. Mercado de Letras; Instituto Socioambiental, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. 2010. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, FGV.

KODAMA, Kaori. **Os Índios no Império do Brasil: A Etnografia do IHGB entre as Décadas de 1840 e 1860**. São Paulo: EDUSP/Fiocruz, 2009.

MONTEIRO, Paula. **Selvagens, Civilizados, Autênticos: A Produção das Diferenças nas Etnografias Salesianas (1920-1970)**. São Paulo: EDUSP, 2012.

COELHO, Vera Penteadó (org.). **Karl Von Den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu**. São Paulo: EDUSP, 1993.

WITTMANN, Luisa Tombini. **Ensino (d)e história indígena**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ANTROPOLOGIA E LINGUISTICA
Carga Horária (60 horas/aula)

Ementa: Apresentação de autores, conceitos e discussões relevantes que permitiram a aproximação entre a Antropologia e a Linguística ao longo do desenvolvimento das duas disciplinas, e abordagem de problemas em contexto amazônico analisados na interface entre Antropologia e Linguística.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008[1945]. “A análise estrutural em linguística e antropologia”. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, pp. 43-65.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Esboço de Cosmologia Yawalapití”. In: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. p. 17-85, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. Editora UNESP, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Feliz. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 2005. [cap. 4 – “Postulados da linguística”].



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

FRANCHETTO, Bruna. "A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito" *Mana. Estudos de Antropologia Social*. 14(1), p.31-59, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000100002>.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 24.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

LEITE, Yonne. "De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé". *Mana* 4(2):85-103, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200004>.

SILVA, Márcio. "Linguagem e Parentesco". In: **Revista de Antropologia**, 42 n., 1-2, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. <https://doi.org/10.1590/S0034-77011999000100009>

ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA
Carga Horária (60 horas/aula)

Ementa: Estudos sobre as ciências e sobre as técnicas. Conhecimento científico como resultado da prática dos cientistas. Humanos e não-humanos. Teoria ator-rede. Objetos técnicos, habilidade e acoplamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

INGOLD, Tim. "Contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento", In: **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**, Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: Estudos sobre a realidade dos estudos científicos**, Edusc, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DARWIN, Charles. **A origem das espécies por seleção natural, ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HARAWAY, Donna e KUNZRU, Hari. **Antropologia do Cyborg**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. <http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SÁ, Guilherme José da Silva. "Meus macacos são vocês": Um antropólogo seguindo primatólogos em campo. *Anthropológicas*, ano 9, vol. 16, n. 2: pp. 41-66, 2005. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23632>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individualização. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 109-139, jul./dez. 2015. <https://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0109.pdf>

ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA
Carga Horária (60 horas/aula)

Ementa: Diálogos entre antropologia e filosofia. Leitura de filósofos cuja obra teve influência sobre a produção antropológica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MARX, K. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2013.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

DELEUZE, G. E GUATTARI, F. Mil Platôs, v. 5. São Paulo: Ed. 34, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental: pensamento científico**. 4. ed. São Paulo Brasília: Ed. Nacional Ed. UnB, 1982.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

CASSIER, Ernst. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. 2. ed. São Paulo, 1977.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. Lisboa: Martin Claret, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 77: pp. 91-126, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a06n77.pdf>

NEVES, José Pinheiro. Seres humanos e objectos técnicos: a noção de “concretização” em Gilbert Simondon. *Comunicação e Sociedade*, vol. 12, 2007, pp. 67-82. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1389/1371>.

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Novos Estudos*, vol. 16., n. 45: pp. 199-206. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c7TdKSGxkSysjMds45cqs8v/?format=pdf&lang=pt>.

MIGRAÇÕES E MOBILIDADES
(Carga Horária 60horas/aulas)

Ementa: Migração como fenômeno sociológico. Mobilidades, redes, fluxos e dinâmicas sociais. Trabalho, globalização, modos de vida e capitalismo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e a Cultura no Brasil**. Brasília, Editora UNB, 1990.
GALLOIS, Dominique Tilkin. **Guerra Migração e Comercio: os waiâpi na Guiana**. São Paulo, FFLCH-USP, Volume 15, 1986.

GODOI, E, P de. MENEZES, M. ACEVEDO MARIN, R. (Orgs.) **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, volume 2 : estratégias de reprodução social**. São Paulo, Brasília: EdUNESP, NEAD, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras e híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, núm. 3 (1), 1997. Disponível em:

http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Hannerz_Fluxosfronteiras-h%C3%ADbridos.pdf

DURHAM, E. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARX, Karl. **O Capital** livro 1. Crítica da Economia Política. São Paulo, Círculo do Livro, 1996.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In: WELCH, C. A. et al. (Org.). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas: v. 1**. São Paulo: Unesp; Brasília: Nead, 2009. p. 217-238.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO **Carga Horária 60h**

Ementa: Apresentar aos estudantes os aspectos culturais, sociais e políticos associados à alimentação sob uma perspectiva antropológica, focalizando elementos que conduzem as práticas de consumo alimentar, incluindo os processos de industrialização, massificação das informações e dos hábitos alimentares, especialmente de diferentes faces da região amazônica, sob uma ótica crítica e questionadora.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MATOS, Camila C. de S. A. et al. Cadernos de experiência de pesquisa em sistemas alimentares dos povos tradicionais de matriz africana: soberania e segurança alimentar e nutricional em interface com a Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Ed dos Autores, 2023.

CONTRERAS, Jesus. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2015.

MONTANARI, Máximo. A comida como cultura. São Paulo, Editora Senac, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LEITE, M. S. **Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/q/pdf/leite-9788575412930.pdf>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

POULAIN, Jean-Pierre e PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rn/v16n3/a02v16n3.pdf>

YUYUAMA, Lúcia K. O. Segurança/insegurança alimentar em famílias urbanas e rurais no Estado do Amazonas. In: **Acta Amazônica**, v. 37, n. 2, 2007.

<https://doi.org/10.1590/S0044-59672007000200011>

ALENCAR, Fernando Hélio. Determinantes e consequências da insegurança alimentar no Amazonas: a influência dos ecossistemas. **Acta Amazonica** [online], v. 37, n. 3 p. 413-418, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0044-59672007000300012>.

CANESQUI, Ana Maria, GARCIA, R.W. (Org.). Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2005. Disponível: <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876.pdf>

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718.pdf>

FIGUEIREDO, Rodrigo Augusto A. de e BARROS, Flávio B. Caçar, preparar e comer o 'bicho do mato': práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas**, v. 11, n. 3, p. 691-713, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n3/1981-8122-bgoeldi-11-3-0691.pdf>

WOORTMANN, E. F.. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar a mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. pp. 177-196. Disponível em: <http://www.ellenwoortmann.pro.br/artigos/agri-mesa.pdf>.

TEORIA SOCIOLOGICA II

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Teorias Social Contemporânea. Teorias do signo, símbolo e significado. Indivíduos plurais e trajetórias sociais. Possibilidades e desafios às teorias sociológicas atuais e processos em transição.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Ed UNESP, 2004.

BECKER, Howard. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIDDENS, Antony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**: rumo a uma teoria da transição”. São Paulo, Boitempo: 2011.

LAHIRE, Bernard. **O Homem plural**: os determinismos da ação. Petropolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAUMAN, Z. **A cultura do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LABORATÓRIO DE TEXTOS ANTROPOLÓGICOS e ARQUEOLÓGICOS I, II, III e IV

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Disciplina com flexibilização bibliográfica para alunos indígenas e quilombolas, escolhida a partir das disciplinas que o discente apresentar dificuldade no processo de ensino aprendizagem das disciplinas ofertada no curso.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA I, II, III e IV

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Disciplina com flexibilização bibliográfica. A bibliografia vai depender do professor e do tema que será abordado na disciplina, pois, ela dedica a trabalhar temas da Antropologia e, também as interfaces com disciplinas das Ciências Humanas e Sociais.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA I, II, III e IV

Carga Horária (30 horas/aulas)

Ementa: Disciplina com flexibilização bibliográfica. A bibliografia vai depender do professor e do tema que será abordado na disciplina, pois, ela dedica a trabalhar temas da Antropologia e, também as interfaces com disciplinas das Ciências Humanas e Sociais.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Carga Horária (60 horas/aulas)

Ementa: Disciplina com flexibilização bibliográfica. A bibliografia vai depender dos professores e dos temas por eles abordados, priorizando o diálogo entre a Antropologia e a Arqueologia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 2 - Portaria de criação do curso

PORTARIA N° 65 DE 28 de janeiro de 2015, publicada em 30 de janeiro de 2015.

PORTARIA N° 65 DE 28 de janeiro de 2015.

A SECRETÁRIA DE REGULAÇÃO E SUPERVISÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, no uso da atribuição que lhe confere pelo Decreto nº 7.690, de 2 de março de 2012, alterado pelo Decreto nº 8.066, de 7 de Agosto de 2013, e tendo em vista o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006 e suas alterações, a Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, republicada em 29 de dezembro de 2010, a Portaria Normativa nº 01, de 25 de Janeiro de 2013, ambas do Ministério da Educação, e considerando o disposto nos processos e-MEC, listados na planilha anexa,

RESOLVE:

Art. 1º Ficam reconhecidos os cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria, ministrados pelas Instituições de Educação Superior citadas, nos termos do disposto no art. 10, do Decreto nº 5.773, de 2006.

Parágrafo único. O reconhecimento a que se refere esta Portaria é válido exclusivamente para o curso ofertado nos endereços citados na tabela constante do Anexo desta Portaria.

Art. 2º Nos termos do art. 10, §7º, do Decreto nº 5.773, de 2006, o reconhecimento a que se refere esta Portaria é válido até o ciclo avaliativo seguinte.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MARTA WENDEL ABRAMO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ANEXO (Reconhecimento de Cursos)

N.º de ordem	Registro e-MEC n.º	Curso	N.º vagas totais anuais	Mantida	Mantenedora	Endereço de funcionamento do curso
17	201357090	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (Bacharelado)	120 (cento e vinte)	FACULDADE GUARAPUAVA	UNIAO DE ENSINO E CULTURA DE GUARAPUAVA LTDA - UNIGUA	RUA NOVO ATENEU, 1015, JORDÃO, GUARAPUAVA/PR
18	201356982	ENGENHARIA AMBIENTAL (Bacharelado)	88 (oitenta e oito)	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	AVENIDA BRASIL, 4.232, PARQUE INDEPENDÊNCIA, MEDIANEIRA/PR
19	201358364	LOGÍSTICA (Tecnológico)	240 (duzentas e quarenta)	FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU DE JOÃO PESSOA	CENESUP - CENTRO NACIONAL DE ENSINO SUPERIOR LTDA	RUA ALMIRANTE BARROSO, 883, CENTRO, JOÃO PESSOA/PB
20	201358725	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (Tecnológico)	120 (cento e vinte)	FACULDADE DE TECNOLOGIA DE TAUBATÉ	CETEC EDUCACIONAL S.A.	JOSE OLEGÁRIO DE BARROS, 1350, VILA DAS GRAÇAS, TAUBATÉ/SP
21	201358392	MARKETING (Tecnológico)	240 (duzentas e quarenta)	FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU DE NATAL	SOCIEDADE EDUCACIONAL CARVALHO GOMES LTDA	AVENIDA ENGENHEIRO ROBERTO FREIRE, 1.514, ESTRADA DE PONTA NEGRA, CAPIM MACIO, NATAL/RN
22	201358249	BIOMEDICINA (Bacharelado)	280 (duzentas e oitenta)	CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO	SOCIEDADE DE EDUCACAO E CULTURA DE SAO JOSE DO RIO PRETO LTDA.	RUA YVETTE GABRIEL ATIQUE, 45, BOA VISTA, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
23	201357978	AGRONOMIA (Bacharelado)	60 (sessenta)	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SAO CARLOS	RODOVIA JOÃO LEME DOS SANTOS, KM 110 , S/N, SP-264, BARRO DO ITINGA, SOROCABA/SP
24	201358204	ANTROPOLOGIA (Bacharelado)	30 (trinta)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARA	AVENIDA MENDONÇA FURTADO, 2946, ALDEIA, SANTAREM/PA
25	201357688	MODA (Bacharelado)	100 (cem)	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	ASSOCIACAO ANTONIO VIEIRA	RUA LUIZ MANOEL GONZAGA, 744, TRÊS FIGUEIRAS, PORTO ALEGRE/RS
26	201358540	FILOSOFIA (Licenciatura)	100 (cem)	FACULDADE DOM HEITOR SALES	INSTITUTO DE TEOLOGIA PASTORAL DE NATAL	AVENIDA CÂMARA CASCUDO, 390, CIDADE ALTA, NATAL/RN
27	201356866	ENGENHARIA MECÂNICA (Bacharelado)	52 (cinquenta e duas)	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIANGULO MINEIRO	AVENIDA DOUTOR RANDOLFO BORGES JÚNIOR, 1400, UNIVERDECIDADE, UBERABA/MG
28	201358339	ARQUITETURA E URBANISMO (Bacharelado)	100 (cem)	FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'ÁVILA	INSTITUTO SANTA TERESA	AVENIDA DOUTOR PEIXOTO DE CASTRO, 539, CRUZ, LORENA/SP
29	201356784	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (Bacharelado)	100 (cem)	UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	RUA RODOLFO SCHLIEPER, 222, CENTRO, CANELA/RS
30	201357364	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA (Licenciatura)	40 (quarenta)	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO CIENCIA E TECNOLOGIA DO ESPIRITO SANTO	AVENIDA VITÓRIA, 1729, JUCUTUQUARA, VITÓRIA/ES
31	201358390	GESTÃO PORTUÁRIA (Tecnológico)	240 (duzentas e quarenta)	CENTRO UNIVERSITÁRIO MAURÍCIO DE NASSAU	SER EDUCACIONAL S.A.	RUA JOÃO FERNANDES VIEIRA, 130, BOA VISTA, RECIFE/PE
32	201358591	PEDAGOGIA (Licenciatura)	120 (cento e vinte)	Faculdade Politec	FACULDADES INTEGRADAS POLITEC LTDA - ME	RUA DA AGRICULTURA, 4.000, GERIVÁ, SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP
33	201358072	ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS (Tecnológico)	270 (duzentas e setenta)	Centro Universitário Anhanguera de São Paulo	ANHANGUERA EDUCACIONAL LTDA	AVENIDA BRAZ LEME, 3029, - DE 2501 AO FIM - LADO IMPAR, SANTANA, SÃO PAULO/SP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 3 - Portaria de criação do NDE

06/02/2023 09:32

http://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=867209



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE



PORTARIA Nº 9 / 2023 - ICS (11.01.08)

Nº do Protocolo: 23204.001956/2023-32

Santarém-PA, 06 de fevereiro de 2023.

A DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA, no uso de suas atribuições, em conformidade com a Lei n. 12.085/2009 c/c Portaria nº 424/GR-UFOPA, 28 de dezembro de 2022.

RESOLVE:

Art 1º Designar os (as) servidores (as) abaixo listados para, sob a presidência do(a) primeiro(a), compor o **Núcleo Docente Estruturante - NDE** do Curso de Antropologia do Instituto de Ciências da Sociedade - ICS, a contar de 01/02/2023 e carga horária de 1(uma) hora.

- I - Luciana Barroso Costa França - Coordenadora;
- II - Luciana Gonçalves de Carvalho - Vice coordenadora;
- III - Carla Ramos;
- IV - Diego Amoedo Martínez;
- V - Eduardo Soares Nunes;
- VI - Florêncio Almeida Vaz Filho;
- VII - Helena Moreira Schiel;
- VIII - Julia Dias Escobar Brussi;
- IX - Lucybeth Camargo de Arruda;
- X - Miguel Aparício Suarez.

Art 2º Revogar Portaria nº 48/ 2022 - ICS Protocolo nº 23204.01259/2022-08

(Assinado digitalmente em 06/02/2023 09:28)
ANA MARIA SILVA SARMENTO
DIRETORA
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1796353

Visualize o documento original em <https://sipac.ufopa.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **9**, ano: **2023**, tipo: **PORTARIA**, data de emissão: **06/02/2023** e o código de verificação: **3d26b40fad**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 4- Ata de aprovação do PPC pelo NDE/Colegiado



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

ATA Nº 09/2022 DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO NÚCLEO DOCENTE
ESTRUTURANTE DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA – ICS

Ata da reunião ordinária do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Antropologia, realizada no dia quinze de setembro de 2022, às 14:00 horas, através da plataforma virtual de comunicação Google Meet.

1 No dia quinze de setembro de dois mil e vinte e dois, aconteceu a reunião ordinária do
2 Núcleo Docente Estruturante do Curso de Bacharelado em Antropologia, que teve início
3 às 14:00 horas através da plataforma Google Meet. Participaram os docentes: Luciana
4 Barroso Costa França (Coordenadora do curso), Luciana Gonçalves de Carvalho (Vice
5 Coordenadora do curso), Júlia Brussi e como convidados Samuel Keyton (secretário) e
6 Hellen Tathiane Santos de Lima (Representante discente). Professora Luciana França
7 menciona o baixo quórum desta reunião mas, considerando a urgência dos
8 encaminhamentos dos pontos de pauta previstos e considerando que o Regimento de
9 Graduação (Resolução 55/2014) prevê que “se, ao atingir a ordem do dia, não houver
10 quórum de metade mais um para deliberação, a reunião será suspensa por 15 (quinze)
11 minutos, após o que se fará nova contagem, deliberando-se, então, com qualquer
12 quórum”; tendo aguardado 15 minutos para a chegada dos demais membros do NDE,
13 consultou os membros do NDE presentes que então decidiram por unanimidade manter a
14 reunião e deliberar sobre as seguintes pautas: **Pauta 1: Aprovação da versão final do**
15 **novo PPC do curso de bacharelado em antropologia** - Professora Luciana França
16 menciona que as informações foram inseridas no formulário do MEC para avaliação do
17 curso e que são as mesmas que já constam na minuta do novo PPC, encaminhada a todos
18 os membros do NDE no email de convocação desta reunião, e que aguarda que o MEC
19 constitua uma comissão e agende a data para visita in loco, para avaliação do curso. Diz
20 ainda que, seguindo a recomendação da servidora Jessica (PROEN), o NDE e o Colegiado
21 devem, em função disso, finalizar a elaboração do PPC o mais breve possível, que aguarda
22 que também seja rápida a aprovação do novo PPC nas instâncias competentes e no



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

23 Consegue; que se não for possível essa aprovação em tempo hábil, será apresentado ao
24 MEC o PPC de 2018; que diante da provável visita do MEC in loco, o colegiado do curso
25 pode pedir urgência no trâmite do PPC nas outras instâncias da Ufopa para que possa ser
26 apresentado para a comissão do MEC a versão atualizada, finalizada e aprovada. Como
27 última atualização da minuta partilhada, o NDE decide que será incluída a disciplina
28 "Tópicos Especiais em Antropologia 1, 2 3 e 4", com ementa idêntica à disciplina
29 homônima, mas com carga horária de 30 horas. Consultado sobre o ponto de pauta da
30 reunião, o NDE aprova por unanimidade a versão final do novo PPC do curso de
31 bacharelado em antropologia; **Pauta 2: A apreciação do pedido do discente Gerlan**
32 **Silva da Gama para que a professora Myrian Sá L. Barbosa seja sua orientadora**
33 **em seu TCC - Professora Luciana França menciona que pedido do aluno foi enviado**
34 **antecipadamente por email para os membros do NDE, após análise foi deferido o pedido**
35 **do aluno e aprovado pelo NDE; não havendo mais ponto de pauta, deu-se por encerrada**
36 **a reunião do NDE. Não havendo mais pontos de pauta, encerrou-se essa reunião do**
37 **Núcleo Docente Estruturante de Antropologia. A Ata dessa reunião foi lavrada por**
38 **Samuel Keyton com colaboração da professora Luciana França, e será assinada por mim**
39 **e pelos demais participantes dessa reunião.**

PARTICIPANTES	CARGO	ASSINATURA / JUSTIFICATIVA DE FALTA
Luciana Barroso Costa França	Coordenadora	Presente
Luciana Gonçalves de Carvalho	Vice Coordenadora	Presente
Carla Ramos	Docente	Ausente
Diego Amoedo Martinez	Docente	Ausência justificada
Júlia Brussi	Docente	Presente
Lucybeth Camargo de Arruda	Docente	Ausência justificada - férias
Miguel Aparício Suárez	Docente	Ausência justificada
Eduardo Soares Nunes	Docente	Ausência
Florêncio de Almeida Vaz Filho	Docente	Ausência justificada - afastamento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

Samuel K. Pereira	Assist. Administrativo	Presente
-------------------	---------------------------	----------



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emissão em 15/09/2022

ATA N° 39/2022 - ICS (11.01.08)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 22/09/2022 12:02)

JULIA DIAS ESCOBAR BRUSI
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 00982499

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 14:47)

LUCIANA BARROSO COSTA FRANCA
COORDENADOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 00960892

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 06:58)

LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 00965290

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 11:49)

SAMUEL KEYTON PEREIRA
ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO
ICS (11.01.08)
Matrícula: 00951687

Visualize o documento original em <https://sigas.ufopa.edu.br/documentos/> informando seu número: 39, ano: 2022,
tipo: ATA, data de emissão: 20/09/2022 e o código de verificação: 0e1457d94d



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

ATA Nº 11/2022 DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COLEGIADO DO CURSO DE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA – ICS

Ata da reunião ordinária do Colegiado do Curso de Antropologia, realizada no dia quinze de setembro de 2022, às 15:00 horas, através da plataforma virtual de comunicação Google Meet.

1 No décimo quinto dia do mês de setembro de dois mil e vinte e dois, aconteceu a reunião
2 ordinária do Colegiado do Curso de Bacharelado em Antropologia, que teve início às
3 15:00 horas, através da plataforma Google Meet. Participaram os docentes: Luciana
4 Barroso Costa França (Coordenadora do curso), Luciana Gonçalves de Carvalho (Vice
5 Coordenadora do curso), Júlia Dias Escobar Brussi, os docentes que não participaram
6 justificaram antecipadamente suas ausências, participou também Samuel Keyton
7 (Secretário) e Hellen Lima (Representante discente).

8 As 15:00h professora Luciana França deu início a reunião com os seguintes informes:
9 **Informe 1:** Professora Luciana França informa que a Progep divulgou o memorando nº
10 58/2022, no dia 17 de agosto, que fala sobre o controle de frequência a que estarão
11 submetidos os servidores técnicos e que os docentes, embora dispensados desse
12 mecanismo, devem realizar suas atividades de ensino, pesquisa, extensão, assim como
13 funções administrativas, nas dependências da Ufopa. Na reunião da direção do instituto
14 com os coordenadores de curso, Jarsen enfatizou bastante esse ponto e disse que a direção
15 será cobrada com relação a isso, principalmente no que diz respeito às aulas presenciais;
16 **Informe 2:** Professora Luciana França informa que os equipamentos adquiridos com
17 recurso do orçamento do curso foram entregues: alguns foram recebidos por ela e estão
18 na sala da coordenação do curso, outros foram recebidos por Samuel; **Informe 3:**
19 Professora Luciana Carvalho informa sobre a sua participação no Fórum de
20 coordenadores de cursos de graduação em Antropologia, cuja reunião ocorreu na última
21 RBA. O Fórum foi apresentado como uma iniciativa autônoma de coordenadores de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

22 cursos que, na RBA anterior, sentiram necessidade de criar um espaço de diálogo sobre
23 os cursos de bacharelado em Antropologia. Foi explicado que não se trata de um comitê
24 nem de uma comissão da ABA e que não é uma instância representativa da ABA. Houve
25 poucos participantes na reunião e após o evento o coordenador do fórum enviou uma
26 planilha para atualização de contatos dos coordenadores de cursos, na expectativa de
27 convidar para nova reunião no mês de outubro; **Informe 4:** Luciana França fala sobre o
28 evento de acolhida aos alunos do curso de Antropologia, informa que a programação já
29 foi elaborada, divulgada e compartilhada, que ainda há algumas pendências de
30 confirmação de convidados, que o convidado João Tapajós cancelou sua participação,
31 mas que está quase tudo pronto faltando apenas alguns ajustes; **Informe 5:** Com a palavra
32 a representante dos discentes do curso, a aluna Hellen Lima informa que o Centro
33 Acadêmico está pensando em organizar um lanche para oferecer aos participantes ao final
34 do evento de acolhimento e pede colaboração dos professores, Luciana Carvalho sugere
35 enviar email e mensagem no grupo de professores; **Informe 6:** Luciana França informa
36 que foi encerrado o período de matrículas no Sigaa, que as matrículas foram monitoradas
37 e acompanhadas pela coordenação, mas que já estavam sendo observados problemas nas
38 matrículas de alguns discentes. Foi sugerido pedir aos alunos que verifiquem se as
39 matrículas foram efetivadas e, em caso contrário, procurar a coordenação do curso para
40 providências. Foi lembrado ainda que o período de matrículas extraordinárias previsto no
41 calendário acadêmico deve ser entre os dias 16 e 23 de setembro, quando ajustes de
42 matrícula poderão ainda ser feitos; Encerrados os informes e dando prosseguimento à
43 reunião do colegiado, a partir de agora serão abordados e deliberados os seguintes pontos
44 de pauta: **Pauta 1: Aprovação das deliberações da reunião de NDE de 26 de agosto e**
45 **de 15 de setembro** - Professora Luciana França faz uma breve explanação das
46 deliberações contidas na Ata do dia 26 e o colegiado as aprova. O Colegiado também
47 aprova por unanimidade a deliberação da reunião de NDE de 15 de setembro: a aprovação
48 do pedido da solicitação de TCC do discente Gerlan Silva da Gama e a aprovação da
49 versão final do Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Antropologia
50 de 2022; **Pauta 2: Aprovação das prestações de conta do Edital PSTCC 2021,**
51 **disponíveis** no



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

52 **drive <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/16AWlhf2YkKfq2p8ctjNaKdPKch>**
53 **7XñEe**, de acordo com a minuta do parecer que segue em anexo - Luciana França fala
54 que, do seu ponto de vista, apenas um aluno conseguiu resolver de forma inequívoca os
55 problemas anteriormente identificados e apresenta a minuta do parecer enviado a todos
56 no e-mail de convocação desta reunião, com apontamentos que precisariam ser observados
57 pelo colegiado para a aprovação da mesma. Mas, considerando o baixo quórum da reunião
58 e o fato de não haver uma urgência maior para essa deliberação, o colegiado decide que
59 essa pauta será retomada, mais uma vez, numa próxima reunião de Colegiado. As
60 professoras debatem, de forma ampla, os problemas envolvidos com relação à prestação
61 de contas de recursos recebidos por alunos em editais públicos e ressaltam que, pela
62 segunda vez, o Colegiado enfrenta problemas com relação às prestações de conta e que
63 isso não tem sido tratado de forma adequada; **Pauta 3: Edital para o Processo de**
64 **Concessão de Bolsa de Incentivo Acadêmico aos estudantes concluintes do curso de**
65 **Antropologia 2022** - Professora Luciana França fala que para evitar os percalços
66 causados pela prestação de contas no formato de auxílio estudantil, como os ocorrido nos
67 anos anteriores, em 2022 o recurso será melhor distribuído no formato de edital de
68 concessão de bolsas. Professora Júlia apresenta a minuta do novo edital de concessão de
69 bolsas. As professoras debatem sobre os critérios de seleção dos bolsistas, definindo que
70 estes serão o IRA, o tempo de permanência no curso e modalidade de ingresso (numa
71 proporção de pesos de 40-40-20) e sugerem a inserção no edital da exigência de
72 apresentação de um relatório de pesquisa em modelo a ser definido no edital. O Colegiado
73 aprova a minuta do edital por unanimidade e recomenda que ele seja encaminhado à
74 Procuradoria para os devidos trâmites; **Pauta 4: Alteração do planejamento das saídas**
75 **para licença capacitação (2023)** - Professora Luciana França ressalta a importância
76 dessa pauta, menciona que muitos docentes do colegiado estão ausentes, que inclusive os
77 3 professores que estão diretamente interessados no assunto não puderam participar, e
78 sugere que esta pauta seja deliberada na próxima reunião, os participantes acataram a
79 sugestão e assim, não havendo mais ponto de pauta, deu-se por encerrada a reunião do
80 colegiado; a Ata dessa reunião foi lavrada por mim, Samuel Keyton Pereira, com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Instituto de Ciências da Sociedade (ICS)
Curso de Bacharelado em Antropologia

- 81 colaboração da professora Luciana França e será assinada por mim e pelos demais
82 participantes dessa reunião.

PARTICIPANTES	CARGO	ASSINATURA / JUSTIFICATIVA DE FALTA
Luciana Barroso Costa França	Coordenadora	Presente
Luciana Gonçalves de Carvalho	Vice Coordenadora	Presente
Carla Ramos	Docente	Ausência justificada
Diego Amoedo Martínez	Docente	Ausência justificada
Eduardo Soares Nunes	Docente	Ausência justificada
Florêncio Almeida Vaz Filho	Docente	Ausência justificada
Guilherme Antunes	Docente	Ausência justificada
Júlia Brussi	Docente	Presente
Lucybeth Camargo de Arruda	Docente	Ausência justificada
Miguel Aparício Suárez	Docente	Ausência justificada
Samuel Keyton	Secretário	Presente
Hellen Tathiane Santos de Lima	Representante discente	Presente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 15/09/2022

ATA DO COLEGIADO N° 41/2022 - ICS (11.01.08)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 22/09/2022 12:02)
JULIA DIAS ESCOBAR BRUSSEI
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 8892499

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 14:47)
LUCIANA BARROSO COSTA FRANCA
COORDENADORA
ICS (11.01.08)
Matrícula: 8896692

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 06:58)
LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 88946290

(Assinado digitalmente em 21/09/2022 11:49)
SAMUEL KEYTON PEREIRA
ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO
ICS (11.01.08)
Matrícula: 88811687

Visualize o documento original em <https://sijsc.ufopa.edu.br/documentos/> informando seu número: 41, ano: 2022,
tipo: ATA DO COLEGIADO, data de emissão: 20/09/2022 e o código de verificação: 9782f82ee4



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 5 - Ata de Aprovação do PPC pelo Conselho

07/10/2022 10:43

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?idDoc=620126



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE



ATA DO CONSELHO Nº 27 / 2022 - ICS (11.01.08)

Nº do Protocolo: 23204.013561/2022-00

Santarém-PA, 28 de setembro de 2022.

**ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO
DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE -
ICS, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO
PARÁ - UFOPA, REALIZADA NO DIA VINTE E
OITO DE SETEMBRO DE DOIS MIL E VINTE E
DOIS.**

No vigésimo oitavo dia do mês de setembro de dois mil e vinte e dois, às dez horas, na sala trezentos e trinta e sete, no mini auditório do ICS, reuniram-se sob a direção do professor Jarsen Luis Castro Guimarães; os Conselheiros do ICS: Adria Maria Nina Monteiro, Ana Maria Silva Sarmento, Diego Amoedo Martinez, Greyce Warleny Cruz de Souza, Inailde Correa de Almeida, Jessyca Araújo Coelho, Judith Costa Vieira, Luciana Barroso Costa França, Miguel Aparício Suarez, Myrtle Pearl Shock, Raoni Bernardo Maranhão Valle, Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos; e teve como Pauta: **I - Aprovação das justificativas de ausência dos conselheiros.** O professor Jarsen leu as justificativas dos conselheiros que informaram previamente que participariam somente do início da reunião em virtude de horários de aulas a serem ministradas; os conselheiros aprovaram todas as justificativas de ausência. **II - Aprovação da Ata número vinte da Reunião Ordinária do Conselho - ICS de doze de agosto de dois mil e vinte e dois.** O professor Jarsen apresentou a solicitação e demandou apreciação do conselho, após deliberação o conselho aprovou unanimemente a solicitação. De início ficou acordado que a próxima reunião do conselho ocorrerá no dia trinta e um de outubro às quinze horas, sendo esta a última segunda-feira do mês. **III - Informes** - A professora Zilda informou sobre o salão de orientação profissional, como representante do ICS na comissão, esclareceu que ocorrerá no dia primeiro de dezembro no espaço do restaurante universitário, a Proen liberará estrutura física e banner com informações dos cursos mas que os mesmos tem a liberdade de organizar seu estande no local, os cursos também deverão indicar seis alunos para os três turnos que receberão certificado. Finalizando a professora assegurou encaminhar novas informações no decorrer das preparações. Com a palavra a professora Ana que esteve a frente do instituto durante o período de férias do diretor, compartilhou as deliberações das reuniões representadas por ela. No CONSEPE, a Proen chamou atenção sobre os prazos das revisões dos tcc's que é até dezembro; a PROPPIT falou sobre as bolsas de iniciação científica sendo oitenta e cinco ao todo, FAPESP existe aproximadamente cem bolsas e quinze para o FormaPará, citou a avaliação dos cursos de pós graduação (2017-2020) onde os programas mantiveram as suas notas. No CONSUN foi debatido sobre os convênios que estão sendo celebrados com a universidade, suas vigências e renovações. Sobre salas de aula o técnico do CTIC, Valkir apresentou uma proposta para ser implantada para o próximo ano em que seja possível casar o lançamento dos horários de todos os cursos no SIGAA, fazendo com que o sistema ajuste a planilha de salas de aula. O questionamento sobre os espaços do ICS que foram conversados em reunião exclusivamente entre o instituto e a reitoria, ficou o comprometimento de organizar o espaço sobre a copa, as instalações do NAPUJ, centrais de ar, entre outros. a executiva pedirá, a pedido do Conselho, a ata do referido encontro. Citou que o ICS possui seis vagas para docente mas que no momento não há concurso vigente porém o instituto poderá, caso tenha recurso, o próprio concurso. A técnica e coordenadora da secretaria administrativa apresentou dois informes, o

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?idDoc=620126

1/3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

07/10/2022 10:43

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?idDoc=620126

primeiro é sobre os serviços gráficos que foram solicitado não será realizado porque a empresa licitada não responde mais os contatos da universidade, entendo assim que desistiu do prego. O segundo é sobre o PDT - Plano de Desenvolvimento de Pessoas, onde a técnica e a professora Luciana França foram até a PROGEP para entender melhor o novo processo e esclarecendo questionamentos, ficando o instituto para a preencher o formulário via sistema até a presente data. O professor Jarsen informou que em breve, com data para catorze de novembro à quatro de dezembro ocorrerão as eleições para diretores dos institutos, sendo no dia cinco de dezembro a data para votação. Pediu respeito e harmonia positiva para esse momento importante, agradeceu aos coordenadores por repassar as informações dadas pela gestão superior para os docentes dos cursos sobre o funcionamento do campus ao retorno das aulas, guarita, chaves, data show, ar condicionado, etc, nossas necessidades específicas já foram repassadas para a reitoria e pedimos a colaboração e paciência. Pediu que o mini auditório mantenham o layout da sala e regras de uso. O diretor informou que a coordenação acadêmica se reunirá em um dia definido posteriormente para que eles realizem um planejamento das demandas do setor que será devidamente veiculado a toda comunidade acadêmica. Citou que a administração superior pediu confirmação que faz parte do corpo docente o professor DAVID GIBBS MACGRATH, e sim, ele é lotado no curso de Economia com vinte horas mas ele ministra aula no NSD e reside nos EUA. A técnica Jessyca pediu a palavra para noticiar que sobre o laboratório de ensino, já foram montados os computadores, a central de ar está em funcionamento, a SINFRA já realizou a instalação das tomadas e que, falta o CTIC instalar os pontos de rede e nós ICS, teremos que providenciar no mínimo oito nobreak para iniciarmos o uso do setor. **IV - Indicação de representante docente e discente para compor a Comissão de atualização do PDI e Indicação de representante docente para compor a Comissão de Curador da FIAM.** Foram esclarecidas as necessidades dos representantes para a Comissão do PDI e ficou acordado que será levado para os colegiados e posteriormente enviarão os indicados, cientes de que esta comissão terá carga horária. Sobre a comissão do FIAM, que não terá carga horária, a professora Zilda Gohen como representante e a professora Ana Sarmento como suplente. **V - Aprovação do novo PPC do curso de Antropologia.** De início foi informado que o PPC já foi aprovado pelo seu colegiado. A professora Luciana citou algumas modificações no atual documento como a carga horária da extensão, a permissão de entrega de artigos científicos, disciplinas de trinta horas, sobre a separação do curso de antropologia do curso de arqueologia, inclusive a necessidade de atualizar no site do instituto. Após a discussão o PPC foi APROVADO em unanimidade pelos conselheiros. **VI - Funcionamento da secretaria dos cursos.** O diretor iniciou o ponto informando que o que havia sido acordado entre direção e técnicos é que todos atenderiam a todas as demandas relacionadas as secretaria dos cursos mas observou que não tem ocorrido desta forma. Citou a saída de férias do técnico Tadeu e nesse curto período os demais não deram prosseguimento no trabalho. Informou também que serão enviados aos coordenadores e demais chefias um documento ratificando as orientações da PROGEP sobre as folhas de ponto dos técnicos. A professora Luciana levantou o questionamento sobre o processo de arquivamento, se deverá ser enviado para as demandas ou para um técnico específico e como fica a composição do colegiado pois a representatividade técnica está atrelado a um único e específico técnico e que há, como no caso do curso de economia, a ausência do mesmo. O professor Jarsen concluiu esta pauta comprometendo-se a realizar uma reunião em sua sala na terça-feira, quatro de outubro, com a secretaria dos cursos e demais técnicos. **VII - Acordo de cooperação técnica entre o ICS o Instituto Socioambiental.** A docente Bruna Cigaran da Rocha pediu que o conselho tenha conhecimento/ciência do possível convênio do instituto com o Instituto Socioambiental para que seja possível o Projeto "Somos a Floresta. Capacitação e serviços socioambientais dos beiradeiros da Terra do Meio, Amazônia". Será co-coordenado pela professora Bruna e fornecerá bolsas a estudante dos cursos de arqueologia e antropologia. O conselho toma CIÊNCIA e pede que sigam conforme o mapeamento do processo. **VIII - Perfil de autorizador de extensão para técnicos.** A CPP/Proce enviará documento apresentado em reunião sobre o perfil de autorizador de extensão para técnicos. Fica APROVADO pelo conselho a autorização com base na Resolução 254/2018 - CONSEPE - Art. 25, 29, 30 e 31. **IX - Designação de comissão de avaliação de**

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?idDoc=620126

2/3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

07/10/2022 10:43

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?IdDoc=620126

extensão do ICS. Ficou APROVADA a comissão composta pelos titulares Sandro Augusto Viegas Leão, Judith Costa Vieira e Myrian Sá Leitão Barboza. Como suplentes a professora Andrea Simone Rente Leão, Rogério Henrique Almeida e Ana Maria Silva Sarmento. Revogado a portaria do ICS anterior de número quarenta e cinco de dois mil e vinte e um. Ficando a Coordenadora Luciana França de indicar um membro do seu colegiado. Os conselheiros deliberaram e aprovaram unanimemente a ata em epígrafe. Nada mais havendo a tratar, o diretor do ICS agradeceu o comparecimento dos participantes, e às onze horas e quarenta minutos deu-se por encerrada a sessão, da qual, para constar, e nada mais tendo a informar eu, Jessyca Araújo Coelho, lavrei a presente ata que foi lida e aprovada pelos conselheiros para ser assinada digitalmente pelos participantes abaixo.

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 16:29)

ADRIA MARIA NINA MONTEIRO
TECNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS
ICS (11.01.08)
Matrícula: 2012074

(Assinado digitalmente em 04/10/2022 14:21)

ANA MARIA SILVA SARMENTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1796353

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 14:47)

DIEGO AMOEDO MARTINEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 3004850

(Assinado digitalmente em 04/10/2022 14:31)

GREYCE WARLENY CRUZ DE SOUSA
ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO
ICS (11.01.08)
Matrícula: 2178737

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 14:47)

INAILDE CORREA DE ALMEIDA
COORDENADOR
CBGPDR (11.01.08.11)
Matrícula: 2142672

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 10:25)

JESSYCA ARAUJO COELHO
ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO
ICS (11.01.08)
Matrícula: 2171430

(Assinado digitalmente em 05/10/2022 09:46)

JUDITH COSTA VIEIRA
COORDENADOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1629468

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 17:04)

LUCIANA BARROSO COSTA FRANCA
COORDENADOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1966932

(Assinado digitalmente em 03/10/2022 14:56)

MIGUEL APARICIO SUAREZ
COORDENADOR - TITULAR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 2993287

(Assinado digitalmente em 04/10/2022 12:02)

MYRTLE PEARL SHOCK
COORDENADOR DE CURSO
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1903463

(Assinado digitalmente em 05/10/2022 17:07)

RAONI BERNARDO MARANHÃO VALLE
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.08)
Matrícula: 1962667

(Assinado digitalmente em 04/10/2022 08:57)

ZILDA JOAQUINA COHEN GAMA DOS SANTOS
COORDENADOR
CBECO (11.01.08.10)
Matrícula: 1837022

Visualize o documento original em <https://sipac.ufopa.edu.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **27**, ano: **2022**, tipo: **ATA DO CONSELHO**, data de emissão:
28/09/2022 e o código de verificação: **f5516fa7d2**

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?IdDoc=620126

3/3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 6 – Portaria de nomeação da coordenadora do curso

07/03/2022 08:41

https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=548519



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
REITORIA



PORTARIA Nº 33 / 2022 - REITORIA (11.01)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Santarém-PA, 04 de março de 2022.

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ, no uso de suas atribuições conferidas pelo Decreto Presidencial de 19 de abril de 2018, publicado no Diário Oficial da União em 20 de abril de 2018, Seção 2, pág. 1, e consoante as disposições legais e estatutárias vigentes, resolve:

Designar LUCIANA BARROSO COSTA FRANÇA, Professora do Magistério Superior, para exercer a função comissionada de Coordenadora do Curso de Antropologia, código FCC, do Instituto de Ciências da Sociedade desta Universidade, ficando dispensada da referida função CARLA RAMOS, Professora do Magistério Superior. (Processo nº 23204.001668/2022-05)

(Assinado digitalmente em 04/03/2022 16:37)
HUGO ALEX CARNEIRO DINIZ
REITOR - TITULAR
REITORIA (11.01)
Matricula: 1201384

Processo Associado: 23204.001668/2022-05

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufopa.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **33**, ano: **2022**, tipo: **PORTARIA**, data de emissão: **04/03/2022** e o código de verificação: **68d8d4b222**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 7 – Regulamento de Atividades Complementares

O Colegiado do Curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, no uso de suas atribuições legais, resolve estabelecer a regulamentação para o cumprimento obrigatório da carga horária de Atividades Complementares pelo corpo discente do Curso de Antropologia, na seguinte forma:

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1 - Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia conformando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

Art. 2 - As Atividades Complementares visam a participação/atuação do aluno em atividades compartilhadas com vários segmentos da comunidade universitária, privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, e com vários segmentos da sociedade civil, comunidades e coletivos sociais.

Art. 3 - As Atividades Complementares podem ser distribuídas ao longo dos semestres, e sua carga horária total validada de acordo com a documentação apresentada ao final do curso.

Art. 4 - As Atividades Complementares propostas e organizadas no âmbito da Ufopa devem ser coordenadas por um docente da Universidade que desempenhe atividade na área de conhecimento da atividade.

Art. 5 - As Atividades Complementares propostas e organizadas por outras instituições também são aceitas como atividades complementares, desde que sigam os padrões dos projetos acadêmicos de pesquisa e de extensão e sejam previamente avaliadas e aprovadas pelo docente ou comissão responsável pelas atividades complementares da turma dentro do Bacharelado em Antropologia.

Art. 6 - O Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Centros Acadêmicos também poderão propor Atividades Complementares, desde que sob a supervisão e coordenação de um professor da respectiva área de conhecimento e após aprovação da proposta pelo colegiado do curso e/ou pelo conselho do ICS.

Art. 7 - Todas as propostas e relatórios de Atividades Complementares devem estar devidamente documentados e ser analisados e aprovados pelo corpo docente do Bacharelado em Antropologia.

DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS E PROJETOS INSTITUCIONAIS

Art. 8 – São caracterizadas como participação em programas e projetos institucionais para



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

fins de contabilização como atividades complementares:

I - Participação em programas e projetos de pesquisa registrados na instituição e supervisionados por um professor orientador, com ou sem bolsa, podendo ser contabilizadas até 40 horas por semestre.

II - Participação em programas e projetos de ensino e monitoria de disciplinas dos cursos de antropologia e arqueologia, podendo ser contabilizadas até 40 horas por semestre.

III - Participação em programas e projetos de extensão aprovados e reconhecidos pela PROCCE/UFOPA (não contabilizados no componente “atividades de extensão”), podendo ser contabilizadas até 40 horas por semestre.

DA REALIZAÇÃO DE CURSOS, MINICURSOS E OFICINAS

Art. 9 – São caracterizadas como realização de cursos, minicursos e oficinas para fins de contabilização como atividades complementares:

I - Cursos de língua estrangeira (reconhecido e certificado), podendo ser contabilizadas até 10 horas por semestre, podendo ser contabilizadas até 10 horas por semestre.

II - Cursos de extensão em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 horas, podendo ser contabilizada a carga horária do curso até total máximo de 40 horas.

III - Minicursos de extensão de curta duração com carga horária de 3 a 19 horas (participação como discente), podendo ser contabilizada a carga horária do curso até total máximo de 40 horas.

IV - Oficinas de extensão em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária de 3 a 8 horas (participação como discente), podendo ser contabilizada a carga horária do curso até total máximo de 20 horas.

V - Cursos ou disciplinas extras (não contabilizadas para integralização do curso) em Antropologia, Arqueologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES), com carga horária mínima de 30 horas, podendo ser contabilizadas até 60 horas.

DOS EVENTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E DE EXTENSÃO

Art. 10 - São caracterizadas como eventos técnico-científicos e de extensão para fins de contabilização como atividades complementares:

I - Organização de evento de pesquisa ou de extensão (integrante de comissão organizadora), podendo ser contabilizadas até 10 horas por evento.

II - Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão local/regional, podendo ser contabilizadas até 10 horas por evento..

III - Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão nacional, podendo ser contabilizadas até 15 horas por evento..

IV - Apresentação de trabalho em evento de pesquisa ou de extensão internacional, podendo ser contabilizadas até 20 horas por evento.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

- V - Participação como ouvinte em evento de pesquisa ou extensão, podendo ser contabilizada a carga horária conferida em certificado do evento até o total de 40 horas.
- VI - Participação de alunos como ouvinte em bancas de defesa de trabalhos de graduação e pós-graduação (lista de presença), podendo ser contabilizadas até 2 horas por banca, com o máximo de 20 horas totais.

DAS PUBLICAÇÕES E OUTRAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 11 - São caracterizadas como publicações, para fins de contabilização como atividades complementares, aquelas em:

- I - Jornais, revistas ou boletins eletrônicos, podendo ser contabilizadas 5 horas por publicação.
- II - Artigos Qualis A1 e A2, podendo ser contabilizadas 20 horas por publicação.
- III - Artigos Qualis A3 e A4, podendo ser contabilizadas 15 horas por publicação.
- IV - Artigos Qualis B1 e B2, podendo ser contabilizadas 12 horas por publicação.
- V - Artigos B3 a B5, podendo ser contabilizadas 10 horas por publicação.
- VI - Artigos Qualis C ou sem Qualis, podendo ser contabilizadas 5 horas por publicação.
- VII - Capítulo de livro com ISBN, podendo ser contabilizadas 15 horas por publicação.
- VIII - Resumo publicado em anais de evento local/regional, podendo ser contabilizadas 2 horas por publicação.
- IX - Resumo publicado em anais de evento nacional, podendo ser contabilizadas 4 horas por publicação.
- X - Resumo publicado em anais de evento internacional, podendo ser contabilizadas 6 horas por publicação.
- XI - Trabalho completo publicado em anais de evento local/regional, podendo ser contabilizadas 5 horas por publicação.
- XII - Trabalho completo publicado em anais de evento nacional, podendo ser contabilizadas 8 horas por publicação.
- XIII - Trabalho completo publicado em anais de evento internacional, podendo ser contabilizadas 10 horas por publicação.

Art. 12 - Participação como voluntário em órgãos públicos, Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, Centros e Diretórios Acadêmicos, Associações e Sindicatos pode ser contabilizada como carga horária de atividades complementares em até 20 horas por semestre

Art. 13 - Participação em órgão colegiado e/ou conselho consultivo e/ou deliberativo da instituição pode ser contabilizada como carga horária de atividades complementares em até 20 horas por semestre

Art. 14 - Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação pode ser contabilizada como carga horária de atividades complementares em até 20 horas por semestre

Art. 15 - Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário) pode ser contabilizada como carga horária de atividades complementares em até 20 horas por semestre

Art. 16 - Outras atividades, não previstas no PPC do curso, serão avaliadas pelo Colegiado mediante solicitação formal junto à coordenação do curso de Antropologia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 17 - Este Regulamento entra em vigor na data de sua aprovação.
Regulamento aprovado por Ad Referendum do NDE e Colegiado do Curso, em 24 de Abril de 2023.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Anexo 8 – Regulamento para Trabalho de Conclusão de Curso

O Colegiado do Curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, no uso de suas atribuições legais, resolve estabelecer a regulamentação para o cumprimento obrigatório do Trabalho de Conclusão de Curso pelo corpo discente do Curso de Antropologia, na seguinte forma:

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1 - O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular individual, obrigatória e condicionante para obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Art. 2 - No Curso de Bacharelado em Antropologia, o TCC será desenvolvido entre o 6º e 8º semestres, através dos componentes curriculares TCC I (120horas), TCC II (120 horas) e TCC III (120horas), totalizando 360 horas.

Art. 3 - A seleção do tema do TCC é de escolha do discente, considerando-se a disponibilidade dos docentes para orientação, de acordo com o limite da carga horária definida por regulamento específico da Ufopa (Resolução nº 184/2017 – Plano Acadêmico).

DA ORIENTAÇÃO

Art. 4 - Os componentes de Trabalho de Conclusão de Curso são necessariamente orientados por docentes do curso de Antropologia, ou, em casos devidamente justificados, por docentes de áreas afins, desde que essa indicação seja aprovada em instância colegiada do curso.

Parágrafo único: Nesse último caso, o colegiado ainda poderá indicar, se necessário, a composição de uma co-orientação.

Art. 5 - O orientador irá acompanhar no decorrer dos semestres o andamento dos trabalhos dos discentes sob sua orientação, bem como fará cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega, além de organizar a composição das bancas e os dias de apresentação do TCC.

Parágrafo único: Na ausência do professor orientador ou em casos omissos, o coordenador, o vice-coordenador do curso ou docente designado formalmente pelo orientador irá acompanhar o andamento dos trabalhos.

DO FORMATO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 6 - Para fins de avaliação e integralização curricular, o TCC poderá ser apresentado no formato de monografia, peça audiovisual ou artigo científico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

§ 1º No formato de monografia, o TCC deverá ter no mínimo 35 páginas, respeitando-se as normas presentes no *Guia para a elaboração e apresentação da produção acadêmica da Ufopa*, disponibilizado pela Biblioteca Central da universidade

§ 2º No formato de peça audiovisual, esta deverá ser, obrigatoriamente, produzida com protagonismo do aluno e acompanhada de um texto de sua autoria que exponha o contexto de sua produção, seus princípios teórico-metodológicos e uma reflexão sobre o trabalho realizado com, no mínimo, 15 páginas.

§ 3º No formato de artigo, cujo autor deverá ser, obrigatoriamente, o discente, este deverá apresentar o comprovante de submissão, aceite e/ou publicação do artigo a uma revista indexada, cuja escolha deverá ser feita em acordo com o orientador.

DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 7 - Qualquer que seja o formato de apresentação do TCC, este trabalho deverá, obrigatoriamente, ser defendido perante uma banca avaliadora durante uma apresentação oral a ser realizada em sessão pública, a qual deverá ser agendada pelo orientador por meio do SIGAA.

Art. 8 - A banca avaliadora será composta pelo professor orientador e por mais dois membros docentes, dos quais pelo menos um deverá ser obrigatoriamente vinculado ao Curso de Bacharelado em Antropologia, sendo facultado o convite a um membro externo.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 9 - Após a defesa, o discente deverá produzir a versão final do trabalho, sob supervisão do orientador, e providenciar, junto à Biblioteca Central, a respectiva ficha catalográfica. Em seguida, deverá entregar à Coordenação do Curso a versão final do TCC, que poderá ser disponibilizada em repositórios institucionais.

Parágrafo único: Deve-se observar que todos esses procedimentos deverão ser executados no prazo máximo de até 30 dias a contar da data da defesa e que, sem eles, o aluno não poderá receber a outorga de grau.

Art. 10 - Este Regulamento entra em vigor na data de sua aprovação.

Regulamento aprovado por Ad Referendum do NDE e Colegiado do Curso, em 24 de Abril de 2023.



Emitido em 26/04/2023

RESOLUÇÃO Nº 406/2023 - CONSEPE (11.29)
(Nº do Documento: 10)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 09/05/2023 15:56)

ELIANE FIGUEIRA RODRIGUES

SECRETARIO - TITULAR

SEGE (11.01.44)

Matrícula: ###147#4

Visualize o documento original em <https://sipac.ufopa.edu.br/documentos/> informando seu número: **10**, ano: **2023**, tipo: **RESOLUÇÃO**, data de emissão: **09/05/2023** e o código de verificação: **4674c0ad59**